



**CULTURA DE
PAZ NA LUTA
CONTRA A VIOLÊNCIA
ÀS MULHERES
E MENINAS**

VERA VIEIRA

**São Paulo
2019**

CULTURA DE PAZ NA LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA ÀS MULHERES E MENINAS

Vera Vieira

**São Paulo
2019**



associacao@mulherespaz.org.br
www.mulherespaz.org.br

Título:
Cultura de Paz na Luta contra a
Violência às Mulheres e Meninas

Autora da publicação e do projeto:
Vera Vieira (Associação Mulheres pela Paz)

Editora:
Associação Mulheres pela Paz

Projeto Gráfico e Edição:
Vera Vieira

Assistentes:
Margarete Gonçalves e Rodrigo Perini

Secretaria:
Walkíria Lobo Junqueira Ferraz

Registro Fotográfico:
Margarete Gonçalves e Rodrigo Perini

Publicação eletrônica

Transcrição das gravações:
Margarete Gonçalves e Walkíria Lobo Ferraz

Edição parcial dos depoimentos:
Leila Midlej

Capa:
Neon Cunha

Edição final:
Rosane Maximiano

Local:
São Paulo

Ano da publicação:
2019

Edição:
1a.edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vieira, Vera
Cultura de paz na luta contra a violência
às mulheres e meninas [livro eletrônico] /
Vera Vieira. -- São Paulo : Associação Mulheres
pela Paz, 2019.
10 Mb : PDF

Bibliografia
ISBN 978-85-63885-05-0

1. Cultura de paz 2. Educação 3. Educação -
Finalidades e objetivos 4. Identidade de gênero
5. Mulheres - Vítimas de violência 6. Violência -
Aspectos sociais 7. Violência contra as mulheres
I. Título.

19-31730

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura de paz : Violência : Mulheres e meninas :
Educação 370.115

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



Ser feminista pela paz significa alicerçar as ações no respeito à diversidade e pluralidade das pessoas, enfrentando a guerra do dia a dia que está retratada na discriminação de classe, gênero e suas identidades, raça, sexo, orientação sexual... Significa desconstruir as discriminações que determinam o grau de poder e oportunidade das pessoas em sociedade, tendo como principal consequência a violência contra as mulheres e meninas.

Vera Vieira - diretora-executiva da Associação Mulheres pela Paz, doutora em Comunicação e Feminismo pela USP/ECA

MUDAR É UM ATO DE CORAGEM

É aceitação plena e consciente do desafio.
É trabalho árduo para hoje, é trabalho duro para agora
e os frutos só virão amanhã, quem sabe, tão distante.
Mas quando temos a certeza de estarmos no rumo certo
a caminhada é tranquila.
E quando temos fé e firmeza de propósitos
é fácil suportar as dificuldades do dia a dia.
A caminhada é longa; muitas pessoas ficarão à margem,
outras, vão sair da estrada.

É assim mesmo.
Mas as que ficarem chegarão, com certeza.
Olhe bem ao seu redor.
As outras pessoas também têm problemas
e dificuldades como você.
E têm muitas dúvidas sobre o novo.

Converse com elas, diga como se sente e pensa,
fale das mudanças.
Não feche a janela em que você se debruça;
convide quem está a seu lado
para que venha ver da mesma perspectiva.
Assim, todas e todos nós iremos tentando descobrir, a cada dia,
novas formas de viver e trabalhar.
Assim, em pouco tempo,
nos convenceremos de que não é tão difícil mudar.

Autora desconhecida

Fonte: Fórum de Mulheres de Alagoas

ISTO É SORORIDADE...

**Quando uma mulher incentiva os vãos de outra mulher,
ela está dando asas a si mesma.**

Empoderar uma irmã te faz ouvir a própria voz, te lembrando de quem você
é, libertando todo amor e beleza que residem no coração.

Ajude, Acolha, Prestígie, Motive e Fortaleça outras Mulheres.



Jornal Agora 07/09/2019 p. A7

Assassino da jovem Rayane é condenado a 45 anos de prisão

Segurança de 28 anos confessou o crime ocorrido em outubro do ano passado em Guararema



Rayane foi morta por Mateus em 14 de outubro de 2018, em Guararema. O crime ocorreu em outubro do ano passado em Guararema. O assassino foi condenado a 45 anos de prisão.

Um filho de 1 ano e 9 meses, por volta de 16h. Na farmácia, tentou usar o cartão corporativo do marido, mas a transação foi rejeitada. Depois acabou flagrada por uma câmera em uma praça e não foi mais vista. (UOL)

QUINTA-FEIRA, 12 DE SETEMBRO DE 2019

Jornal Agora, p. A7

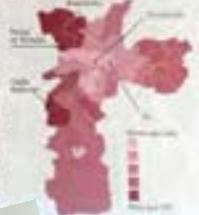
Corpo de jovem que saiu para comprar fraldas é encontrado

Foram quatro dias buscas por Aline Silva Dantas, 19 anos, moradora de Alumínio (80 km de SP). Policiais confirmaram que o corpo foi encontrado por volta das 16h de desta quarta-feira em uma área de mata, entre Vila Pedágio e Jardim Santa Luzia, caminho que a jovem deveria fazer por uma trilha para voltar para casa. Ele estava parcialmente carbonizado. A mulher desapareceu domingo (8) após sair de casa para comprar fraldas pa-

a Vila Pedágio e Jardim Santa Luzia, caminho que a jovem deveria fazer por uma trilha para voltar para casa. Ele estava parcialmente carbonizado. A mulher desapareceu domingo (8) após sair de casa para comprar fraldas pa-

Capão Redondo lidera ranking de agressão a mulher na capital

Livramento de chamados à Polícia Militar mostra 907 casos no bairro da zona sul até julho



15.561 chamados foram registrados pela Polícia Militar em julho de 2019.

1 mulher é agredida a cada 4 min

Agora | Nas Ruas A7

Menina pula do 1º andar para fugir do pai

Uma menina de dez anos pulou do primeiro andar de uma casa, em Fortaleza (CE), neste domingo (8), fugindo de uma suposta tentativa de estupro praticada pelo próprio pai. A menina está internada, e o suspeito fugiu. Segundo a SSPDS (Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social do Ceará), o homem tem 34 anos e possui passagem pela polícia por violência doméstica, roubo e furto. O nome do suspeito não foi divulgado. (UOL)

08/10/2019 Agora | Nas Ruas A7

Homem mata mulher por divisão de bens

Uma dona de casa de 47 anos foi morta pelo marido, por volta das 14h50 de sábado (5), em São Mateus (zona leste), por causa da divisão de bens entre o casal, que estava se separando após viver junto por cerca de 20 anos. Segundo a polícia, o principal suspeito pelo crime, de 54 anos, esfaqueou Gizeida Maria da Silva, na região do pescoço, e em seguida fugiu em uma bicicleta. Ele não havia sido preso até a conclusão desta edição. (A19)

QUARTA-FEIRA, 30 DE NOVEMBRO DE 2019

Agora, p. A6

Cabo que matou a ex-mulher é demitido

A Polícia Militar aplicou na terça-feira (18) pena de demissão a um cabo de 47 anos, do Batalhão de Choque, que matou a ex-mulher, de 35, na frente do filho de 7 anos, em agosto de 2017. Segundo o policial, eles estavam separados havia um ano e discutiam pela guarda do filho. O ex-marido disse em depoimento que ela "era destemperada e brigava por qualquer coisa". Ela havia registrado BO contra o PM 11 dias antes de ser assassinada. (UOL)

Material compilado por Eliel Queiroz Barros, professor de educação básica, da EMEF Altino Arantes, grande aliado na luta contra a violência às mulheres e meninas, que participou das atividades deste projeto no CEU Meninos (São João Clímaco) juntamente com alunas(os).

Sumário

Apresentação	13
I Entendendo conceitos básicos	
1. De que PAZ estamos falando?	23
2. O que é violência de gênero?	27
3. A legislação brasileira	37
4. O que é linguagem inclusiva ou linguagem não discriminatória?	47
5. A nova mulher e o novo homem	55
6. Campanha do Laço Branco	61
7. O que é educação popular feminista?	65
8. Dinâmicas e técnicas de educação popular feminista	69
9. Questionário Escala de Gênero	89
II A riqueza e a intensidade das oficinas nos 46 CEUs	99



Apresentação

Desconstruindo a maneira equivocada com que se aprende a ser homem e mulher, além da cultura racista e LGBTfóbica

Esta publicação é um instrumento de multiplicação contendo a rica trajetória teórica e prática do ciclo de palestras-oficinas intitulado “Promoção da cultura de Paz na Luta contra a Violência às Mulheres e Meninas”. As atividades foram realizadas em 2019 e foram direcionadas às mulheres e homens, incluindo jovens, das comunidades de todas as 46 unidades dos CEUs - Centros Educacionais Unificados, localizados nas periferias do município de São Paulo, como Brasilândia, Itaim Paulista, Capão Redondo, Jaguaré. Foi fundamental atingir ao público que vive nos bairros localizados nas extremidades da maior cidade das Américas (população total de 12,8 milhões de habitantes), por meio de ações educativas construídas de forma dialógica, visando interromper o ciclo de perpetuação da violência contra mulheres e meninas. O conteúdo, apresentado com dinâmicas de educação popular feminista, agregou o conceito ampliado de paz (Resolução 1325 da ONU), o processo de construção/ desconstrução dos estereótipos sexistas, racistas, LGBTfóbicos e demais interseccionalidades - sobreposição de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação -, as consequências das desigualdades, a legislação brasileira e como procurar ajuda.

A violência contra mulheres e meninas é uma epidemia que não escolhe classe social, raça, etnia, nível educacional, idade, localização geográfica, religião... A perspectiva mundial é trágica e desoladora: uma em cada três meninas será vítima de violência física ou sexual no transcorrer da vida. Hoje, no Brasil, a cada 20 segundos uma mulher é agredida, a cada 11 minutos uma mulher é estuprada, a cada 2h30 ocorre um estupro coletivo, a cada 2 horas uma mulher é assassinada. As estatísticas demonstram uma realidade trágica cuja raiz do problema está na construção social de gênero, que é aceita culturalmente e vem sendo mantida historicamente há milênios. Assim, há a necessidade de unir esforços de mulheres e homens para alcançar a paz, a segurança e a justiça social. O conceito ampliado de paz é um instrumento eficaz na abordagem da violência em atividades direcionadas a mulheres e homens, principalmente junto ao público jovem. De antemão, tem a força de “desarmar” ambos os sexos, para se aprofundar em uma temática que vai trazer transformações no comportamento cotidiano de cada pessoa e beneficiar a toda a sociedade. Tal conceito de paz não se restringe à sua aplicação no conflito armado e em suas consequências. Trata-se de um conceito que remete às ações do cotidiano. A guerra do dia a dia também está retratada nas discriminações e na violência contra mulheres e meninas, que é a principal consequência da forma equivocada com que se constrói as identidades feminina e masculina.

É importante destacar a utilização da metodologia de educação popular feminista, que prima pela construção coletiva,

dialógica, com base na realidade das pessoas participantes, “com elas” e não “para elas”. Considera-se a premissa de que cada grupo com o qual se trabalha é uma fonte de mediação que é potencializadora da transformação social, por meio de um processo democrático de construção, que oferece sustentação para a atuação profissional, política e o envolvimento de novos atores. Leva em conta aspectos objetivos e subjetivos, pois considera que a realidade é construída pelas pessoas tanto pela via da razão como pela via da emoção. As oficinas são enriquecidas com dinâmicas de sensibilização, as quais são consideradas componentes importantes no sentido de explorar a riqueza da subjetividade das pessoas.

Dentre todos os desafios que se tem pela frente para o avanço no enfrentamento à violência contra mulheres e meninas - como implementação de legislações e implantação de políticas públicas - sem sombra de dúvida, o caminho mais árduo e difícil é o conhecido “trabalho de formiguinha” no dia a dia: a educação para novas relações entre as pessoas, que inclui a desconstrução dos preconceitos sexistas, racistas e LGBTfóbicos. E esse foi o principal objetivo deste projeto que alcançou diretamente um público de mais de 6 mil pessoas, além de milhares de outras atingidas pelos materiais didáticos exclusivamente produzidos - folder, cartaz e esta publicação - e a incidência nas mídias sociais. Pode-se listar os seguintes resultados alcançados nessa rica trajetória: troca de solidariedade e apoio entre sobreviventes de violência de gênero e outras mulheres e meninas que participaram das atividades práticas; contribuição na implantação e implementação de ações relativas à prevenção da violência contra mulheres e meninas; contribuição para o avanço no enfrentamento à cruel realidade da violência contra mulheres e meninas, principalmente nas grandes periferias da cidade de São Paulo; sensibilização do público em geral para a gravidade da problemática; aumento da conscientização e quebra de resistência com relação à incorporação de homens em processos educativos no enfrentamento à violência contra mulheres e meninas; aumento da sensibilidade de integrantes das mídias sobre a gravidade da problemática, como consequência das desigualdades entre mulheres e homens; fortalecimento das parcerias entre o poder público municipal e organizações da sociedade civil, em busca de uma sociedade mais justa e equitativa.

Este projeto foi realizado pela Associação Mulheres pela Paz, uma ONG com sede em São Paulo, fundada em 2003, cujo foco principal de trabalho é o enfrentamento à violência contra mulheres e meninas, que se materializa no cotidiano pela violência doméstica, violência sexual e tráfico de pessoas para fins de exploração sexual. Contou com a parceria da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura do Município de São Paulo e o patrocínio fundamental da Uber, cujo programa de impacto social prioriza a segurança do público feminino. Um agradecimento especial à vereadora Juliana Cardoso, responsável pelas tratativas iniciais com o então Secretário de Educação João Cury Neto que aprovou o Acordo de Cooperação de imediato. Registramos também o empenho e carinho da equipe dessa Secretaria - Uyara Vieira Costa de Andrade, coordenadora de COCEU; Ana Carolina Weiss, diretora de Divisão de Gestão Democrática e Programas Intersecretarias; Taíze Grotto de Oliveira, assistente técnica-educacional -, assim como das(os) profissionais dos CEUs e das DREs. Por fim, o imprescindível trabalho da assistente Margarete Gonçalves, do assistente Rodrigo Perini e da secretária Walkíria Lobo Ferraz, da Associação Mulheres pela Paz.

Vera Vieira e Clara Charf

Enfrentando a violência de gênero: uma perspectiva da UBER

As oficinas conduzidas pela Associação Mulheres pela Paz em todos os CEUs de São Paulo foram uma enorme contribuição para a discussão sobre cultura de paz e enfrentamento à violência contra a mulher fora dos eixos mais centrais da cidade. Assim como a Uber tem como parte de sua missão conectar as pontas das cidades e promover o acesso na mobilidade urbana, o projeto conduzido por Vera Vieira e Clara Charf, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, também mostrou que é possível - e necessário - levar o debate sobre desigualdade de gênero às periferias. O apoio da Uber ao ciclo “Promoção da cultura de paz na luta contra a violência às mulheres e meninas” faz parte do compromisso público anunciado pela empresa para o enfrentamento à violência contra a mulher no Brasil no final de 2018, com ações executadas durante todo o ano de 2019. A Associação Mulheres pela Paz foi uma das organizações do terceiro setor especializadas no tema a integrar a frente formada pela Uber para ajudar a tratar do problema da violência de gênero, seja dentro ou fora da plataforma.

Segundo o último anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a cada hora no Brasil quatro meninas de até 13 anos foram estupradas e 536 mulheres foram vítimas de agressão física (4,7 milhões de mulheres) ao longo de 2018. No período, foram registrados 1.206 casos de feminicídio no Brasil; um crescimento de 11,3% com relação a 2017. Desse total, 61% das mulheres eram negras e, em 88,8% dos casos, o autor foi companheiro ou ex-companheiro. Sabemos que essa violência contra a mulher é um problema complexo e sistêmico, que também interfere diretamente na mobilidade urbana. Mulheres são obrigadas a pensar na própria segurança antes de sair de casa, podem sentir necessidade de evitar meios de transporte à noite e contam com menos opções de locomoção quando são moradoras de periferias. A Uber acredita que a tecnologia tem um poder transformador e pode, inclusive, desenvolver soluções para contribuir com questões de segurança. Por meio dela, é possível buscar caminhos para que mulheres e meninas tenham mais condições de fazer valer seu direito de ir e vir.

Embora a tecnologia seja um instrumento importante, sabemos que essa busca pelo direito das mulheres não se resume a um desafio apenas nessa área. É também uma jornada de aprendizado, educação, mudanças de processo e, talvez o mais desafiador, estímulo à mudança do comportamento humano. Do nosso lado, acreditamos que promovendo a segurança e o respeito é possível criar um ambiente mais inclusivo para as mulheres e queremos usar o alcance da

plataforma da Uber e a força da tecnologia para fazer parte da solução, mas sem nunca abrir mão de seguir dialogando com a sociedade civil, que reúne os verdadeiros especialistas no tema.

Ao longo desse ano, tivemos avanços importantes, mas temos consciência de que, apesar dos primeiros passos, ainda há muito a ser feito e que esse tema demanda um compromisso de longo prazo. Não vamos parar por aqui.

Flávia Annenberg
Gerente de Políticas Públicas - UBER
Líder Nacional do Grupo de Mulheres da UBER

Apoiando a cultura de paz na construção cotidiana das relações

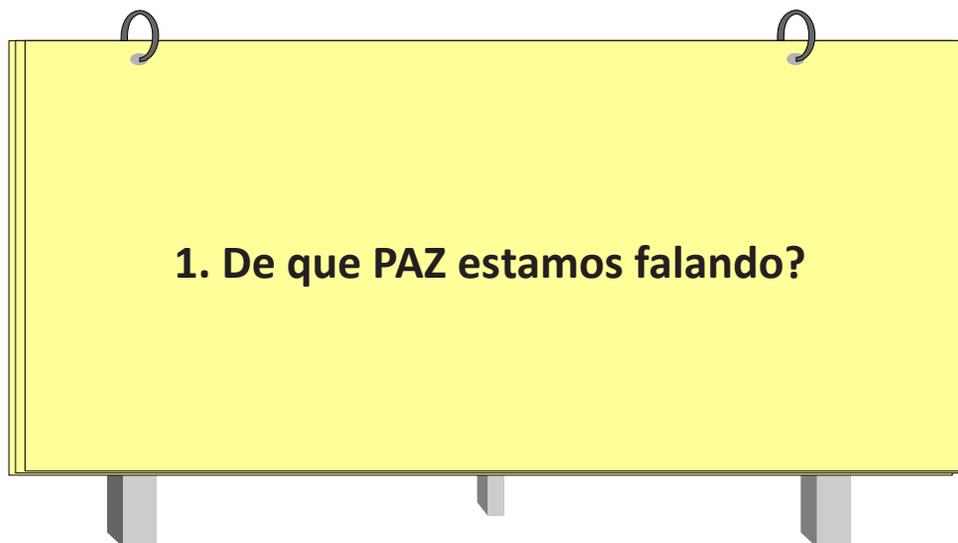
A parceria formalizada entre a Secretaria Municipal de Educação – SME, por meio da Coordenadoria dos CEUs e da Educação Integral – COCEU, com a ONG Associação Mulheres pela Paz, para desenvolvimento do Projeto “Cultura de Paz na luta contra a violência às mulheres e meninas”, contribuiu significativamente para divulgar a cultura da paz como construção cotidiana no âmbito dos 46 Centros Educacionais da Cidade de São Paulo que receberam a palestra com abordagem na temática relacionada a relações de gênero, proporcionando reflexões extremamente importantes sobre o prisma de estereótipos sexistas e racistas, as consequências das desigualdades e da Lei Maria da Penha.

A Secretaria Municipal de Educação entende que o desenvolvimento de ações que versam sobre essa temática é de suma importância e vai ao encontro dos programas e projetos acompanhados e executados pela Coordenadoria dos CEUs, pois pressupõe a participação efetiva dos vários segmentos da comunidade escolar, pertencentes ao território, assim como fomenta o fortalecimento da rede de serviços contra a violência à mulher, formado por atores governamentais, não governamentais e universidades, sensibilização de gestores de políticas públicas para o conceito ampliado de paz, sensibilização de comunicadores de mídias para a divulgação da paz como segurança humana e justiça, sensibilização dos movimentos feminista e de mulheres no sentido de acolherem a Resolução supracitada da ONU como mais uma ferramenta de enfrentamento à violência contra a mulher, visibilidade às ações que fomentem a paz através da construção coletiva de uma metodologia de educação popular feminista para trabalhar com mulheres e homens.

Secretaria Municipal de Educação
Prefeitura do Município de São Paulo

I - Entendendo conceitos básicos





- ➡ Estamos falando do *conceito ampliado de PAZ*, alicerçado na *segurança humana e justiça social*.
- ➡ PAZ não significa passividade, pois, muito pelo contrário, ela está retratada nas ações do cotidiano.
- ➡ Significa promover meios ativos e não violentos em busca da solução de conflitos, injustiças estruturais e desigualdades.
- ➡ Significa a busca pelo entendimento entre as pessoas, respeitando-se as diferenças.
- ➡ PAZ não é apenas o oposto de guerra armada, pois significa vencer a guerra do dia a dia que está retratada na discriminação de classe social, no sexismo, no racismo, na LGBTfobia, na violência contra mulheres e meninas.

Essas são as premissas do conceito ampliado de PAZ que se baseia na Resolução 1325 da ONU (Organização das Nações Unidas), com o qual a Associação Mulheres pela Paz trabalha desde 2003 quando foi fundada, liderada por Clara Charf, grande ativista dos direitos humanos, hoje com

94 anos. A Resolução 1325 foi adotada pelo Conselho de Segurança da ONU em 31 de outubro de 2000. Relembra resoluções anteriores e o discurso do presidente da ONU à imprensa, no Dia das Nações Unidas para os Direitos da Mulher e Paz Internacional (Dia Internacional da Mulher),

em 8 de março de 2000. Relembra, também, o comprometimento da Declaração de Beijing e a Plataforma de Ação (A/52/231), assim como o documento da 23ª Seção Especial da Assembleia da ONU, intitulada “Mulheres 2000: Igualdade de Gênero, Desenvolvimento e Paz para o Século 21”, e, em particular, aqueles concernentes a mulheres e conflitos armados. Expressa “preocupação que civis, particularmente mulheres e crianças, sendo a vasta maioria dos afetados pelo conflito armado, incluindo pessoas refugiadas e deslocadas internamente, e progressivamente são alvos de combatentes e elementos armados, e reconhecendo o conseqüente impacto que isto tem sobre a paz durável e reconciliação”.

As mulheres têm trabalhado ativamente pela paz, realizando negociação e mediação em suas comunidades ou entre grupos rivais. Elas têm feito isso como indivíduos, como mães, como membros de grupos de mulheres. O conceito de paz com que essas mulheres vêm trabalhando não se restringe à sua aplicação no conflito armado e em suas conseqüências. Trata-se de um conceito de paz ampliado, que remete às ações do cotidiano. A guerra do dia a dia está retratada na discriminação de classe, gênero, raça e sexo; na violência contra a mulher; na falta de moradia; na ausência de atendimento à saúde; no desemprego; na desigualdade salarial; na impossibilidade de continuar os estudos; na exclusão dos processos sociais, econômicos, políticos, culturais e institucionais...

Foi exatamente para dar visibilidade à luta cotidiana

das mulheres pela paz em todo o mundo que surgiu, na Suíça, o projeto “1000 Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz 2005”. Até então, somente seis mulheres haviam recebido tal prêmio, sendo que elas estão à frente da luta contra todas as injustiças de nossa sociedade, em defesa dos direitos humanos, protegendo crianças e pessoas idosas, eliminando a pobreza, denunciando todas as formas de violência estrutural, discriminação patriarcal, por educação, saúde e meio ambiente. São mulheres que promovem meios ativos e não violentos pela solução de conflitos, injustiças estruturais e desigualdades, pelo entendimento entre povos e raças.

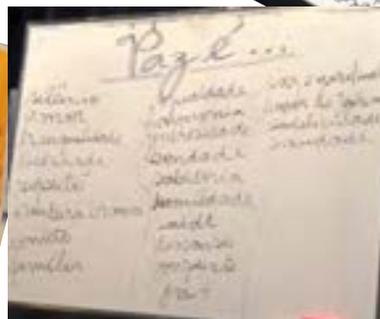
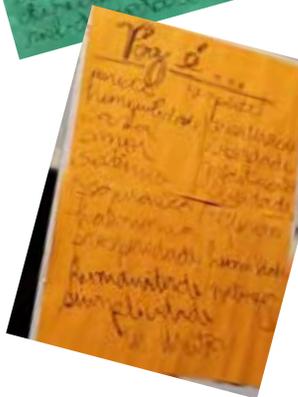
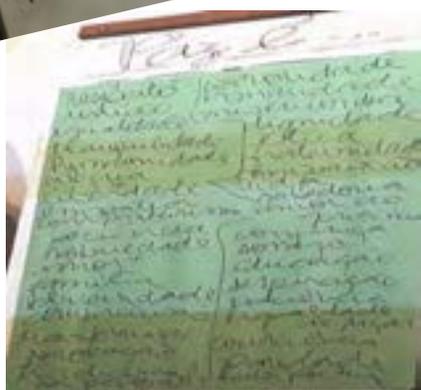
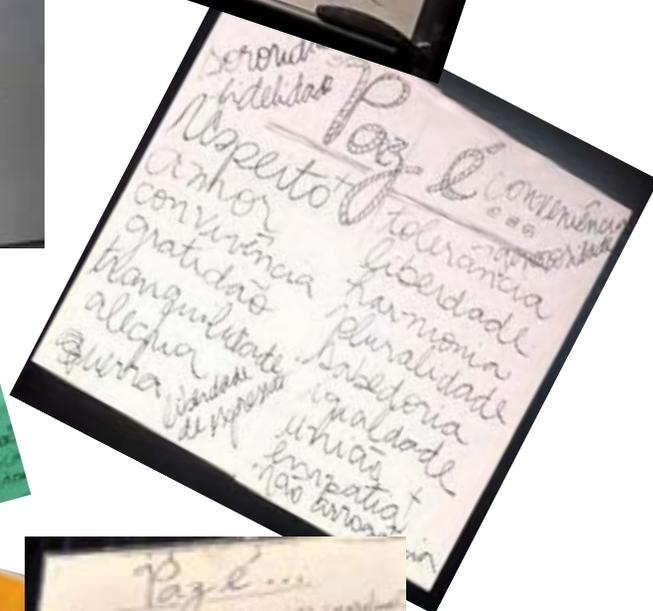
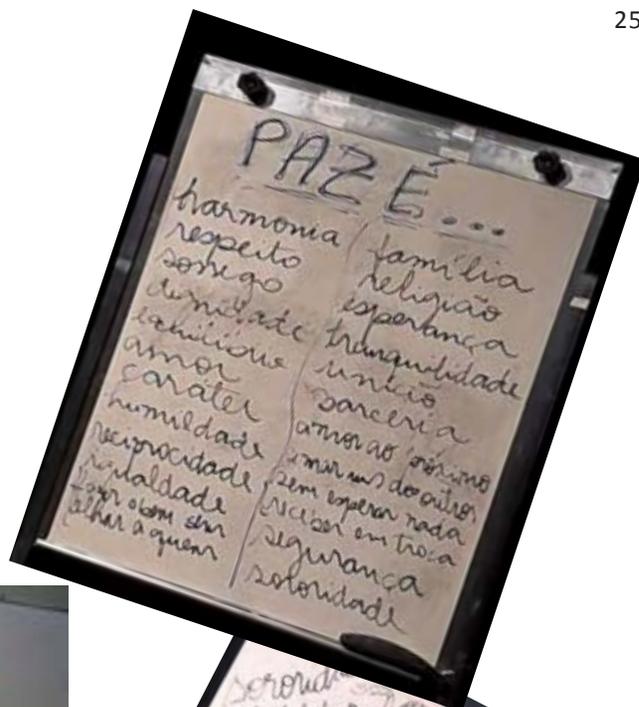
Do Brasil, foram 52 as mulheres indicadas, que trabalham na cidade, no campo, nas universidades, hospitais, centros de trabalho. Brancas ou negras, destacando-se pela sua coragem, por suas experiências inovadoras e coletivas, forjando, com seu esforço diário, a paz, que, segundo a ONU, é segurança humana e justiça.

A partir de então, a Associação Mulheres pela Paz deu continuidade às ações de dar visibilidade ao trabalho da mulher, além de focar também no enfrentamento à violência contra a mulher, que se materializa na vida cotidiana pela violência doméstica, violência sexual e tráfico de pessoas para fins de exploração sexual.

A entidade vem rodando o Brasil afora com oficinas, painéis públicos, exposições, materiais didáticos e intervenção nos diversos meios de comunicação de massa. E foi motivo de muito orgulho a rica experiência deste

projeto nas 46 unidades dos CEUs da cidade de São Paulo, num processo de real aprendizado dialógico. Nesta página, diversas produções do entendimento sobre o conceito ampliado de Paz por participantes de diferentes unidades.

Ao assumir que o trabalho feito nas organizações dos diversos movimentos é parte desse conceito de “paz” ampliado, estará ocorrendo uma disseminação dessa concepção, visando à construção de um novo ser humano.



QUINTA-FEIRA, 5 DE SETEMBRO DE 2019

Jornal Agora, p.A6

Homem é preso por queimar a namorada

■ A Polícia Civil pediu a prisão de um homem suspeito de incendiar a companheira no domingo (1º), em Duque de Caxias (RJ). Taylane Sampaio, 19, teve 40% do corpo queimado e está internada no hospital Adão Pereira Nunes. Seu estado de saúde é gravíssimo. O namorado teria deixado a prisão em junho. A família da vítima disse que o namorado teria usado diesel ou gasolina para incendiar a jovem. A motivação não foi esclarecida. (UOL)

Agora | Nas Ruas A7

Brasileiras teriam sido vítimas de tráfico

■ Cinco homens foram presos na província de Gyeonggi, na Coreia do Sul, por terem forçado mulheres brasileiras a fazer sexo depois de levá-las ao país sob promessa de que elas se tornariam estrelas de K-pop. Segundo informações do jornal "Korea Times", a polícia investiga o grupo por suspeitas de confinamento, tráfico de pessoas e tráfico sexual. As mulheres, que têm entre 20 e 30 anos, foram aliciadas pelas redes sociais. (UOL)

46 Agora | Nas Ruas

Jovem é achada morta após sair para encontro marcado na internet

■ A Polícia Civil do Rio de Janeiro investiga a morte de Alayane da Silva de Freitas, 24, cujo corpo foi encontrado na última semana em um rio no bairro Costa Dourada, em Duque de Caxias. Ela estava acompanhada de uma amiga e uma amiga brasileira. A vítima teria partido do crime. "Diligências estão sendo realizadas", explicou a delegada Riva redessocias. Alayane postava muitas fotos ao lado dos dois filhos um de sete anos e um bebê de oito meses, sempre destacando o amor que sentia por eles. (UOL)

Morre garota queimada no Rio de Janeiro

■ A jovem Taylane Sampaio, 19 anos, morreu quarta-feira (4), dois dias após ser incinerada espontaneamente pelo namorado em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Suspeito de cometer o crime se entregou à polícia horas depois da morte de Taylane e negou ser o autor do ato. Taylane teve 40% do corpo queimado e foi socorrida pelo próprio companheiro para a UPA (Unidade de Pronto Atendimento), mas não resistiu. (UOL)

NO INTERIOR

Professor de religião é preso acusado de estuprar 9 alunas

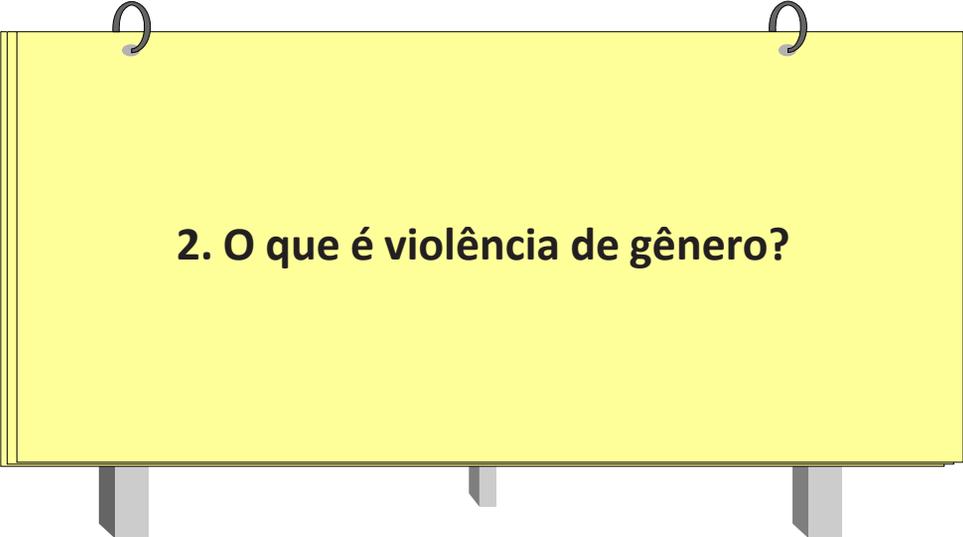
A5

Idosa é morta por sobrinho alcoólatra

■ Um desempregado de 48 anos foi preso em flagrante e teve prisão preventiva decretada nesta quinta-feira (12) pelo assassinato da tia, de 71 anos, com quem morava em Ermelino Matarazzo (zona leste de SP). O corpo da idosa foi encontrado em adiantado estado de decomposição na residência por policiais militares, que foram até o local, após denúncias de vizinhos, que sentiram um forte mau cheiro vindo de dentro do imóvel. No quarto ao lado, o suspeito, que é alcoólatra, foi encontrado na cama enrolado em cobertores. Indagado sobre o corpo da tia, ele, em um primeiro momento, afirmou que não sabia o que tinha ocorrido. Encaminhado à delegacia, acabou confirmando que havia discutido e agredido a tia no dia anterior. Ele relatou que tinha bebido muito e atribuiu o crime ao alcoolismo. (MM)

Agora, 14/09/2019, pA6

Material compilado por Eiel Queiroz Barros, professor de educação básica, da EMEF Altino Arantes, grande aliado na luta contra a violência às mulheres e meninas, que participou das atividades deste projeto no CEU Meninos (São João Clímaco) juntamente com alunas(os).



2. O que é violência de gênero?

- ➡ Violência de gênero é aquela dirigida a uma pessoa por causa de seu sexo biológico OU sua identidade de gênero.
- ➡ Pode acontecer tanto com mulheres quanto com homens, mas as mulheres e meninas são a grande maioria das vítimas. É por isso que a expressão é utilizada comumente intercambiada com violência contra a mulher.
- ➡ Se por um lado, as vítimas são majoritariamente mulheres e meninas, por outro, os agressores/ autores são em sua maioria homens.
- ➡ A violência de gênero acontece no espaço privado, público e virtual, indo desde o famoso “fui-fui até agressão e homicídio.
- ➡ Em resumo, é qualquer ação ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano, ou sofrimento físico, sexual, psicológico, moral ou patrimonial à mulher.
- ➡ A raiz do problema está na construção social das normas de gênero e nas relações desiguais de poder e oportunidades, que colocam a mulher em condição de inferioridade ao homem.

TIPOS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO

MAIS CONHECIDOS

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

VIOLÊNCIA SEXUAL

TRÁFICO SEXUAL

PERSEGUIÇÃO

MENOS CONHECIDOS

ASSÉDIO DE RUA

CRIMES BASEADOS EM HONRA

CASAMENTO PRECOCE E FORÇADO

ASSÉDIO VIRTUAL (ONLINE)

1 EM CADA 3 MULHERES

sofrerá violência física ou sexual durante sua vida

Gênero é uma construção social, que vem sendo culturalmente aceita e historicamente mantida, há milênios. Daí, a dificuldade de se alterar a trágica estatística acima. Já sexo é fixo e se refere às diferenças anatômicas e fisiológicas existentes entre homens e mulheres. São relações desiguais que colocam a mulher em condição de inferioridade ao homem, com sérias consequências para toda a sociedade.

A maneira equivocada com que se aprende a ser mulher e a ser homem precisa ser desconstruída em todos

os espaços: dentro de casa, na rua, nas escolas, nas igrejas, nas leis, nas instituições públicas e privadas, na literatura (na escrita e nas imagens), nos meios de comunicação de massa...

Mas o que significa o **preconceito** que se tem com as pessoas? Preconceito é qualquer opinião ou sentimento concebido sem exame crítico. É um sentimento hostil assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio. É intolerância: contra pobres, mulheres, negros,

homossexuais, travestis, transgêneros, indígenas, portadores(as) de deficiências, migrantes...

E isso vai gerar a **discriminação** - que é a conduta

injusta e infundada de transgredir os direitos de uma pessoa, com base em raciocínio sem conhecimento adequado sobre a questão.

SEXO	GÊNERO
<p>é biológico,</p> <p>⇩</p> <p>nascemos com ele,</p> <p>⇩</p> <p>é natural.</p> <p>⇩</p> <p>Exemplos:</p> <p>apenas as mulheres podem dar à luz ou amamentar; apenas os homens produzem espermatozóides.</p>	<p>é uma construção social com base nas diferenças,</p> <p>⇩</p> <p>não se nasce com ele,</p> <p>⇩</p> <p>é cultural, podendo ser reconstruído.</p> <p>⇩</p> <p>Exemplos:</p> <p>mulheres e homens podem trabalhar como engenheiras(os); ambos podem cuidar das crianças, das pessoas idosas e doentes.</p>
<p>Este esquema não implica uma visão binária sobre gênero. É importante o discernimento sobre as nuances existentes no percurso das posições antagônicas do ser feminino e do ser masculino. Conforme Fagundes (2001), “dada a natureza social do conceito de gênero e de identidade, ambos estão afinados aos estereótipos culturais, fundamentados nas diferenças genitais feminina e masculina que os transcendem. Entretanto, entre esses dois modelos ou pólos, feminino e masculino, há uma infinidade de conjugações de níveis e intensidade, que extrapolam os espaços definidos pela sociedade para serem ocupados pelas mulheres e pelos homens” (artigo Educação e Construção da Identidade de Gênero publicado no livro Ensaio sobre Gênero e Educação).</p>	

Em toda a história humana, o que se fez foi se padronizar as características sexuais do homem e da mulher. A mulher é vista como o sexo frágil e o homem, como o sexo forte, criando essa relação de dominação e subordinação. As esferas do trabalho reprodutivo e de gestão comunitária, para as quais não é dado valor, são tidas como “coisas de mulher”. A esfera do trabalho produtivo — que é feito em troca de pagamento, quer dizer, tem valor e poder — é tida como “coisa de homem”.

As mulheres que trabalham e são remuneradas acabam por arcar com a tripla jornada, já que a maioria dos homens resiste a dividir as tarefas domésticas/reprodutivas e comunitárias, de acordo com o modelo que se reproduz culturalmente através dos séculos. É o que se denomina “patriarcado”, um dos princípios estruturadores da sociedade, que coloca a mulher em posição de subordinação ao homem.

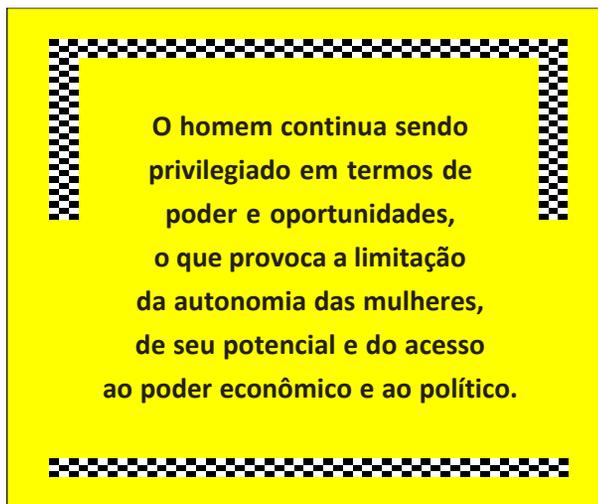
O homem continua sendo privilegiado em termos de poder e oportunidades, o que provoca a limitação da autonomia das mulheres, de seu potencial e do acesso ao poder econômico e ao político. As consequências para toda a sociedade são graves, conforme quadro de estatísticas

nas próximas páginas, que mostram que a discriminação que as pessoas sofrem em seu cotidiano não podem ser analisadas apenas com base na classe social a que pertencem, mas levando em conta também sexo, raça/etnia, idade, religião, orientação sexual, identidade de gênero. São esses os principais fatores que vêm determinando

uma distribuição desigual e injusta de oportunidades e poder ao longo da vida das pessoas.

A construção cultural de gênero que se dá ao longo dos séculos, caracterizada por relações desiguais entre homens e mulheres, é reforçada por símbolos, leis/normas/valores, instituições e subjetividade. Os símbolos da mulher e do homem nas estorinhas infantis, por exem-

plo, são sempre de princesas e mocinhas boazinhas e fraquinhas. As bruxas são sempre feias e ruins. Os homens são sempre heróis, fortes, corajosos, violentos e nunca choram. Essas “qualidades” dos homens e mulheres são transportadas para a linguagem das imagens e da escrita. Vão estar presentes nas músicas, nas lendas, nos ditados populares, nos romances, nos livros didáticos. Ao folhear livros, por exemplo, percebe-se o quanto a linguagem es-



crita e imagética contribuem para a naturalização dos estereótipos: “denegrir a imagem”, “judiar das pessoas”, “salvar o planeta é tarefa do homem”; figuras da mulher desempenhando tarefas domésticas e do homem em cargos executivos...

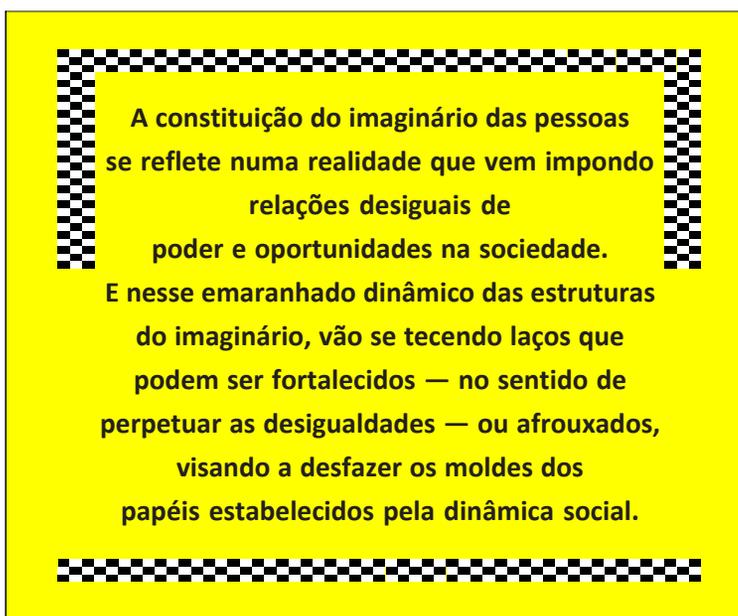
Além das leis, há normas e valores intimamente conectados à educação, à tradição e aos costumes, que vão, ao longo do tempo, desvalorizando o feminino e superestimando o masculino. As instituições também têm um forte poder. O que acontece é o seguinte: a expressão das normas e dos valores vão estar presentes nas instituições — família, trabalho, política, igreja, escola, mídia, justiça, etc. Alguns exemplos: se uma mulher cozinha, sua profissão é denominada cozinheira; quando o homem exerce essa função, ele é chef. Até bem pouco tempo, a mulher não exercia o cargo de juíza. Pela primeira vez, finalmente, o Brasil teve uma presidenta da República. A maioria do professorado é formado por mulheres, mas quem assume a direção geralmente é o homem.

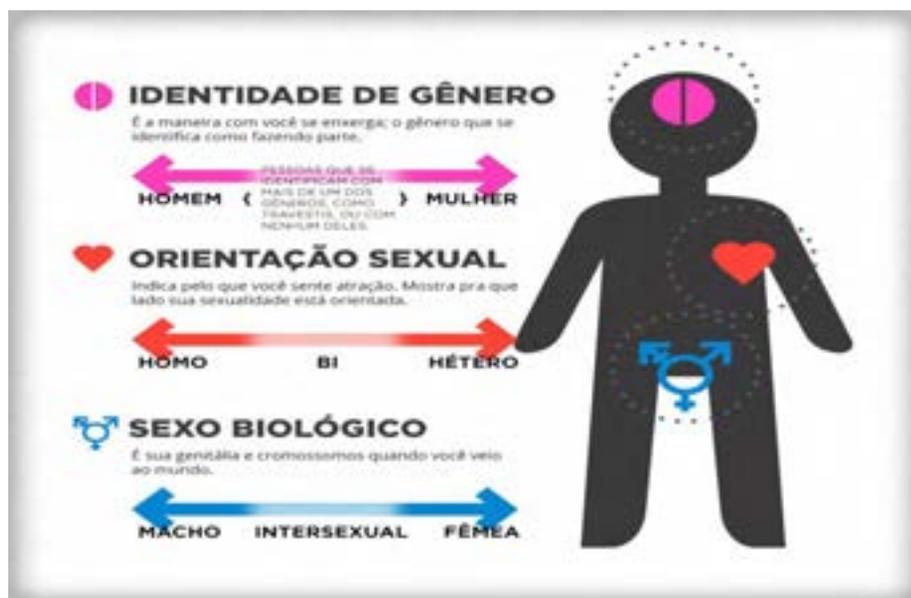
E o que é a subjetividade? É ela que revela nossos

temores, nossos anseios, sonhos, esperanças... Tudo isso vai compor a identidade de cada pessoa, que, obviamente, estará impregnada de estereótipos sexistas. Deve-se ter em mente que a realidade é construída pelas pessoas tanto pela via da razão quanto pela via da emoção, quer

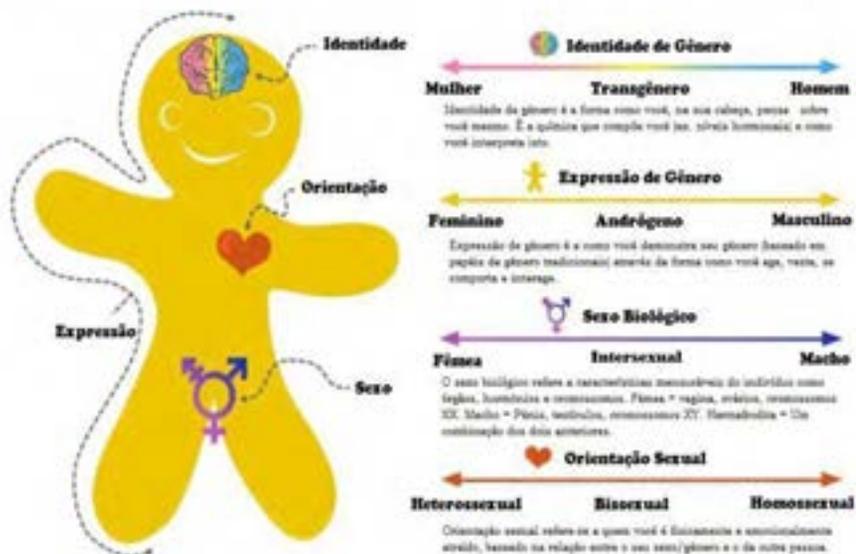
dizer, com aspectos objetivos e subjetivos. Ao constatar que “é mais difícil desagregar um preconceito do que um átomo”, Einstein colocava em xeque as forças subjetivas com as objetivas. A constituição do imaginário das pessoas se reflete numa realidade que vem impondo relações de poder e

oportunidades na sociedade. E nesse emaranhado dinâmico das estruturas do imaginário, vão se tecendo laços que podem ser fortalecidos — no sentido de perpetuar as desigualdades — ou afrouxados, visando a desfazer os moldes dos papéis estabelecidos pela dinâmica social. É por isso que mulheres e homens podem se unir para a harmonização das relações sociais de gênero. Todo mundo sai ganhando!





Os termos que expressam nossa sexualidade/afetividade:



ESCLARECENDO ALGUNS TERMOS

Assexual: Pessoa que não sente atração sexual por pessoas de qualquer gênero.

Bissexual: Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de qualquer gênero.

Cisgênero: Conceito “guarda-chuva” que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.

Crossdresser: Pessoa que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual. Geralmente são homens heterossexuais, casados, que podem ou não ter o apoio de suas companheiras.

Gênero: Classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres. Orienta papéis e expressões de gênero. Independe do sexo.

Heterossexual: Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica.

Homem Transexual: Pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem. Alguns também se denominam *transhomens* ou *Female-to-Male* (FtM).

Homossexual: Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero igual ou àquele com o qual se identifica.

Identidade de Gênero: Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero.

Intersexual: Pessoa cujo corpo varia do padrão de masculino ou feminino culturalmente estabelecido, no que se refere a configurações dos cromossomos, localização dos órgãos genitais (testículos que não desceram, pênis demasiado pequeno ou clitóris muito grande, final da uretra deslocado da ponta do pênis, vagina ausente), coexistência de tecidos testiculares e de ovários. A intersexualidade se refere a um conjunto amplo de variação dos corpos tidos como masculinos e femininos, que engloba, conforme a denominação médica, hermafroditas verdadeiros e pseudo-hermafroditas. O grupo composto por pessoas intersexuais tem se mobilizado cada vez mais, em nível mundial, para que a intersexualidade

não seja entendida como uma patologia, mas como uma variação, e para que não sejam submetidas, após o parto, a cirurgias ditas “reparadoras”, que as mutilam e moldam órgãos genitais que não necessariamente concordam com suas identidades de gênero ou orientações sexuais.

LGBT: Acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Eventualmente, algumas pessoas utilizam a sigla GLBT, ou mesmo LGBTTT, incluindo as pessoas transgênero/*queer*. No Chile, é comum se utilizar TLGB; em Portugal também se tem utilizado a sigla LBTTQI, incluindo pessoas *queer* e intersexuais. Nos Estados Unidos, se encontram referências a LBTTTQIA (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais, *Queer*, Intersexuais e Assexuados).

Mulher Transexual: Pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher. Algumas também se denominam *transmulheres* ou *Male-to-Female* (MtF).

Nome Social: Nome pelo qual as travestis e pessoas transexuais se identificam e preferem ser identificadas, enquanto o seu registro civil não é adequado à sua identidade e expressão de gênero.

Orgulho: Antônimo de vergonha. Conceito desenvolvido pelo movimento social LGBT para propagar a ideia de que a forma de ser de cada pessoa é uma dádiva que a aproxima de comunidades com características semelhantes às suas, e deve ser afirmada como diferença que não se altera, não deveria ser reprimida nem recriminada.

Orientação Sexual: Atração afetivo-sexual por alguém. Sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero.

Papel de Gênero: Modo de agir em determinadas situações conforme o gênero atribuído, ensinado às pessoas desde o nascimento. Construção de diferenças entre homens e mulheres. É de cunho social, e não biológico.

Processo Transexualizador: Processo pelo qual a pessoa transgênero passa, de forma geral, para que seu corpo adquira características físicas do gênero com o qual se identifica. Pode ou não incluir tratamento hormonal, procedimentos cirúrgicos variados (como mastectomia, para homens transexuais) e cirurgia de redesignação genital/ sexual ou de transgenitalização).

Queer (ou Andrógino ou Transgênero): Termo ainda não consensual com o qual se denomina a pessoa que não se enquadra em nenhuma identidade ou expressão de gênero.

Sexo: Classificação biológica das pessoas como machos ou fêmeas, baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais.

Transfobia: Preconceito e/ou discriminação em função da identidade de gênero de pessoas transexuais ou travestis.

Transformista (ou *Drag Queen/ Drag King*): Artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual.

Transgênero: Conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.

Transexual: Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Evite utilizar o termo isoladamente, pois soa ofensivo para pessoas transexuais, pelo fato de essa ser uma de suas características, entre outras, e não a única. Sempre se refira à pessoa como *mulher* transexual ou como *homem* transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica.

Travesti: Pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Referir-se a ela sempre no feminino, o artigo “a” é a forma respeitosa de tratamento.

AS CONSEQUÊNCIAS DAS RELAÇÕES DESIGUAIS DE PODER E OPORTUNIDADES

São as desigualdades de gênero, classe, raça, etnia, orientação sexual e identidade de gênero os principais fatores que vão determinar o grau de poder e oportunidades das pessoas na sociedade, como bem demonstram as estatísticas apresentadas na página seguinte. Como são construções sociais, já que não se nasce com essas diferenças, podem ser mudadas, para se conseguir uma sociedade mais harmoniosa, justa e igualitária. Esse olhar significa ficar de antena ligada para perceber se nossas atitudes e a dos outros estão reforçando o preconceito entre as pessoas que são diferentes pelo sexo, pela classe social, pela raça, pela etnia,

pela orientação sexual, pela identidade de gênero, pela idade, pela religião, pela nacionalidade...

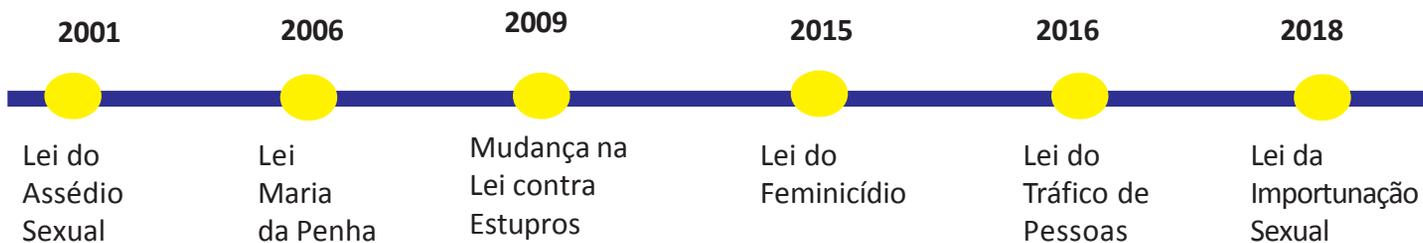
Perceber as atitudes dentro de casa; com os(as) filhos(as); com o marido; com os parentes; com os(as) amigos(as); com o(a) namorado(a); na escola; ao ler um livro, revista ou jornal; ao assistir TV ou um filme...; no relacionamento de trabalho, com colegas e chefes... A partir dessa percepção, já se tem meio caminho andado para desconstruir o que aprendemos, o que vai levar à transformação dessa prática no dia a dia, para a conquista de uma sociedade mais justa e equitativa.

ESTATÍSTICAS DO BRASIL

- ⇒ a cada **20 segundos** uma mulher é **agredida**;
- ⇒ a cada **11 minutos** uma mulher é **estuprada**;
- ⇒ a cada **2h30** ocorre um **estupro coletivo**;
- ⇒ a cada **2 horas** uma mulher é **assassinada**
- ⇒ o Brasil é o **quinto país** do mundo com o maior número de **feminicídio**;
- ⇒ o Brasil é **campeão** do mundo em assassinato de **transgêneros**;
- ⇒ o país é **rota de origem, destino e movimentação de pessoas traficadas** (com 241 rotas nacionais e internacionais), sendo que 71% das vítimas são mulheres e meninas exploradas sexualmente;
- ⇒ **40%** das mulheres são **chefes de família** (34% das famílias havia cônjuge);
- ⇒ a **jornada semanal de trabalho** da mulher é de **53,6 horas** e a dos homens de 46,1 (7,5 horas de diferença); acúmulo da **tripla jornada** (trabalho remunerado, afazeres domésticos e tarefas reprodutivas).
- ⇒ as mulheres **ganham em média 23% menos** do que os homens na mesma função, mesmo com maior número de anos de estudo;
 - ⇒ a taxa de **desemprego** de mulheres é de **13,8%** e de homens 10,7%;
 - ⇒ o **emprego doméstico** é ocupação de **18% de mulheres negras** e 10% de brancas;
 - ⇒ Número de **governadoras: 01** mulher (RN – Fátima Bezerra; 30 candidatas); 26 homens;
 - ⇒ **Deputadas federais: 77** mulheres (11%); 436 homens (aumentou 51%);
 - ⇒ **Senadoras: 07** mulheres (15%); 47 homens (igual à eleição anterior);
 - ⇒ **Deputadas estaduais SP: 18** mulheres; 76 homens (+);
 - ⇒ **Prefeitas: 641** mulheres (13%); 4.898 homens;
 - ⇒ **Vereadoras: 8.441** mulheres (17%); 49.373 homens;
 - ⇒ **Executivas** em altos postos: **10%**; na direção e gerências: 37%.

(Fontes: IPEA, ONU, Ministério da Saúde, IBGE, TRE)

3. A legislação brasileira



LEI DO ASSÉDIO SEXUAL (10.224/2001): constranger alguém para obter vantagem ou favorecimento sexual; baseia-se em uma relação de hierarquia e subordinação entre a vítima e o agressor. A pena é de um a dois anos.

LEI MARIA DA PENHA (11.340/2006): violência **física:** qualquer ato contra a integridade ou saúde corporal da vítima, como socos, empurrões, pontapés, etc; **psicológica:**

controle, insultos, chantagens, isolamento; **sexual:** obrigar a ter relações sem consentimento ou impedir a utilização de métodos contraceptivos, forçá-la à gravidez/ aborto ou prostituição mediante força ou ameaça; **patrimonial:** pertences pessoais e dinheiro; **moral:** calúnia, difamação, injúria. Inclui criminalização do registro **online** (a partir de 2018) de conteúdo íntimo. A pena mínima é de seis meses

e a máxima de é de três anos.

LEI CONTRA ESTUPROS (12.015/2009): constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso. É considerado um crime hediondo. A pena é de seis a 10 anos de reclusão para o criminoso, aumentando para oito a 12 anos se há lesão corporal da vítima ou se a vítima possui entre 14 a 18 anos de idade, e para 12 a 30 anos, se a conduta resulta em morte.

LEI DO FEMINICÍDIO (13.104/2015): quando for praticado contra a mulher por razões da condição de sexo feminino. É crime hediondo. A pena é de 12 a 30 anos.

LEI DE TRÁFICO DE PESSOAS (13.344/2016): facilita punição e amplia proteção à vítima. A pena é de quatro a oito anos, mais multa.

LEI DE IMPORTUNAÇÃO SEXUAL (13.718/18): atos libidinosos sem o consentimento da vítima, como toques inapropriados, beijos “roubados”. A pena é de 1 a 5 anos.

RACISMO E A LGBTFOBIA TAMBÉM SÃO FORMAS DE VIOLÊNCIA E SÃO CRIMES

A **LEI 7.716/1989** pune os crimes de racismo e LGBTfobia (a partir de 2019, considerando-se a mesma lei contra o racismo), com pena de um a cinco anos de prisão mais multa. São considerados crimes inafiançáveis.

O QUE É O ASSÉDIO VIRTUAL?

Como o nome sugere, o assédio virtual acontece online e é praticado por indivíduos que usam a tecnologia para ofender, hostilizar ou importunar uma pessoa ou um grupo específico. Ameaças, comentários sexuais ou pejorativos, divulgação de dados ou informações pessoais e a propagação de discursos de ódio feitos na internet se enquadram em ações de assédio virtual. As mulheres, as pessoas negras/ pardas e a comunidade LGBT têm sido grandes alvos. Pesquisa da ONG SaferNet mostra que, em 2018, houve 16.717 denúncias de crimes virtuais contra a mulher, um aumento de 1.640% em relação a 2017.



VIOLÊNCIA SEXUAL

É UMA QUESTÃO DE PODER, NÃO DE SEXO!

- ➡ Muitos estupradores são criminosos em série que procuram oportunidades para atacar.
- ➡ A maioria dos criminosos não tem antecedentes criminais de condenações por violência sexual.
- ➡ As taxas de denúncias falsas são raras e não são mais altas para agressão sexual, em comparação com crimes como roubo, agressão física, etc. (2-10%).
- ➡ A maioria dos crimes de agressão sexual (76%) são cometidos por alguém conhecido da vítima.
- ➡ 82% das vítimas são do sexo feminino (54% tinham até 13 anos).
- ➡ Os estados de Mato Grosso do Sul, Paraná e Santa Catarina apresentam as maiores taxas de casos de estupro (70,4/100; 60,8/100 e 58,5/100, respectivamente).
- ➡ A taxa para o Rio é 30,9/100 e, para São Paulo, 28,2/100.
- ➡ 70% dos estupros nunca são denunciados à polícia.

O SIMBOLISMO DO NOME DADO À LEI MARIA DA PENHA

Vale a pena relatar o simbolismo do nome dado à Lei. Era o ano de 1983. Na paradisíaca cidade de Fortaleza, no nordeste brasileiro, dentro de casa, entre as quatro paredes do quarto, enquanto dormia, a biofarmacêutica Maria da Penha Maia levou um tiro nas costas do então marido, o professor universitário Marco Antonio Herredia Viveiros. Permaneceu quatro meses no hospital, de onde saiu paraplégica. Ao voltar para casa, enquanto esperava o processo judicial para manter a guarda das filhas, ela ficou 15 dias presa, submetida a choques no chuveiro. Mesmo condenado pelos tribunais locais em dois julgamentos, 1991 e 1996, até então, ele nunca havia sido preso.

De acordo com relato da advogada Valéria Pandjarian, do Comitê Latino-Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (Cladem), “em 1998, o Centro para a Justiça e o Direito Internacional (Cejil) e o Comitê Latino-Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (Cladem), juntamente com Maria da Penha, enviaram o caso para a Comissão

Interamericana de Direitos Humanos, da Organização dos Estados Americanos (OEA), que, em 2001, responsabilizou o Estado brasileiro por negligência e omissão em relação à violência do-

méstica. Recomendou várias medidas em relação ao caso concreto de Maria da Penha e em relação às políticas públicas do Estado, para enfrentar a violência doméstica contra as mulheres. Em 2003 [20 anos após o crime!], o ex-marido de Maria da Penha foi preso. Ele ficou somente dois anos na cadeia; depois, passou a cumprir a pena em regime aberto”.

E foi em homenagem a essa guerreira, nascida em 1945, que a nova Lei brasileira re-

cebeu seu nome, entrando em vigor em 22/9/2006, alterando o Código Penal. Possibilita que os agressores sejam presos em flagrante ou tenham sua prisão preventiva decretada quando ameaçarem a integridade física ou psicológica da mulher. Deixou de existir a aplicação de penas como multa ou doação de cestas básicas.

A violência doméstica é tipificada como uma das formas de violação dos direitos humanos.



Maria da Penha (esq), com Vera Vieira e Clara Charf da Associação Mulheres pela Paz

CORDEL “A LEI MARIA DA PENHA”

por Tião Simpatia (poeta cearense)

I
A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

II
A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta Lei me tornei fã
Pra que a mulher de hoje
Não seja uma vítima amanhã.

III
Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na Lei
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.

IV
Tá no artigo primeiro
Que a Lei visa a coibir;
A violência doméstica
Como também, prevenir;
Com medidas protetivas
E ao agressor, punir.

V
Já o artigo segundo

Desta Lei Especial
Independente de classe
Nível educacional
De raça, de etnia;
E opção sexual...
VI
De cultura e de idade
De renda e religião
Todas gozam dos direitos
Sim, todas! Sem exceção.
Que estão assegurados
Pela Constituição.

VII
E que direitos são esses?
Eis aqui a relação:
À vida, à segurança.
Também à alimentação
À cultura e à justiça
À saúde e à educação.

VIII
Além da cidadania
Também à dignidade
Ainda tem moradia
E o direito à liberdade.
Só tem direitos nos “As”,
E nos “Os”, não tem
novidade?

XIX
Tem, direito ao esporte
Ao trabalho e ao lazer

E o acesso à política
Pro Brasil desenvolver
E tantos outros direitos
Que não dá tempo dizer.

X
A Lei Maria da Penha
Cobre todos esses planos?
Ah, já estão assegurados
Pelos Direitos Humanos.
A Lei é mais um recurso
Pra corrigir outros danos.

XI
Por exemplo: a mulher
Antes de a Lei existir,
Apanhava, e a justiça.
Não tinha como punir
Ele voltava pra casa
E tornava a agredir. (agredila).

XII
Com a Lei é diferente
É crime inaceitável
Se bater, vai pra cadeia
Agressão é intolerável
O Estado protege a vítima
Depois pune o responsável.

XIII
Segundo o artigo sétimo
Os tipos de violência
doméstica e familiar
Têm na sua abrangência

As cinco categorias
Que descrevo na sequência.

XIV

A primeira é a Física
Entendendo como tal:
Qualquer conduta ofensiva
De modo irracional
Que fira a integridade
E a saúde corporal...

XV

Tapas, socos, empurrões;
Beliscões e pontapés
Arranhões, puxões de orelha;
Seja um, ou sejam dez
Tudo é violência física
E causam dores cruéis.

XVI

Vamos ao segundo tipo
Que é a psicológica
Esta, merece atenção
Mais didática e pedagógica
Com a autoestima baixa
Toda a vida perde a lógica...

XVII

Chantagem, humilhação;
Insultos; constrangimento;
São danos que interferem
No seu desenvolvimento
Baixando a autoestima
Aumentando o sofrimento.

XVIII

Violência sexual:
Dá-se pela coação
Ou uso da força física
Causando intimidação

E obrigando a mulher
Ao ato da relação...

XIX

Qualquer ação que impeça
Esta mulher de usar
Método contraceptivo
Ou para engravidar
Seu direito está na Lei
Basta só reivindicar.

XX

A quarta categoria
É a Patrimonial:
Retenção, subtração,
Destruição parcial
Ou total de seus pertences
Culmina em ação penal...

XXI

Instrumentos de trabalho
Documentos pessoais
Ou recursos econômicos
Além de outras coisas mais
Tudo isso configura
Em danos materiais.

XXII

A quinta categoria
É Violência Moral
São os crimes contra a honra
Está no Código Penal
Injúria, difamação;
Calúnia, etc. e tal.

XXIII

Segundo o artigo quinto
Esses tipos de violência
Dão-se em diversos âmbitos
Porém é na residência

Que a violência doméstica
Tem sua maior incidência.

XXIV

Quem pode ser enquadrado
Como agente/agressor?
Marido ou companheiro
Namorado ou ex-amor
No caso de uma doméstica
Pode ser o empregador.

XXV

Se por acaso o irmão
Agredir a sua irmã
O filho, agredir a mãe;
Seja nova ou anciã
É violência doméstica
São membros do mesmo clã.

XVI

E se acaso for o homem
Que da mulher apanhar?
É Violência Doméstica?
Você pode me explicar?
Tudo pode acontecer
No âmbito familiar.

XXVII

Nesse caso é diferente;
A lei é bastante clara!
Por ser uma questão de
gênero
Somente à mulher ampara
Se a mulher for valente
O homem que livre a cara.

XXVIII

E procure seus direitos
Da forma que lhe convenha
Se o sujeito aprontou

E a mulher desceu-lhe a lenha
 Recorra ao Código Penal
 Não à Lei Maria da Penha.
 XXIX
 Agora, num caso lésbico;
 Se no qual a companheira
 Oferecer qualquer risco
 À vida de sua parceira
 A agressora é punida;
 Pois a Lei não dá bobeira.
 XXX
 Para que os seus direitos
 Estejam assegurados
 A Lei Maria da Penha

Também cria os Juizados
 De Violência Doméstica
 Para todos os estados.
 XXXI
 Aí, cabe aos governantes
 De cada federação
 Destinarem os recursos
 Para implementação
 Da Lei Maria da Penha
 Em prol da população.
 XXXII
 Espero ter sido útil
 Neste cordel que criei
 Para informar o povo

Sobre a importância da Lei
 Pois quem agride uma Rainha
 Não merece ser um Rei.
 XXXIII
 Dizia o velho ditado
 Que “ninguém mete a
 colher”.
 Em briga de namorado
 Ou de “marido e mulher”
 Não metia... Agora, mete!
 Pois isso agora reflete
 No mundo que a gente quer.

(Todos os direitos reservados)



Samya Abreu, de 8 anos, foi quem declamou o cordel de Tião Simpatia e emocionou todo mundo, por ocasião da comemoração da vigência de 12 anos da Lei Maria da Penha, no Congresso da Mulher Advogada em São Paulo, em 2018. É impressionante o talento da garotinha de Maranguape, no Ceará, para interpretar e memorizar este longo cordel, que pode ser acessado pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=1WLDjuHL658>
 O vídeo fez muito sucesso também em todas as unidades dos CEUs, no transcorrer deste projeto.

ONDE PROCURAR AJUDA

O primeiro passo para sair de uma relação de violência é falar sobre o assunto. Trata-se de uma atitude de suma importância. Procure uma pessoa de confiança para desabafar. A partir daí, você vai se sentir mais fortalecida para buscar ajuda. Na cidade de São Paulo, há diversos recursos.

Há o auxílio e atendimentos qualificados nos **Centros de Referência de Assistência Social (CRAS)** e **Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS)**, mas também podem procurar outros dois tipos de serviços mantidos pela **Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS)**.

O **Centro de Defesa e de Convivência da Mulher (CDCM)** oferece proteção e apoio a mulheres em razão da violência doméstica e familiar, causadora de lesão, sofrimento físico, sexual, psicológico ou dano moral. A rede socioassistencial conta com 15 CDCMs que possuem 1.610 vagas para mulheres, proporcionando atendimento social, orientação psicológica e encaminhamento jurídico. Com o funcionamento de segunda à sexta-feira, das 8h às 18h, o objetivo do serviço é contribuir para o fortalecimento da mulher e o resgate de sua cidadania.

A **SMADS** também mantém cinco centros de acolhida sigilosos, que oferecem acolhimento para mulheres, acompanhadas ou não de seus filhos, em situação de risco de morte, ameaças em razão da violência doméstica e familiar ou que sofreram algum tipo de violência física, sexual, psicológica e/ou moral. Esses serviços contam com 100 vagas. Os endereços não são publicados. Quem precisar de atendimento deve procurar os CREAS e os CDCMs (endereços abaixo):

CDCM BUTANTÃ - Avenida Ministro Laudo de Ferreira Camargo, 320 - Jardim Peri Peri - Fone: (11) 3507-5856 / **CDCM CASA ANASTÁCIA** - R. Areia da Ampulheta, 101 - Castro Alves - Cidade Tiradentes - Fone: (11) 2282-4706 / **CDCM CASA CIDINHA KOPCAK** - Rua Margarida Cardoso dos Santos, 500 - São Mateus - Fone: (11) 2015-4195 / **CDCM**

CASA DA MULHER CRÊ-SER - Rua Salvador Rodrigues Negrão, 351 - Vila Marari- Cidade Ademar - Fone: (11) 3539-8130 / **CDCM CASA DE ISABEL - PROJETO NANA SERAFIM** - Rua Professor Zeferino Ferraz, 396 - Itaim Paulista - Fone: (11) 2156-3477 / **CDCM CASA MARIA DA PENHA** - Rua Sabbado d'Angelo, 2085, 2º andar - Itaquera - Fone: (11) 2524-7324 / **CDCM HELENA VITORIA FERNANDES** / Rua Coronel Carlos Dourado, 07- Vila Marilena - Guaianases - Fone: (11) 2557-5646 / **CDCM CASA SOFIA** - Rua Dr. Luiz Fernando Ferreira, 06 - JD. Dionísio - M'Boi Mirim - Fone: 0800-7703053 / (11) 5831-3053 / **CDCM CASA VIVIANE DOS SANTOS** - Rua Cabo José Teixeira, 87 - Vila Yolanda-Lajeado - Fone: (11) 2553-2424 / **CDCM CASA ZIZI** - Rua Teotônio de Oliveira, 101 - Vila Ema-(Travessa da AV. Vila Ema) - Fone: (11) 2216-7346 / **CDCM ESPAÇO FRANCISCA FRANCO** - Rua Conselheiro Ramalho, 93 - Liberdade - Fone: (11) 3106-1013 / **CDCM MARIÁS** - Rua Soldado José Antônio Moreira, 546 - Pq. Novo Mundo - Fone: (11) 3294-0066 / **CDCM MULHERES VIVAS** - Rua Martinho Vaz de Barros, 257 - Vila Pirajussara- Campo Limpo - Fone: (11) 5842-6462 - **CDCM CISM I CENTRO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL DA MULHER I** - Rua do Fico, 234 - Ipiranga Fone: (11) 2272-0423 / **CDCM CISM II CENTRO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL DA MULHER II** / Rua Ferreira de Almeida, 23 - Jd. Das Laranjeiras- Casa Verde - Fone: (11) 3858-8279.

A **Coordenação de Políticas para as Mulheres, da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania**, possui 11 equipamentos, sendo quatro **CRMs (Centros de Referência da Mulher)**, cinco **CCMs (Centros de Cidadania da Mulher)**, uma casa de passagem e uma casa abrigo, além da **Unidade Móvel - Ônibus Lilás**. Os **CRMs** oferecem orientação por telefone para mulheres que precisem de apoio e agendamento de atendimento, além de funcionarem como um serviço-referência para o acompanhamento da questão da violência de gênero e para a realização dos encaminhamentos necessários a cada problema, orientação, capacitação e formação de grupo de mulheres para o enfrentamento da

ONDE PROCURAR AJUDA

violência sexual e doméstica e oferecem o encaminhamento para os hospitais da rede municipal para atendimento de violência sexual e doméstica, inclusive nos casos de necessidade de cirurgia plástica reparadora.

CASA DE PASSAGEM e **CASA ABRIGO** (endereços dos equipamentos não divulgados, para proteção das mulheres acolhidas: **Casa Eliane de Grammont; Casa Brasilândia; CRM 25 de Março; CRM Maria de Lourdes Rodrigues.**

Os Centros de Cidadania da Mulher (CCM) são espaços de qualificação e formação em cidadania, nos quais as mulheres de diferentes idades, raças e crenças podem se organizar e defender seus direitos sociais, econômicos e culturais, além de propor e participar de ações e projetos que estimulem a implementação de políticas de igualdade com o objetivo de potencializar, por meio do controle social, os serviços públicos existentes para atender às suas necessidades e de sua comunidade. São eles: **CCM PERUS** - Rua Joaquim Antonio Arruda, 74 – Perus / **CCM ITAQUERA** - Rua Ibiajara, 495 – Itaquera / **CCM SANTO AMARO** - Praça Salim Farah Maluf s/n – Santo Amaro / **CCM CAPELA DO SOCORRO** - Rua Prof. Oscar Barreto Filho, 350 – Grajaú / **CCM PARELHEIROS** - Rua Terezinha Prado Oliveira, 119 – Parelheiros

Cada equipamento realiza, em média, 100 atendimentos por mês. Vale ressaltar que a Unidade Móvel, por ser itinerante, tem uma dinâmica diferenciada – chegando a atender cerca de 100 mulheres por semana, dependendo da região onde estiver.

Outra política pública oferecida pelo município de São Paulo é o projeto "**Guardiã Maria da Penha**", criado pelo Decreto Municipal N° 55.089 em 08 de maio de 2014 com a sanção da Lei Municipal N° 16.165 de 13 de abril de 2015, que prevê proteção às mulheres vítimas de violência doméstica, com medidas protetivas garantidas pela **Lei Maria da Penha**, por meio da atuação da **Guarda Civil Metropolitana**. O objetivo é combater a violência física, psicológica, sexual, moral e patrimonial contra as mulheres, monitorar o cumprimento das normas penais que garantem sua proteção e a responsabilização do agressor, além de proporcionar acolhida humanizada e orientação às vítimas quanto aos serviços municipais disponíveis.

Dentro do **Programa Guardiã Maria da Penha**, foi lançada em 2018 a ferramenta **Socorro Imediato** dentro do aplicativo **SP + Segura**. Será mais um serviço à disposição das vítimas de violência doméstica com medidas protetivas deferidas pela justiça e assistidas pela rede municipal.

O **Programa Tem Saida**, voltado para dar autonomia financeira e empregabilidade à mulher em situação de violência doméstica e familiar. A ação é uma parceria entre a **Secretaria Municipal de Trabalho e Empreendedorismo (SMTE)**, Ministério Público, Defensoria Pública, Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, OAB-SP e ONU Mulheres.

LIGUE 180 - É uma Central do governo federal, que funciona 24 horas por dia, incluindo finais de semana e feriados. Podem ser obtidas informações sobre direitos e serviços públicos existentes. Também é um canal para denúncias, as quais são encaminhadas para a Segurança Pública com cópia para o Ministério Público de cada estado.

DISQUE 100 - Funciona 24 horas por dia, incluindo finais de semana e feriados. As denúncias são anônimas e a pessoa recebe um protocolo para acompanhar o caso. A discagem é gratuita e pode ser feita de qualquer telefônico fixo ou celular. É uma central do governo federal que recebe e encaminha denúncias relacionadas a violações de direitos humanos.

DELEGACIAS DE DEFESA DA MULHER ABERTAS 24 HORAS:

1º DDM CENTRO (Rua Dr. Bittencourt Rodrigues, 200; fone: 3241-3328); **2º DDM VILA CLEMENTINO** (Av. Onze de Junho, 89 - metrô Santa Cruz; fone: 5084-2579); **6º DDM SANTO AMARO** (Rua Sargento Manuel Barbosa da Silva / Av. Santo Amaro, 115; fone: 5521-6068); **7º DDM ITAQUERA** (Rua Sábado D'Angelo); **8º DDM SÃO MATEUS** (Av. Osvaldo Valle Cordeiro, 190, Jardim Marília; fone: 2742-1701).

Caroline Arcari

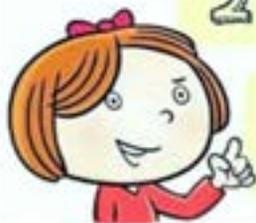
FALAR SOBRE GÊNERO NAS ESCOLAS NÃO TEM NADA A VER COM:

A Gata e o Diabo

1 FORÇAR MENINOS A USAREM BATOM, SAIA E MENINAS A AGIREM IGUAL AOS MENINOS.

2 FAZER MENINOS VIRAREM MENINAS E VICE-VERSA.

3 PROMOVER CIRURGIA DE "MUDANÇA DE SEXO".



A Gata e o Diabo

5 MOTIVOS PORQUE PRECISAMOS FALAR SOBRE GÊNERO NAS ESCOLAS

Caroline Arcari

1 PORQUE PRECISAMOS PREVENIR VIOLÊNCIA DOMÉSTICA FALANDO SOBRE PROBLEMAS COMO RELAÇÕES ABUSIVAS, POSSE E FEMINICÍDIO.

MENINOS PODEM CHORAR E DEVEM MOSTRAR SEUS SENTIMENTOS. AFETO E RESPEITO É TUDO.



3 PRECISAMOS PROMOVER OPORTUNIDADES PARA MENINAS SEREM O QUE QUISEREM: CIENTISTAS, PRESIDENTAS, ASTRONAUTAS, ESPOSAS OU MÃES (CASO DESEJEM).

PRECISAMOS PREVENIR VIOLÊNCIA SEXUAL ENSINANDO MENINOS A RESPEITAREM O NÃO E APRENDEREM SOBRE CONSENTIMENTO.

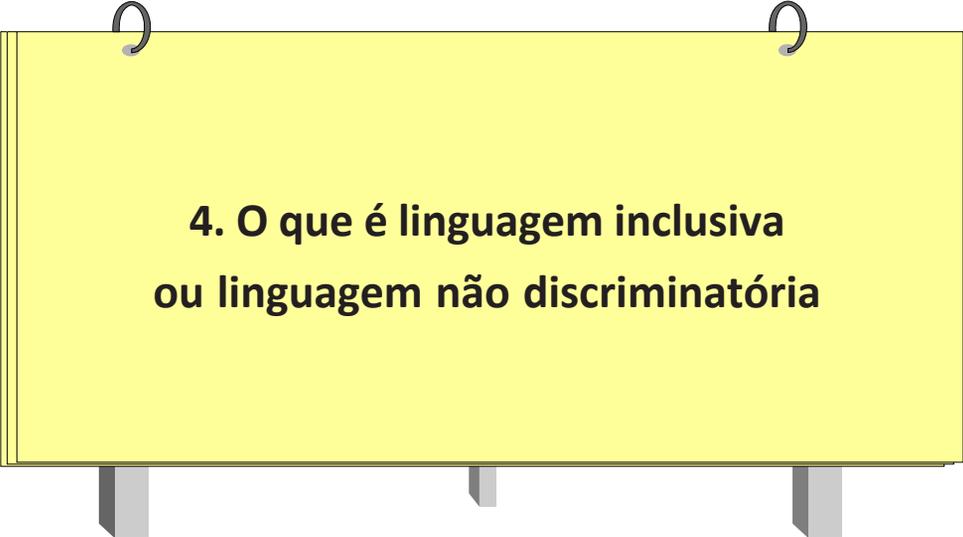
4

MENINOS TAMBÉM SOFREM VIOLÊNCIA SEXUAL E DEVEM DENUNCIAR.

5

A Gata e o Diabo





4. O que é linguagem inclusiva ou linguagem não discriminatória

-  Linguagem inclusiva ou linguagem não discriminatória é um forte instrumento para o enfrentamento às discriminações sexistas, racistas e LGBTfóbicas. São essas discriminações que vão determinar o grau de poder e oportunidades das pessoas em sociedade.
-  A aplicação da linguagem inclusiva na vida cotidiana - de palavras e imagens - nas esferas privada, pública e virtual, contribui sobremaneira para o difícil trabalho de desconstrução de preconceitos e discriminações, em busca de uma sociedade mais justa e equitativa.
-  É importante adquirir a consciência de que a linguagem não é neutra nem inocente, isto é, trata-se de interação e modo de produção social.
-  A linguagem - das palavras e das imagens - carregada de preconceitos sexistas, racistas e LGBTfóbicos, é um reflexo da sociedade (ver tabela de exemplos na página seguinte).
-  Todo mundo pode contribuir para romper com as discriminações na linguagem escrita e imagética, alterando, assim, os próprios padrões de comportamento.

TABELA DE RECOMENDAÇÕES PARA A UTILIZAÇÃO DE UMA LINGUAGEM INCLUSIVA

Vamos romper com a linguagem sexista, em busca de um mundo com igualdade entre mulheres e homens, sem racismo, sem LGBTfobia e sem outras discriminações! Quando se quebra com a linguagem, quebra-se também padrões comportamentais.

USUAL	ALTERNATIVA
Os direitos do homem	Os direitos humanos
O corpo do homem; a inteligência do homem	O corpo humano; a inteligência humana
Museu do homem	Museu da humanidade
Homem/mês; homem/hora	Trabalho/mês; trabalho/hora
<i>Cameraman</i>	Operador ou operadora de câmera
Aeromoça	Atendente de voo
Língua materna	Língua de origem ou originária
Reunião de pais na escola	Reunião de pais e mães na escola
Os professores; os jovens; os meninos	O professorado; a juventude; as crianças
Os negros	A raça negra
Denegrir a imagem de alguém	Difamar alguém

USUAL	ALTERNATIVA
A situação está preta	A situação está ruim
Judiar	Maltratar, atormentar
José e senhorita Maria	José e Maria
Os brasileiros; os descendentes; os eleitores	O povo brasileiro; a descendência; o eleitorado
Os assessores; os coordenadores; os diretores	A assessoria; a coordenação; a direção
Homossexualismo, bichinha/veado, sapatão	Homossexual, gay, lésbica
Aquele que fala	Quem fala
Precisa-se de estagiário	Estágio disponível
Cada aluno deverá ler um texto	Deverá ser lido um texto
<p>Nas ilustrações didáticas e nos livros escolares, a mulher aparece, em geral, exercendo atividades no lar, ao passo que o homem aparece no escritório, na oficina, em cargos de poder, etc.</p> <p>Essa realidade também pode se repetir nas imagens do universo virtual, principalmente nas redes sociais.</p>	<p>Dar visibilidade às mulheres que trabalham fora de casa. Destacar a importância do trabalho no lar — tanto para as mulheres como para os homens. Apresentar mulher e homem em todos os tipos de trabalho e funções profissionais. Observar que as mulheres desempenham papéis sociais e políticos em todos os níveis, com igual competência, autoridade e espírito de iniciativa que seus colegas homens.</p>

PALAVRAS E IMAGENS CONTRIBUEM PARA REFORÇAR PRECONCEITOS, DIFICULTANDO A TRAJETÓRIA PELA EQUIDADE E JUSTIÇA

Em um jornal do Rio Grande do Norte, a imagem de uma mulher espancada e o *slogan* “Tá na cara que precisa” parecem compor apenas mais uma peça publicitária, neste caso, a de uma funilaria. A resposta dos “criadores da preciosidade” para mulheres indignadas de várias regiões brasileiras, é simplista: “Bando de feministas frustradas”. No bar, o apoio do copo de bebida dispara outra “pérola”: “Mulher e cerveja — especialidades da casa” — esse é, aliás, o produto que mais reduz o corpo feminino à isca de consumo. Ao chegar em casa e ligar a televisão, não é preciso esperar muito para se deparar com a propaganda que mostra, durante uma cerimônia religiosa de casamento, o noivo condicionar o juramento de fidelidade à promessa da noiva de permanecer gostosa para sempre, preocupação essa justificada ao apontar a figura da mãe ali também presente e que “virou um bucho”.

No programa infantil, a historinha veiculada mostra

que a boneca negra virou bruxa e foi queimada. “Minha netinha, chorando muito, me dizia que não queria ser negra”, conta uma ativista do movimento durante um seminário. Um breve olhar às apresentadoras de programas infantis revela o quanto elas reforçam padrões conservadores de feminilidade e beleza, estética branca, além de inculcar a imagem de um país cuja cultura e modernidade se baseiam no consumismo.

Um breve olhar às apresentadoras de programas infantis revela o quanto elas reforçam padrões conservadores de feminilidade e beleza, estética branca, além de inculcar a imagem de um país cuja cultura e modernidade se baseiam no consumismo.

que a boneca negra virou bruxa e foi queimada. “Minha netinha, chorando muito, me dizia que não queria ser negra”, conta uma ativista do movimento durante um seminário. Um breve olhar às apresentadoras de programas infantis revela o quanto elas reforçam padrões conservadores de feminilidade e beleza, estética branca, além de inculcar a imagem de um país cuja cultura e modernidade se baseiam no consumismo.

Ao folhear livros, percebe-se que a linguagem escrita e a imagética também contribuem para a naturalização dos estereótipos: “denegrir a imagem”, “judiar das pessoas”, “salvar o planeta é tarefa do homem”; figuras da mulher desempenhando tarefas domésticas e do homem em cargos executivos, e por aí afora..

É fundamental estarmos conscientes da relação da linguagem com o conhecimento e a cultura. É somente depois da fase da aquisição da linguagem que a pessoa atinge o campo da abstração. O pensamento conceitual é inconcebível sem a linguagem, em consequência do processo comple-

xo da educação social. O ser humano não só aprende a falar, mas a pensar. Enquanto ponto de partida social do pensamento individual, a linguagem é a mediadora entre o que é social, dado — portanto, ditatorial — e o que é individual, criador, no pensamento de cada pessoa. A linguagem não só constitui o ponto de partida social e a base do pensamento individual, mas influencia também o nível de abstração e de generalização desse pensamento. Ela influencia o nosso modo de percepção da realidade. A experiência individual implica esquemas e estereótipos de origem social. O estereótipo vem à tona na relação emocional do ser humano com o mundo. Por ser um processo não consciente, exerce sua ação com força tanto maior quanto mais se identifica em um todo uni-

tário como conceito dentro da consciência humana. Esse é o segredo da famosa “tirania das palavras”. A linguagem como discurso não constitui um universo de signos, que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento. É interação e um modo de produção social. Não é neutra nem inocente, na medida em que está engajada numa intencionalidade, e nem natural, por isso o lugar privilegia-

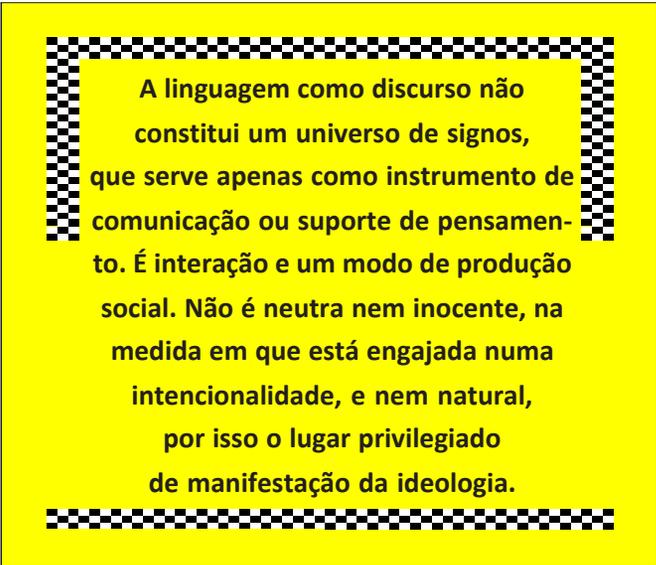
do de manifestação da ideologia. Não se trata de detalhes inconsequentes, pois a realidade é construída com base em aspectos objetivos e subjetivos. Ao constatar que “é mais difícil desagregar um preconceito do que um átomo”, Einstein colocava em xeque as forças subjetivas com as objetivas. A constituição do imaginário das pessoas se reflete numa rea-

lidade que vem impondo relações desiguais de poder e oportunidades na sociedade. E nesse emaranhado dinâmico das estruturas do imaginário vão se tecendo laços que podem ser fortalecidos — no sentido de perpetuar as desigualdades — ou afrouxados, visando a desfazer os moldes dos papéis estabelecidos pela dinâmica social. É uma construção cultural, portanto, pode e deve ser mudada.

Atentar para as sérias consequências das mensagens discriminatórias, que são bom-

bardeadas em nosso cotidiano, é tarefa de quem busca promover a cidadania para um mundo melhor, com valores éticos, de equidade (igualdade, com respeito às diferenças) e justiça social.

Na chamada Era da Informação, em que prevalece o *slogan* “Estou na mídia, logo, existo!”, a maioria da população brasileira não encontra referenciais de identidade, mas,



A linguagem como discurso não constitui um universo de signos, que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento. É interação e um modo de produção social. Não é neutra nem inocente, na medida em que está engajada numa intencionalidade, e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia.

pelo contrário, um reforço das relações de subordinação impostas às pessoas que fogem ao modelo ocidental: homem, branco, magro, sem deficiências, jovem, heterossexual, culto, e que vem sendo construído culturalmente, ao longo dos milênios.

As mulheres vêm conseguindo um lugar ao sol no espaço público, através da luta dos últimos 50 anos, principalmente, mas ainda encontram muitas dificuldades para desconstruir os mitos da identidade feminina “a la Barbie”, a boneca que apresenta padrões irreais de beleza — sem contar que foi criada por um alemão desempregado, que a idealizou como uma garota de programa, vendendo-a em casas de prostituição. Não é “papo pra boi dormir” e nem puro discurso de movimentos sectários, mas uma realidade cruel, facilmente demonstrável por estatísticas confiáveis de órgãos nacionais e internacionais: a cada 20 segundos uma mulher brasileira é espancada (a maioria, dentro de casa); alto índice de adolescentes com anorexia e bulimia; a mulher recebe salário 23% menor do que o do homem num mesmo cargo, embora com o mesmo nível universitário e experiência profissional; o homem negro recebe menos que o branco e a mulher negra, menos que a mulher branca. Assim sendo, as discriminações de gênero e raça

são os principais fatores estruturais e estruturantes das condições de pobreza e desigualdades sociais.

O primeiro passo para alterar essa realidade é conscientizar-se de que, ao romper com as discriminações na linguagem escrita e imagética, avança-se na influência do modo de percepção da realidade pelas pessoas, quebrando-se padrões comportamentais. Soma-se a isso a adoção de

mecanismos de intervenção, que levam, sem sombra de dúvidas, a resultados positivos, ao considerarmos que vivemos em um mundo onde as forças de mercado tentam se equilibrar ao sofrer pressão de um público com consciência cidadã. Como bem escreveu Mikhail Bakhtin, filósofo russo, “a fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo”.

A linguagem — escrita e imagética — carregada de estereótipos há tempos vem merecendo ênfase nas ações do movimento feminista, como bandeira fundamental para o avanço da luta, tanto que, a partir de 1991, a Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina e Caribe (Repem) passou a designar o dia 21 de junho, com uma série de atividades, como a data “Por uma educação sem discriminação”.

O primeiro passo para alterar essa realidade é conscientizar-se de que, ao romper com as discriminações na linguagem escrita e imagética, avança-se na influência do modo de percepção da realidade pelas pessoas, quebrando-se padrões comportamentais.

21 DE JUNHO: DIA DE LUTA PELA EDUCAÇÃO SEM DISCRIMINAÇÃO

SUGESTÕES PARA SE COMBATER O SEXISMO NAS ESCOLAS

- ➡ Evitar divisões por sexo (meninos e meninas); existem muitas maneiras de se organizar filas e grupos de atividades.
- ➡ Proporcionar às meninas e meninos atividades iguais na hora do recreio e da educação física.
- ➡ Solicitar ajuda em sala de aula sem distinção de gênero [raça, orientação sexual e identidade de gênero].
- ➡ Estimular valores nas meninas, tais como: inteligência, coragem e espírito científico. Nos meninos, valorizar a afetividade, a organização, a solidariedade e o respeito.
- ➡ Não fazer piadas ou críticas às crianças, baseadas no seu gênero, como por exemplo, dizer para menino “você parece uma menina”, ou para menina “você é desorganizada e suja como um menino”. Essa atitude humilha a criança e reforça as características negativas do gênero oposto.
- ➡ Fazer leitura crítica, dos manuais didáticos e dos livros infanto-juvenis, sob a perspectiva de gênero [incluir a perspectiva racial, de orientação sexual e identidade de gênero].
- ➡ Promover, entre o corpo docente, a discussão sobre as relações e os estereótipos de gênero [raça, orientação sexual e identidade de gênero] e o papel da escola como agente promotor de uma educação não sexista.
- ➡ Pesquisar como aparece o sexismo [incluir o racismo e a LGBTfobia) na cultura brasileira: na música, na poesia, no cinema, na literatura e nos conteúdos didáticos, refletindo criticamente sobre eles com os(as) alunos(as).
- ➡ Observar como se manifestam as desigualdades entre os alunos e as alunas na sala de aula, e atuar propondo alternativas [considerar as interseccionalidades de classe social, orientação sexual e identidade de gênero).

Referências bibliográficas

UNESCO. *Linguagem Não-Sexista*. São Paulo, Ed. Texto Novo, 1996.

ROSSINI, E.; SAIDEL, R.; CALIÓ, S.; JESUS, I. *USP lança guia prático sobre ensino e*

educação com igualdade de gênero. Revista Comunicação e Educação, USP-ECA/Ed.Moderna, n.8, Jan-Abr/1997, p.117/121.

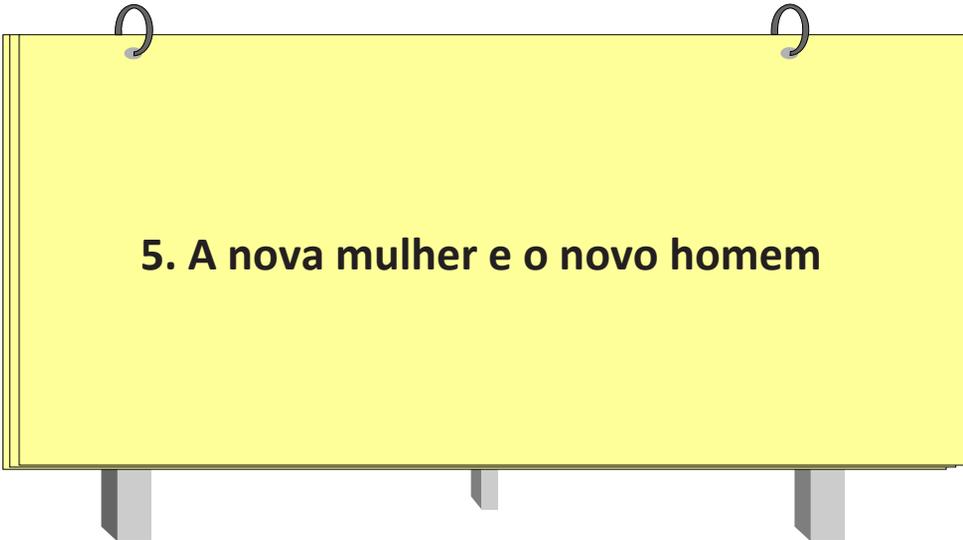
www.repem.org

www.redemulher.org.br

http://www.ccs.saude.gov.br/sociedadeviva/campogrande/educacao_ao_sexista.pdf



<http://saudepublicada.sul21.com.br/2018/05/06/quem-e-o-discriminador-machista-racista-homofobico-antisemita-etc-uma-visao-psicanalitica/>



5. A nova mulher e o novo homem

“É mais difícil desagregar um preconceito do que um átomo.”
(Albert Einstein)

Enquanto ligo o computador para escrever, um trecho da música composta por Belchior invade, sorrateiramente, minha mente: “Minha dor é perceber / que apesar de termos feito tudo o que fizemos / ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais.” Mesmo reconhecendo que nossa luta é um trabalho de formiguinha, a mensagem é injusta principalmente para a trajetória prático-teórico desta articulista. Afinal, basta recordar apenas um exemplo pessoal para estabelecer-se a contradição: casei e descasei duas vezes, e por acreditar que *meninas boazinhas vão para o céu, as más vão à luta*, ainda estou em busca de um homem sensível, que não sofra da *síndrome*

de Peter Pan, para não entrar em choque com alguém que se libertou do *complexo de Cinderela*.

Além do mais, nos dias atuais, esse histórico pessoal está mais para regra do que para exceção. Soma-se o fato de possuir um filho que expressa seus sentimentos através das lágrimas, sem que isso coloque em risco sua masculinidade, e uma filha que busca uma carreira não incluída naquelas voltadas para o “cuidado”, sem que isso afete sua feminilidade.

Engana-se quem pensa que é fácil iniciar uma reflexão sobre um assunto bem complexo, mesmo para quem há anos vem se dedicando ao aprofundamento da temática

das relações sociais de gênero — aquelas que se dão entre mulheres e homens, que vêm sendo construídas, culturalmente, ao longo de toda a história humana, com a predominância das desigualdades de poder e oportunidades entre os sexos, com a mulher sempre levando a pior. As consequências para a sociedade são dramáticas, além de tratar-se de uma discriminação que impede o avanço dos processos democráticos. Uma sociedade democrática é aquela que se calca em valores éticos, de justiça social e de equidade — este último, com o significado da igualdade com respeito às diferenças. Assim, o sentido da luta por um mundo mais democrático se faz com o foco numa realidade candente, que apresenta desigualdades de classe, de gênero, de raça- etnia, geracional, orientação sexual, identidade de gênero... São esses os principais fatores — sentidos na pele e na alma, facilmente comprovados por estatísticas de órgãos confiáveis — que vêm determinando uma distribuição desigual e injusta de oportunidades ao longo da vida das pessoas. Especificamente com relação à questão de gênero, foco principal deste artigo, é importante lembrar uma frase de Fourier: “O melhor modo de avaliar o grau de civilização de um povo é analisando a situação da mu-

lher.” Grande parcela da sociedade tem dificuldade em reconhecer que a discriminação de gênero é fator estrutural e estruturante das desigualdades sociais. Da mesma forma, muita gente afirma que o racismo não existe em nosso país, camuflando uma falsa democracia racial, o que só faz retardar a prevenção e o combate a preconceitos milenares.

Um mundo melhor para mulheres e homens

Assim, fica bem nítido que a busca pela equidade — igualdade, com respeito às diferenças — entre homens e mulheres não é um papo de feministas sectárias, como se costuma captar do senso comum. Além do mais, no frigar dos ovos, o que se busca é a harmonia das relações entre homens e mulheres, portanto, a conquista de uma melhor qualidade de vida e um mundo mais justo para todas as pessoas. Bastam apenas alguns dados para a comprovação das consequências dramáticas para toda a sociedade: alto índice de violência sofrida pela mulher — com um número assustador de mortes —, independente de raça, cor, classe social ou escolaridade; média salarial baixa, mesmo com maior formação escolar; pouca ocupação de cargos de liderança e

**Além do mais, no frigar dos ovos,
o que se busca é a harmonia das
relações entre
homens e mulheres,
portanto, a conquista de uma
melhor qualidade de vida
e um mundo mais justo
para todas as pessoas.**

número elevado de mulheres chefes de família, entre outros. Vale ressaltar que a situação da mulher negra é ainda muito pior, por sofrer dupla discriminação.

Já no início do século XX, a escritora Simone de Beauvoir afirmou: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.” Seus estudos são considerados precursores no sentido de mostrar que gênero é uma construção social, cultural. A gente não nasce com ele, quer dizer, aprende-se por meio da socialização e, por isso mesmo, pode ser revisado e mudado. No emaranhado dinâmico das estruturas do imaginário, vão se tecendo laços que podem ser fortalecidos — no sentido de perpetuar as desigualdades de gênero — ou afrouxados, visando a desfazer os moldes dos papéis estabelecidos pela dinâmica social. É pelo trabalho educativo, que transforma seres humanos em agentes políticos, que se consegue alterar os condicionamentos provocados por mitos (sistemas formados por esquemas, arquétipos e símbolos, compondo-se em narrativa) e imagens — as mulheres são fracas, delicadas, sensíveis, choronas; os ho-

mens são fortes, corajosos, heróis, violentos e nunca choram. Essas “verdades” estão presentes na construção cultural de gênero, que é tecida por meio das diversas redes de relações na vida de uma pessoa: família, igreja, escola, associações populares, partidos políticos, meios de comunicação de massa... Essa realidade, que vem sendo construída pelos seres humanos ao longo dos tempos, traduz-se em ações que são impulsionadas pela eficácia do imaginário. Ao contrário da cultura, que pode ser detectada com clareza nas formas de organização de uma sociedade, “o imaginário permanece uma dimensão ambiental,

uma matiz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura, [...] que ultrapassa e alimenta a cultura; [...] é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental”.

Há que se relevar a trajetória do movimento feminista, que tomou grande impulso nos últimos 50 anos, radicalizando a luta pela igualdade de gênero, estratégia de sucesso — e

possivelmente a única — para pautar a importância da temática no mundo, até hoje estigmatizada pela queima de sutiã em praça pública. Essas últimas décadas levaram

Ao contrário da cultura, que pode ser detectada com clareza nas formas de organização de uma sociedade, “o imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matiz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura, [...] que ultrapassa e alimenta a cultura; [...] é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental”.

a conquistas importantes, numa combinação crescente e fundamental entre o trabalho com os grupos populares, nas esferas de poder — para interferir na criação ou implementação de leis e políticas públicas —, bem como participando efetivamente das Conferências Internacionais da ONU e no posterior monitoramento dos compromissos nelas assumidos pelos governos. Foram essas feministas as precursoras do processo de ruptura histórica dos elementos constitutivos da identidade feminina e da maneira de homens e mulheres se relacionarem. As práticas e as produções analíticas diversificadas representam uma quebra paradigmática, que é reconhecida pela comunidade científica.

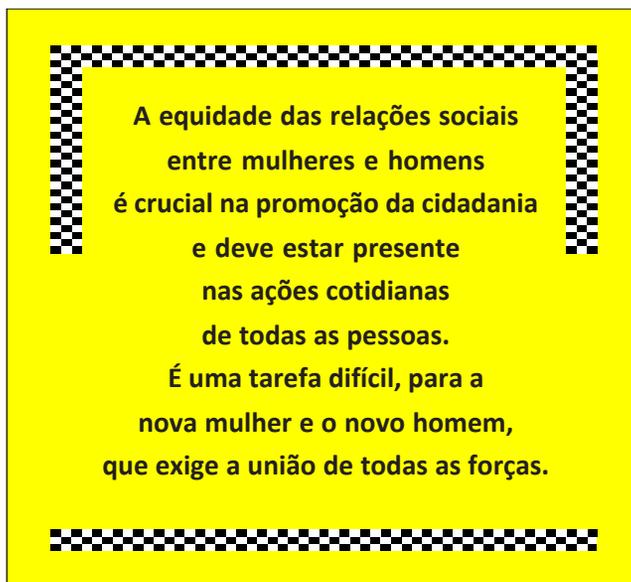
No final da década de 1990, o movimento feminista concluiu que a mulher não está avançando na ocupação de cargos de poder, passando a refletir sobre a busca da liderança transformadora, levantando a necessidade de condições materiais e de formação para lidar com os conflitos — privados e públicos — no exercício da liderança. Ao conquistar o “direito” de ocupar o espaço público, as

mulheres passaram a acumular a tripla jornada — trabalho produtivo, trabalho reprodutivo (que não se limita às responsabilidades de gerar e criar filhos, incluindo tarefas domésticas que são desempenhadas com a finalidade

de manter e reproduzir a força de trabalho) e da gestão comunitária (luta por habitação, água, serviços de saúde e educação, etc.).

Apesar de alguns homens — pensadores renomados, como Bourdieu e Giddens — terem se dedicado, em anos recentes, a reflexões importantes sobre o impasse estabelecido nas relações de gênero, falta intensificar a inclusão masculina no processo cotidiano de luta, o que não significa abrir mão de ações afirmativas. Se

as mulheres, predominantemente, entre si continuam a avançar, na reflexão e na ação, isso não tem acontecido com os homens no mesmo ritmo, o que impede o objetivo final, que, em última análise, é a conquista de uma sociedade onde ambos convivam em harmonia, tanto no âmbito privado como no público. Tomara que a tão propagada “crise de masculinidade” se transforme em uma oportunidade para a aproximação do diálogo entre ambos os



sexos.

A equidade das relações sociais entre mulheres e homens é crucial na promoção da cidadania e deve estar presente nas ações cotidianas de todas as pessoas. Não se trata de uma luta para ver quem vai ficar com o pedaço maior da torta, mas da mudança de sua receita, cujo ingrediente imprescindível é a sensibilidade. É uma tarefa difícil, para a nova mulher e o novo homem, que exige a união de todas as forças. Esse é o desafio atual para que o histórico impulsionamento das últimas décadas não caia na estagnação.

Referências Bibliográficas

EHRHARDT, U. *Meninas boazinhas vão para céu, as más vão à luta*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

NIN, A. *Em busca de um homem sensível*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

KILEY, D. *Síndrome de Peter Pan*. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

DOWLING, C. *Complexo de Cinderela*. 53ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

MAFFESOLI, M. *O imaginário é uma realidade*. Revista Famecos, n.15, p.75-76, Porto Alegre, 2001.

6. Campanha do Laço Branco

Fonte: <http://lacobrancobrasil.blogspot.com/p/nossa-historico.html>



No dia 6 de dezembro de 1989, um homem de 25 anos (Marc Lepine) entrou armado na Escola Politécnica de Montreal, no Canadá. Em uma sala de aula, ele ordenou que os homens (aproximadamente 50) se retirassem. Assassinou 14 mulheres e depois saiu atirando pelos corredores e outras dependências da escola, gritando “Eu

odeio as feministas”. Desta forma, ele matou 14 estudantes, todas mulheres. Feriu ainda 14 pessoas, das quais 10 eram mulheres. Depois suicidou-se. Com ele, foi encontrada uma carta que continha uma lista com nomes de 19 feministas canadenses que ele também desejava matar e na qual ele explicitava a motivação de suas ações, em suas

palavras: “mandar de volta ao Pai as feministas que arruinaram a sua vida”.

O crime, que ficou conhecido como o “Massacre de Montreal”, mobilizou a opinião pública daquele país, gerando amplo debate sobre as desigualdades entre homens e mulheres e a violência gerada por esse desequilíbrio social. Assim, um grupo de homens canadenses decidiu organizar-se para dizer que existem homens que cometem a violência contra a mulher, mas existem também aqueles que repudiam essa violência. Eles elegeram o laço branco como símbolo e adotaram como lema: jamais cometer um ato violento contra as mulheres e não fechar os olhos frente a essa violência.

Lançaram, assim, a primeira Campanha do Laço Branco (White Ribbon Campaign):

homens pelo fim da violência contra a mulher. Durante o primeiro ano da Campanha, foram distribuídos cerca de 100 mil laços entre os homens canadenses, principalmente entre os dias 25 de novembro e 6 de dezembro, semana que concentra um conjunto de ações e manifestações pú-

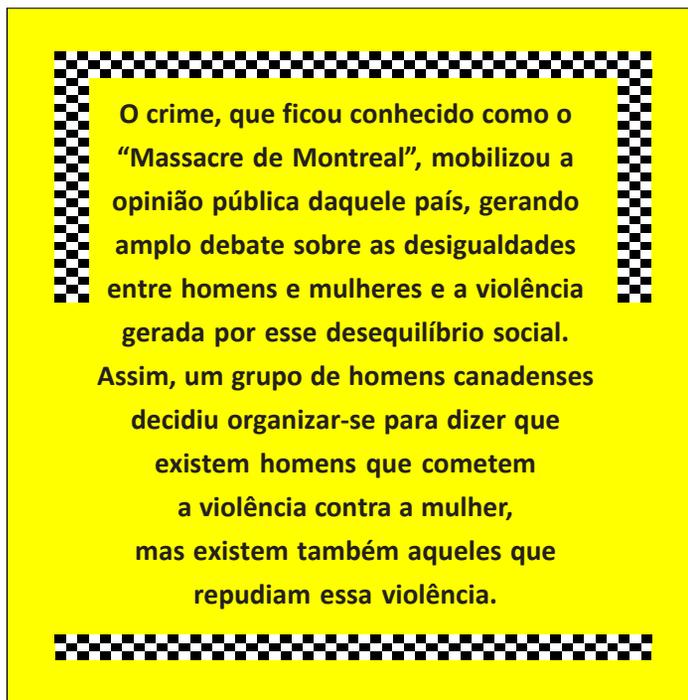
blicas em favor dos direitos das mulheres e pelo fim da violência. O dia 25 de novembro foi proclamado pela Organização das Nações Unidas, como o Dia Internacional de Erradicação da Violência contra a mulher.

O dia 6 de dezembro foi escolhido para que a morte

daquelas mulheres (e o machismo que a gerou) não fosse esquecida. Trabalhando junto a diversos órgãos das Nações Unidas, particularmente o UNIFEM [atualmente, ONU Mulheres] e em parceria com organizações de mulheres, a Campanha do Laço Branco hoje está presente em todos os continentes e em mais de 55 países, sendo apontada pela ONU como a maior iniciativa mundial voltada para o envolvimento dos homens com a

temática da violência contra a mulher.

No Brasil, algumas iniciativas pontuais começaram a ser delineadas em 1999, por meio de atividades dirigidas a essa temática, realizadas em Recife, pelo Instituto Papi e, em Brasília, pelo Promundo, com o objetivo de ampliar



cada vez mais nossa rede, sensibilizando profissionais e/ou comunidades em geral. Em 2001, o Instituto PAPAI assumiu a coordenação do Comitê Gestor Nacional da Campanha Brasileira do Laço Branco. Neste ano, foi realizado o lançamento oficial da Campanha no Brasil, promovendo-se diferentes atividades, entre elas: distribuição de laços brancos, camisetas e folhetos informativos, realização de eventos públicos, caminhadas, debates, oficinas temáticas, entrevistas para jornais e revistas, coleta de assinaturas e termos de adesão à campanha etc. Essas atividades foram desenvolvidas em parceria com diferentes instituições, particularmente organizações do Movimento de Mulheres.

Em 2002, iniciamos parceria com a Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres (SPM), a partir da qual foi possível um conjunto de ações em rede, especialmente a partir de reuniões do grupo mobilizador da campanha em nosso país. Neste ano, iniciamos também parceria com o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, quando foi possível iniciar um trabalho de interiorização da campanha em Pernambuco, com apoio da SPM, Opas e Unfpa.

Entre 2003 e 2005, as ações da Campanha do Laço Branco tiveram apoio direto da SPM e do UNIFEM [ONU Mulheres], período em que produzimos nossa primeira

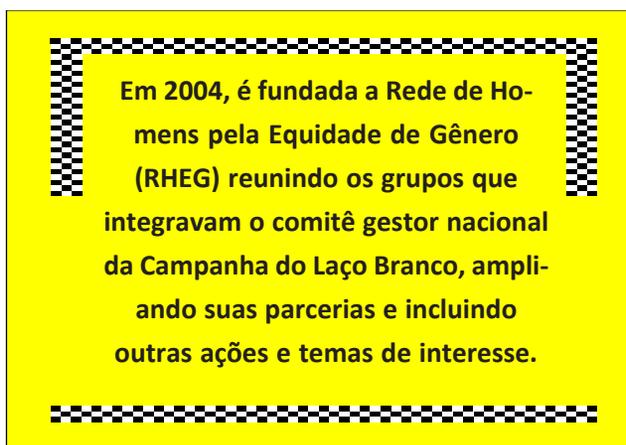
vinheta nacional, com a colaboração dos atores: Wagner Moura, Lázaro Ramos, Bruno Garcia e Lúcio Mauro Filho. Neste período, também se consolidaram as ações de interiorização da campanha. Neste período, em 2004, é fundada a Rede de Homens pela Equidade de Gênero (RHEG) reunindo os grupos que integravam o comitê

gestor nacional da Campanha do Laço Branco, ampliando suas parcerias e incluindo outras ações e temas de interesse.

Em 2005, iniciamos parceria com a White Ribbon Campaign, ONG canadense pioneira na realização da Campanha do Laço

Branco e coordenadora de ações internacionais da campanha.

Entre 2006 e 2008, contamos nossas ações de parceria com a WRC tiveram apoio da Agência Canadense de Cooperação (CIDA). Entre os principais produtos deste apoio, está a atualização da página web e a produção de um Manual para implementação de ações da Campanha em diferentes contextos, reunindo aprendizagem dos grupos brasileiros e canadense. Neste período, em 2007, como reconhecimento da importância do tema e da campanha,



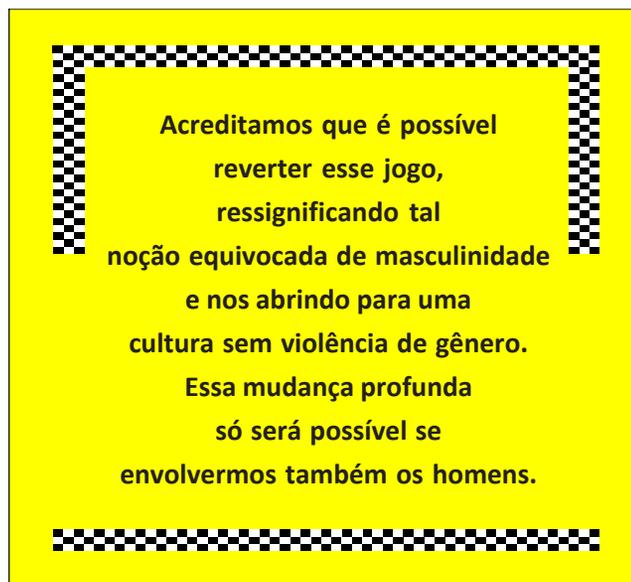
o governo brasileiro instituiu o dia 6 de dezembro como o “Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo Fim da Violência contra as Mulheres” (Lei 11.489/07). Vale ressaltar que a RHEG estimula que ações da Campanha do Laço Branco aconteçam durante todo o ano, contudo, seu principal período de atividade concentra-se entre o dia 25 de novembro e 10 de dezembro, período que compreende a “Campanha 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência Contra a Mulher”.

Entre 2008, a Campanha do Laço Branco foi convidada, pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e a Organização das Nações Unidas, a colaborar com a Campanha “Homens unidos pelo fim da Violência”, voltada a formadores de opinião.

Em 2009, a RHEG realizou no Rio de Janeiro o Simpósio Mundial “Engajando Homens e Meninos pela Igualdade de Gênero”, sob coordenação do Instituto Promundo, reunindo diferentes grupos que realizam campanha em seus países.

Entre 2010 e 2012, estabelecemos rica parceria com a ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social), ampliando nossas ações para outras cidades, tais como Belém, Fortaleza, Petrolina e interior de Minas Gerais.

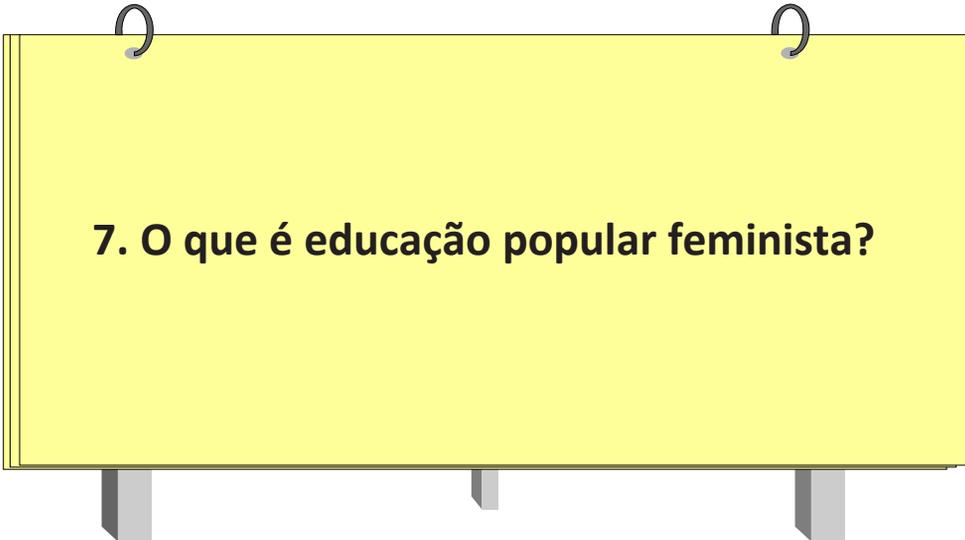
Neste período, produzimos também um vídeo em que nos posicionamos criticamente frente à questão da criminalização das mulheres no debate sobre aborto, a partir do slogan: nenhuma mulher deve ser presa, ficar doente ou morrer por abortar.



Para o biênio 2013 e 2014, definimos como slogan “Homens pelo fim da violência contra as mulheres: nesse jogo, todos ganham!”. Esta mensagem faz alusão às copas das confederações e copa do mundo, que acontecerão neste período, no Brasil. A escolha deste tema se deu pelo fato do futebol ser um esporte fortemente associado ao masculino e à violência. Acreditamos que é possível

reverter esse jogo, ressignificando tal noção equivocada de masculinidade e nos abrindo para uma cultura sem violência de gênero. Essa mudança profunda só será possível se envolvermos também os homens.

Hoje, a campanha continua sendo a principal atividade da Rede de Homens pela Equidade de Gênero (RHEG) e já foram registradas ações da Campanha em pelo menos 100 cidades brasileiras.



7. O que é educação popular feminista?

- ➡ Educação popular feminista é a construção conjunta do saber, com base na realidade das pessoas participantes, “com elas” e não “para elas”.
- ➡ O conhecimento é gestado de forma coletiva, considerando-se a visão local, para inseri-la no contexto nacional, regional e global - e vice-versa.
- ➡ Leva em conta aspectos objetivos e subjetivos, pois considera que a realidade é construída pelas pessoas tanto pela via da razão como pela via da emoção. Daí, a estratégia de utilização de dinâmicas de sensibilização.
- ➡ Busca avançar no enfrentamento às desigualdades de gênero, mas levando em conta as interseccionalidades - classe, raça-etnia, orientação sexual e identidade de gênero, quer dizer, os principais sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação.
- ➡ Essa metodologia desenvolvida a partir da década de 1980 pela Rede Mulher de Educação, tendo como principais educadoras Moema Viezzer e Beatriz Cannabrava, é uma proposta de formação a distância e presencial que contempla três fases: 1) Preparação; 2) Encontro; 3) Continuidade (processo de multiplicação).

A metodologia de educação popular feminista tem por base a construção coletiva do conhecimento, levando em conta aspectos objetivos e subjetivos, pois se considera que a realidade é construída pelas pessoas tanto pela via da razão como pela via da emoção. É uma forma dialógica de educar — com base na realidade das pessoas participantes, com elas, e não para elas. Assim, o conhecimento é gestado de forma coletiva, considerando-se a visão local, para inseri-la no contexto nacional, regional e global, e vice-versa.

Visa à libertação do ser humano, ao atuar contra os efeitos de uma psicologia da opressão, por meio de um processo de conscientização de sujeitos ativos — isto é, políticos —

, portanto, capazes de se organizar e transformar, eticamente, a história que está sendo construída permanentemente por seres humanos.

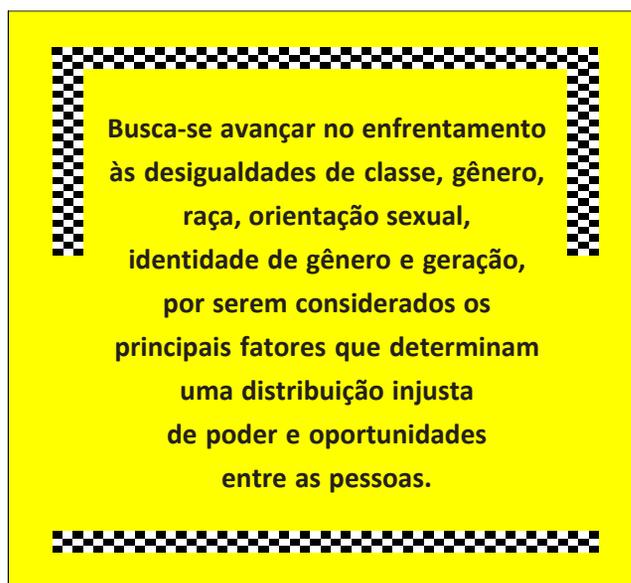
Busca-se avançar no enfrentamento às desigualdades de classe, gênero, raça, orientação sexual, identidade de gênero e geração, por serem considerados os principais fatores que determinam uma distribuição injusta de

poder e oportunidades entre as pessoas.

A Rede Mulher de Educação é reconhecida internacionalmente como pioneira no trabalho de educação popular específico com mulheres, com base na Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, que, em poucas palavras, poderia ser definida como uma forma de educar

transformadora, que liberta o ser humano, atuando contra os efeitos de uma psicologia da opressão, contribuindo para a humanização. Segundo Moema Viezzer, idealizadora e uma das fundadoras da Rede Mulher de Educação, “ao trabalhar sob a ótica das mulheres, a pedagogia do oprimido deve necessariamente levantar questões sobre as várias contradições existentes na sociedade, que extrapolam as contradições das classes sociais. O movimento feminista explicitou isso

ao desvendar a realidade da opressão do gênero feminino pelo gênero masculino — como parte constitutiva da realidade social em todas as classes sociais”. Como já dito, as desigualdades de classe, gênero, raça/etnia, orientação sexual, identidade de gênero e geração são as principais variáveis na distribuição desigual e injusta de poder e oportunidades entre as pessoas.



As dinâmicas de sensibilização são componentes importantes na aplicação da metodologia de educação popular feminista, visando a explorar a riqueza da subjetividade das pessoas, já que a realidade é construída tanto pela razão quanto pela emoção.

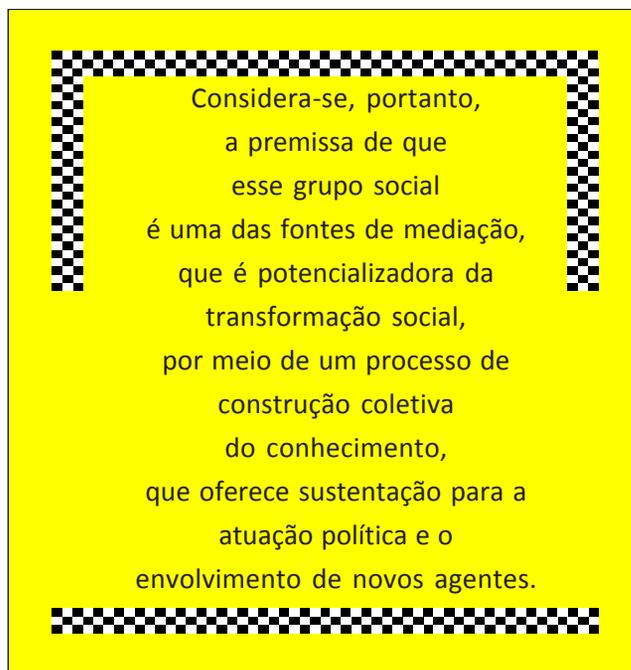
A fase de preparação exige enfoques específicos para as diferentes temáticas, levando sempre em conta que as/os participantes são pessoas que se caracterizam por distintos sujeitos sociais, entretanto, agregados coletivamente, por uma aura, uma atmosfera, um estado de espírito, em busca do objetivo comum de avançar na luta pela equidade de gênero, formando um grupo social com sintonia de interesses. Considera-se, portanto, a premissa de que esse grupo social é uma das fontes de mediação, que é potencializadora da transformação social, por meio de um processo de construção coletiva do conhecimento, que oferece sustentação para a atuação política e o envolvimento de novos agentes.

Ao longo de sua existência, a Rede Mulher de Edu-

cação aplicou e sistematizou (publicações que se tornam instrumentos) uma metodologia de oficina de educação popular com mulheres. Ela valoriza o conhecimento acumulado pelas/os participantes em sua prática de vida co-

tidiana — ponto de partida para a introdução e a construção de novos conhecimentos, que já demonstrou sua eficiência e eficácia de aplicação na prática.

As oficinas de formação constituem-se um outro ponto de partida para muitos trabalhos que tenham como perspectiva levar os grupos a refletir sobre as relações sociais, entendendo como a discriminação acontece, quem se beneficia com ela, e, assim, iniciar o planejamento de ações cotidianas que contribuam para alterar as desigualdades sociais.

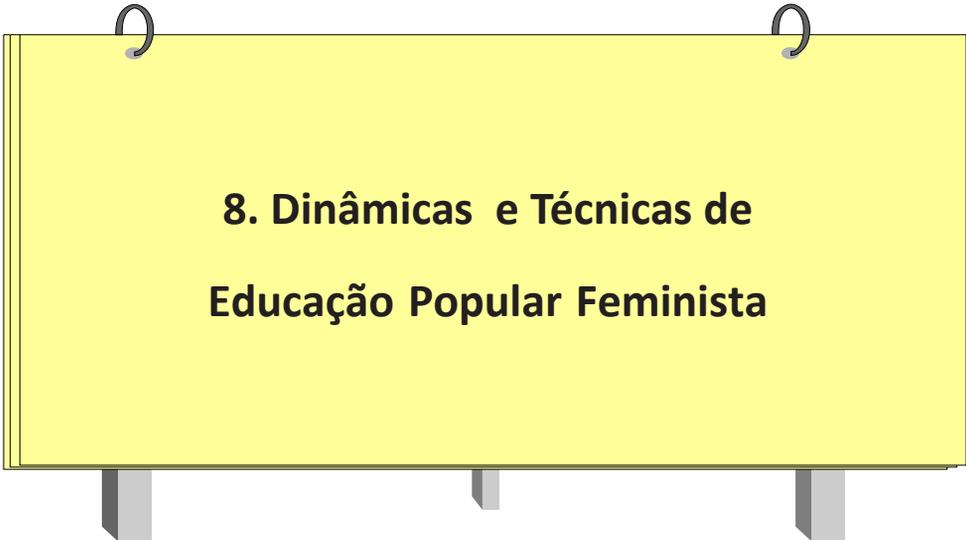


Referências bibliográficas

www.redemulher.org.br

www.mulherespaz.org.br

VIEIRA, Vera. CHARF, Clara. *Mulheres e Homens trabalhando pela PAZ e contra a Violência Doméstica*. São Paulo: Associação Mulheres pela Paz. 2012.



8. Dinâmicas e Técnicas de Educação Popular Feminista

Material compilado por Vera Vieira (Associação Mulheres pela Paz) e Beatriz Cannabrava (Rede Mulher de Educação)

As técnicas e dinâmicas utilizadas em um processo educativo, seja ele curso ou oficina, são ferramentas valiosas que permitem fazer, passo a passo com o grupo, um exercício de construção do conhecimento, de reciprocidade na comunicação e de cooperação, propiciando a participação de todos e todas. Mas é importante ter presente que são apenas ferramentas, instrumentos de trabalho, e que utilizar técnicas e dinâmicas por si só não é garantia de cumprimento dos objetivos. Por esse motivo, é imprescindível que o trabalho seja bem planejado, buscando-se técnicas e dinâmicas adequadas ao conteúdo que queremos trabalhar.

DINÂMICA 1: DANÇA NOVA

Objetivo: Descontração, integração
“Menina que dança é essa
Que sua perna (*) fica mole [*bis*]
É uma dança nova
Que bole, bole, que bole, bole [*bis*]
Que bole, bole, bole, bole

Que bole, bole, bole, bole [*bis*”
(*) Ir substituindo por braço, cabeça, cintura, etc.
Desenvolvimento: Formação em círculo.
Na primeira estrofe, ir movendo a parte do corpo mencionada. Na segunda, movimentar os quadris. O estribilho é acompanhado de palmas.

DINÂMICA 2: VOU ENSINAR A LETRA

Objetivo: Animação

“Pé de cana - Caneta

Pé de Bucha - Bucheta

No sertão da tiririca

PIMENTA - PIPOCA - PITANGA E PIPA.

Ela errou a letra [4x]

ou

Ela acertou a letra [4x]”

Desenvolvimento: Forma-se uma roda com as pessoas participantes. O facilitador ou a facilitadora canta quatro vezes. Na quinta vez, não canta a última linha da música, escolhendo sempre uma pessoa diferente. O grupo canta quatro vezes o acerto ou erro. Na quinta vez, não canta a última linha da música, escolhendo sempre uma pessoa diferente.

O grupo canta quatro vezes o acerto ou erro.

DINÂMICA 3: CONVERSANDO EM DUPLAS

Objetivo: Apresentação

Desenvolvimento: cada participante escolhe um parceiro ou parceira, de preferência uma pessoa que não conheça

muito bem.

Conversam durante cinco minutos, e uma apresenta a outra a todo o grupo.

DINÂMICA 4: CRACHÁS TROCADOS

Objetivo: Apresentação

Desenvolvimento: os crachás são distribuídos aleatoriamente. Uma pessoa de cada vez se apresenta e vai procurar o verdadeiro dono ou dona do crachá que está em seu

poder, que se apresenta e vai procurar o/a verdadeiro/a dona ou dona do crachá que está em seu poder.. e assim por diante, até que todas as pessoas tenham se apresentado.

DINÂMICA 5: COMO VÃO VOCÊS?

Objetivo: Integração.

Desenvolvimento: as pessoas caminham pela sala e vão se cumprimentando à medida que se encontram: as sau-

dações podem ser formais, efusivas, de cara feia, “morrendo de rir” ou de qualquer outra forma que cada participante possa imaginar.

DINÂMICA 6: EU ENTREI NA RODA

Objetivo: Apresentação por grupos.

Desenvolvimento: Formar uma roda e cantar:

“Eu entrei na roda para ver como se dança/

Eu entrei na contradança eu já sei dançar”

A facilitadora ou facilitador chama, então, um grupo de participantes, que vai para o centro da roda enquanto se

canta a segunda estrofe:

“Lá vai uma, lá vão duas, lá vão três, pela terceira / Lá se vai o meu amor num vapor para Cachoeira”.

As pessoas que estão no centro retornam à roda, e a brincadeira recomeça até que todos os grupos tenham se apresentado.

DINÂMICA 7: PASSEIO NA FLORESTA

Objetivo: Divisão em grupos.

Desenvolvimento: Todos caminham pela sala livremente — passeando na floresta.

A facilitadora ou facilitador vai dizendo, por exemplo: “Olhe lá um bando de quatro araras”, e os/as participantes

se reúnem em grupos de quatro. Volta-se ao passeio e vão sendo mencionados grupos de animais em números variados, sempre formando o grupo conforme o número, até que se chegue ao número desejado de pessoas para cada grupo.

DINÂMICA 8: BOTE SALVA VIDAS

Objetivo: Divisão em grupos.

Desenvolvimento: A facilitadora ou facilitador conta uma história de um navio em alto-mar que enfrenta uma tempestade. É preciso correr para os botes salva-vidas.

Mas cada bote só comporta um número “X” de pessoas. Com mais, afunda, com menos, não sai do lugar. Assim, vamos tentando fazer botes de 4, de 5 de 7, etc., até chegar ao número desejado para cada grupo.

DINÂMICA 9: OS GANSOS

Objetivo: Refletir sobre o trabalho em equipe.

Desenvolvimento: O facilitador ou facilitadora lê, ou solicita que alguém leia, o seguinte texto de autoria desconhecida:

“Você sabe porque os gansos sempre voam formando um ‘V’?”

Os cientistas dizem que:

1. À medida que cada ave bate suas asas, ela cria uma área de sustentação para a ave seguinte. Voando em ‘V’, o grupo inteiro consegue voar mais do dobro da distância que cada ave sozinha.
2. Quando o ganso líder se cansa, ele vai para a parte de trás do ‘V’, enquanto outro ganso assume a ponta.
3. Os gansos de trás grasnam para encorajar os da frente a

manter o ritmo e a velocidade.

4. Quando um ganso adoece ou se fere, e deixa o grupo, dois outros gansos saem da formação e seguem-no para ajudá-lo e protegê-lo. Eles o acompanham até que suas condições melhorem e, então, os três reiniciam a jornada, juntando-se a outra formação, até encontrar o grupo original.”

Em seguida, propõe as seguintes atividades:

- Escolher, em uma “chuva de idéias”, uma ou mais palavras-chave para cada uma das afirmações do texto. As palavras serão anotadas em um cartaz ou no quadro negro.
- Fazer uma reflexão conjunta sobre o que cada uma dessas palavras significa em um trabalho de equipe e para cada equipe representada na oficina.

DINÂMICA 10: O NÓ

Objetivo: Refletir sobre os pontos de estrangulamento de um projeto ou atividade e buscar soluções.

Desenvolvimento: Formar uma grande roda de mãos dadas. A facilitadora ou facilitador indica que cada participante deve tratar de ir passando por baixo dos braços das/os componentes da roda, sem soltar as mãos. Esse movi-

mento forma um grande nó, que deverá ser desfeito também sem soltar as mãos, até voltar à posição inicial na roda. Refletir sobre como e por que aconteceu o nó, e como é que ele foi desfeito. Transferir a reflexão para os “nós” que queremos desatar na realidade e tratar de vê-los sob essas novas perspectivas de solução.

DINÂMICA 11: SEGUINDO O LÍDER

Objetivo: Refletir sobre a prática e tipos de liderança.

Desenvolvimento: A facilitadora ou facilitador propõe a brincadeira dizendo: “Eu sou o/a líder e tudo o que eu fizer, vocês me seguem e fazem igual. Depois de algum tempo, vou passar a liderança para outra pessoa. Todos têm que estar atentos para ver quem será o/a novo/a líder e fazer tudo o que ele/a faz. E quando for passada a liderança, sigam o/a outro líder e assim por diante”.

A brincadeira se desenvolve até que a facilitadora ou facilitador a interrompe dizendo:

“Agora chega!”.

Inicia-se, então, a reflexão: “Isso é liderança? Que liderança é essa? Autoritária, que impõe o que fazer, delega a liderança a quem quer e bem entende... Há outro tipo de liderança? Como seria?”.

DINÂMICA 12: CEGOS E ELEFANTES

Objetivo: Refletir sobre a importância de reunir esforços e compartilhar saberes.

Desenvolvimento: Pedir para alguém do grupo ler — ou fazer uma leitura conjunta — o conto “Os quatro cegos e o elefante”.

Após a leitura, pedir ao grupo que indique quais os principais pontos abordados e como isso se aplica à nossa atividade, a oficina, ao curso ou ao grupo de trabalho.

O conto:

“Era uma vez, lá muito longe, em um país da Ásia, quatro

cegos que nunca haviam visto um elefante.

— O que é que vocês acham de a gente ir ver o rei, que é generoso, para que nos mostre seu elefante manso? disse um dos cegos.

— Vamos, sim — concordaram os outros. E lá se foram para o palácio do rei. Chegaram ao pé do trono e, fazendo uma reverência, disseram ao rei:

— Viemos pedir a Sua Majestade que nos mostre seu elefante manso, porque somos cegos e não podemos vê-lo, mas queremos aprender.

— Que bom que querem aprender, — disse o rei. — Vou levá-los até lá. Podem tocá-lo à vontade, porque ele é manso.

O elefante estava limpo e brilhando, e, naquele momento, comia de uma enorme gamela bolos de arroz. Ao lado, uma gamela menor, cheia de bolos de milho. Os quatro cegos se atiraram sobre o elefante e começaram a tocá-lo para saber como era. Um deles agarrou uma pata; o outro, pendurou-se na tromba e, aí, se balançava sem soltá-la; o

terceiro, agarrou o rabo e começou a sacudi-lo com força; o último, nem chegou perto do elefante, mas agarrou uma ponta da gamela.

— Já sei, — gritou o primeiro — o elefante é alto e redondo como uma torre!

— Não é, não, — retrucou o segundo — é comprido e termina em ponta!

— Isso não é verdade, — disse o outro — ele se parece com o badalo de um sino.

— Estão todos enganados, — resmungou o quarto cego — é duro como madeira e não se mexe.

Então o rei disse: — Calma, meus amigos, nenhum de vocês acertou. Você, — disse ao primeiro — agarrou só uma pata. E você, só a tromba. E os outros dois, o rabo e a ponta da gamela.

— Venham para cá os quatro e, juntos, com suas mãos, poderão saber como é um elefante.

Assim o fizeram, e os quatro cegos compreenderam que juntos podiam muito mais que cada um por sua conta.”

DINÂMICA 13: RECICLANDO

Objetivo: Avaliar pontos positivos e negativos de um determinado trabalho ou do desenvolvimento de uma oficina.

Desenvolvimento: Propõe-se às pessoas que mencionem, em relação ao trabalho realizado ou à oficina de que participaram, o que temos para “pôr em cima da mesa”, ou

seja, mostrar, exibir a todos/as; e o que vamos jogar no lixo. Essa apresentação pode ser feita por meio de frases ou palavras que vão sendo escritas em dois cartazes: “Mesa” e “Lixo”, ou por meio de desenhos que as pessoas vão fazendo em cartazes, onde estão desenhadas uma mesa e uma lata de lixo, respectivamente.

Depois que todas as pessoas opinaram, a facilitadora ou facilitador resume o que foi escrito nos dois quadros e propõe uma reflexão: “Das coisas que jogamos no lixo, o que pode ser reciclado, reaproveitando, transformando,

dando outra utilização; e o que é realmente lixo, que tem que ser jogado fora definitivamente?”. São elaborados, então, outros dois quadros: o do reciclado e o do lixo. Encerra-se a atividade com um breve debate.

DINÂMICA 14: DESENHO

Objetivo: Avaliar a percepção, a satisfação e o descontentamento dos/as participantes de uma oficina ou curso.

Desenvolvimento: Pedir a cada participante que faça um desenho representando a oficina: o que foi mais significativo, do que não gostou, o que ficou faltando, como se sentiu com o grupo, etc. Os desenhos são

colocados em um varal, para serem apreciados por todos/as os/as participantes, que fazem uma “visita” à exposição.

Para concluir, a facilitadora ou facilitador coordena um pequeno debate, fazendo algumas considerações sobre os pontos mais relevantes que surgiram nos desenhos.

DINÂMICA 15: NASCE UM BEBÊ

Objetivo: Introduzir a noção de gênero como uma fonte de diferenciação social relacionada a outros fatores, como classe, raça, etnia, idade, orientação sexual, idade.

Desenvolvimento:

1. Antes da atividade, prepare 30 cartões, cada um com uma característica que lhe é oposta: rico(a)/pobre; menino/menina; branco(a)/negro(a); branco(a)/indígena; trabalhador(a) rural/proprietário(a) de terra; filho(a) de mãe solteira/filho(a) de casal; com deficiência/sem deficiência Prepare duas cartolinas: uma para a criança “bem-sucedida” e outra para a “malsucedida”.

Coloque-as uma ao lado da outra.

2. Apresente e explique a atividade às pessoas participantes.

— Peça para que as pessoas se sentem em círculos.

— Peça para as pessoas imaginarem que estão prestes a se tornar mãe ou pai de uma criança, para quem desejam as melhores oportunidades no futuro.

3. Distribua, aleatoriamente, dois cartões para cada participante.

4. Explique que a criança terá mais ou menos chances de “sucesso” dependendo de muitas questões sociais, cultu-

rais e pessoais.

5. Peça a uma pessoa de cada vez para trazer seu cartão, colocá-lo em uma das cartolinas e explicar por que escolheu a categoria “bem-sucedida” ou “malsucedida”.

Pode-se abrir para comentários.

6. Peça para que a pessoa que tem o cartão oposto se apresente e coloque o cartão na cartolina contrária à primeira.

Peça para explicar. E assim sucessivamente...

7. Faça uma síntese, enfatizando que gênero é uma das

formas de diferenciação social e, por isso, precisa ser compreendido nos diferentes contextos sociais, e não em um vácuo social. Na maioria das sociedades, a diferenciação de gênero significa que as meninas têm menos chances de sucesso (independentemente do modo como cada cultura define “sucesso”). Embora gênero seja uma forma de diferenciação social, é também afetado por outros aspectos da identidade social, como classe, raça, etnia, idade...
(Fonte: *Manual de Formação de Gênero da Oxfam, 1999*)

DINÂMICA 16: REDE DE SIGNIFICADOS

Objetivos: Explorar a riqueza da subjetividade, sensibilizar para a complexidade do processo comunicacional e aprofundar a reflexão sobre o fato de que os significados são reconstruídos pelas pessoas com base na influência cultural das diversas redes de relações.

Desenvolvimento:

1. Antes da atividade, prepare um grande novelo de barbantes coloridos, ora atados, ora soltos.
2. Apresente e explique a atividade às pessoas participantes, solicitando que formem um grande círculo.
3. Uma pessoa começa com o novelo na mão, apresentando-se e dizendo uma palavra que sintetize a expectativa que tem sobre a oficina. Em seguida, essa pessoa escolhe uma outra e joga o novelo para ela, que se apresenta e diz

uma palavra de expectativa.

E, assim, sucessivamente.

4. Quando todas as pessoas forem contempladas, terá sido formada uma grande rede. Faz-se, então, uma rodada sobre o significado do emaranhado da rede que foi tecida.
5. Faça uma síntese da atividade, enfatizando os diferentes significados que foram colocados pelas pessoas participantes para uma mesma questão, o que demonstra que cada pessoa “lê de acordo com sua ótica”, quer dizer, cada interpretação é feita de acordo com a influência cultural das diversas redes de relações em sua vida. Assim, o conteúdo discriminatório disseminado pela mídia, por exemplo, não causa efeito entorpecedor. São representações do mundo a serem analisadas, comparadas e reconstruídas.

DINÂMICA 17: A MULHER NA MÍDIA

Objetivo: Exercitar a leitura crítica da mídia no que se refere aos estereótipos de gênero nas imagens e mensagens veiculadas, como etapa fundamental para a posterior gestão de estratégias de intervenção, para alterar os padrões vigentes.

Desenvolvimento:

1. Antes da atividade, prepare uma cartolina com o *slogan* de uma campanha publicitária da cervejaria Kaiser, veiculada em 2003, que dizia “MULHER E CERVEJA: ESPECIALIDADES DA CASA”. Cole, na mesma cartolina, algumas imagens de mulheres de quaisquer propagandas de cerveja, que podem ser obtidas em revistas impressas ou na internet.

2. Apresente e explique a atividade às pessoas participantes, solicitando que se dividam em grupos. Cada grupo vai discutir os tópicos a seguir, escolhendo uma pessoa para coordenar e outra, para sistematizar em cartolinas, para posterior apresentação conjunta:

— Qual a imagem da mulher que está sendo construída pelas campanhas publicitárias de cerveja? Por que permanece essa utilização estereotipada? (Se possível, tente discutir as lógicas culturais, econômicas e políticas que animam a mensagem.)

— Que estratégia/s o grupo indicaria para alterar esse padrão vigente?

3. A pessoa encarregada pela sistematização de cada grupo apresenta, em plenária, as ideias trabalhadas.

4. No final da apresentação, abre-se um espaço para debates.

5. Faça uma síntese da atividade, enfatizando que a leitura crítica leva a uma maior conscientização para a criação de mecanismos efetivos de interferência nos veículos e instâncias pertinentes. A intervenção na mídia, movida pela consciência cidadã, leva ao avanço de uma sociedade democrática, portanto, baseada em valores éticos e de igualdade.

DINÂMICA 18: ESTEREÓTIPOS EM DEBATE

Objetivo: Despertar ou aumentar a consciência sobre os estereótipos sexistas, que reforçam a inequidade de gênero.

Desenvolvimento:

1. Com todas as pessoas participantes de pé em um mes-

mo lado da sala, o/a facilitador explica que, para cada afirmação que for feita, as pessoas que concordam com ela devem se posicionar do lado direito; as que não concordam, do lado esquerdo; e as que não têm opinião formada, no centro.

2. Depois que as pessoas se posicionam, o/a facilitador começa a colher diferentes impressões, contemplando os três lados.

Sugere-se três impressões, mas, quando suscitar polêmica, ouvir mais participantes nas diferentes posições.

Sugestões de afirmações:

- a) Os homens são agressivos.
- b) As mulheres são sentimentais.
- c) Somente os homens podem ser bombeiros.
- d) As dificuldades com as tecnologias por parte das mulheres acontecem por razões biológicas.
- e) É muito maior o número de homens que se formam engenheiros, por uma dificuldade natural das mulheres.
- f) Poucos homens se dedicam a atividades voltadas para o cuidado com crianças e pessoas idosas, porque as mulhe-

res possuem características naturais muito mais propícias a tal trabalho.

g) A cor azul é muito mais apropriada para os homens e a cor-de-rosa, para as mulheres.

h) Eu (ou meu pai ou mãe) compraria uma boneca para dar de presente para o filho e uma espada de luta para a filha.

i) Eu considero natural autorizar a filha a trazer o namorado para dormir em casa, da mesma forma que o filho pode trazer a namorada.

j) Meninas e meninos devem aprender a fazer as mesmas tarefas domésticas.

k) Os cargos de poder são exercidos com mais competência pelos homens, pela natural competência e espírito de autoridade.

DINÂMICA 19: QUE BICHO É ESSE?

Objetivo: Refletir sobre os estereótipos que as pessoas carregam e que contribuem para reforçar atitudes discriminatórias.

Desenvolvimento:

1. O facilitador ou facilitadora pede às pessoas participantes que imaginem um animal que gostaria de ser, refletindo sobre as razões que levaram a essa escolha.
2. Passados uns três minutos, começa a fazer uma lista das pessoas e dos respectivos animais escolhidos, em duas colunas: uma, para participantes do sexo masculino, e

outra, para o sexo feminino.

3. Inicia uma interação com as pessoas participantes, no sentido de identificar se as características dos animais escolhidos pelos homens são similares às aquelas construídas culturalmente para o sexo masculino. Exemplo: cavalo, por transmitir força, decisão, etc. Da mesma forma, com relação às participantes do sexo feminino, que podem ter escolhido, por exemplo, o gato, por ser doce e terno.

4. Sugere-se refletir sobre as razões pelas quais são concebidas e se naturalizam as noções de feminino e masculino.

DINÂMICA 20: O QUE VAMOS DIZER A ELES?

Objetivo: Tomar consciência da argumentação patriarcal para justificar a subordinação das mulheres, por meio de frases sobre as mulheres ditas por “grandes homens”, e fazer propostas para novas relações de gênero.

Desenvolvimento:

1. Formar pequenos grupos de três ou quatro participantes. Cada grupo receberá uma ficha com algumas frases famosas de pensadores, tendo dez minutos para discutir e elaborar uma resposta.
2. Em seguida, cada grupo encenará um “diálogo” com o personagem.
3. Durante a apresentação, os outros grupos poderão “entrar na conversa” e ampliar a argumentação.

Sugestões de frases famosas:

“Os homens covardes, que foram injustos durante toda a sua vida, serão provavelmente transformados em mulheres quando reencarnarem.” (Platão)

“A fêmea é fêmea em virtude de certa falta de qualidade. A mulher é mais vulnerável à piedade, chora com maior facilidade, é mais chegada à inveja, à lamúria e à injúria.

Facilmente se deixa abater pelo desespero. É menos digna de confiança.” (Aristóteles)

“A mulher é um ser acidental e falho. Seu destino é viver sob a tutela do homem.” (Santo Tomás de Aquino)

“Não é, pois, surpreendente que em todos os países os homens tenham se tornado os mestres das mulheres, buscando-se na sua força. Ele, em geral, é superior a ela pelo corpo e pelo espírito.” (Voltaire)

“É pouco dotada intelectualmente, caprichosa, indiscreta, é moralmente fraca. Sua única força é o encanto. Sua virtude é aparente e convencional.” (Kant)

“A educação das mulheres deve ser relativa à dos homens. Em todos os tempos, os deveres das mulheres, aqueles que devem ser ensinados desde a infância, constituem em agradar os homens, em ser-lhes útil, em fazerem se amar por eles ou educá-los quando são pequenos, cuidar deles quando crescem, dar-lhes conselhos, controlá-los e ensinar-lhes a vida agradável e doce.” (Rosseau)

“Quando vejo uma mulher ligada à História, às questões jurídicas, à lógica e às drogas, eu entro em crise.” (Augusto Comte)

DINÂMICA 21: DITOS E CONTRADITOS

Objetivo: Tomar consciência de como a subordinação da mulher está arraigada no imaginário popular e “desconstruir” as imagens estereotipadas.

Desenvolvimento:

1. Dividir as pessoas participantes em grupos.
2. Cada grupo vai pensar um dito popular/ piada (exemplo: “mulher dirige mal, porque só sabe pilotar fogão”),

um provérbio (“Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”) e um trecho de música (exemplo: “Um tapinha não dói”) sobre a mulher.

3. Após analisá-los, o grupo irá criar um ontradito.
4. Cada grupo apresenta os contraditos criados.
5. Ao final, é feito um debate sobre as reflexões das pessoas participantes.

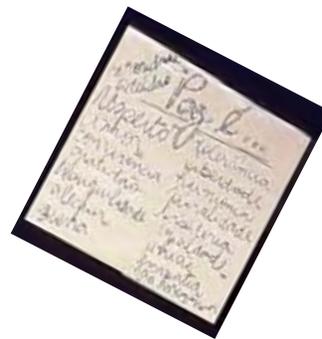
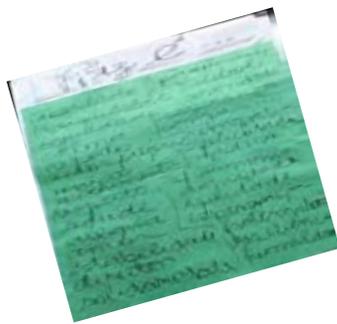
DINÂMICA 22: CONCEITO AMPLIADO DE PAZ

Objetivo: Demonstrar o conceito de paz baseado na Resolução 1325 da ONU, que vai além do oposto de guerra.

Desenvolvimento:

- 1) Perguntar às pessoas participantes a palavra que vem à mente quando pensam em paz.
- 2) Escrever essas palavras em um quadro.
- 3) Solicitar a uma pessoa participante que leia o que foi produzido sobre o significado de paz.
- 4) Reforçar que houve uma contribuição de todas as pessoas para a teorização do significado ampliado de paz.
- 5) Complementar com as seguintes informações:

- a) PAZ não é apenas o oposto de guerra.
- b) A PAZ está nas ações do cotidiano, na busca por segurança humana e justiça social.
- c) A PAZ não significa passividade. Significa promover meios ativos e não violentos em busca da solução de conflitos, injustiças estruturais e desigualdades.
- d) Significa a busca pelo entendimento entre as pessoas, respeitando-se as diferenças.
- e) Significa vencer a guerra do dia a dia que está retratada na discriminação de classe social, no sexismo, no racismo, na LGBTfobia, na violência contra mulheres e meninas...



DINÂMICA 23: COISAS MASCULINAS X COISAS FEMININAS



Materiais: 2 cartolinas e caneta piloto. Também podem ser utilizadas as diversas figuras a seguir.

Objetivo: Explicitar a diferença entre o conceito de sexo e o conceito de gênero - com as diversas interseccionalidades

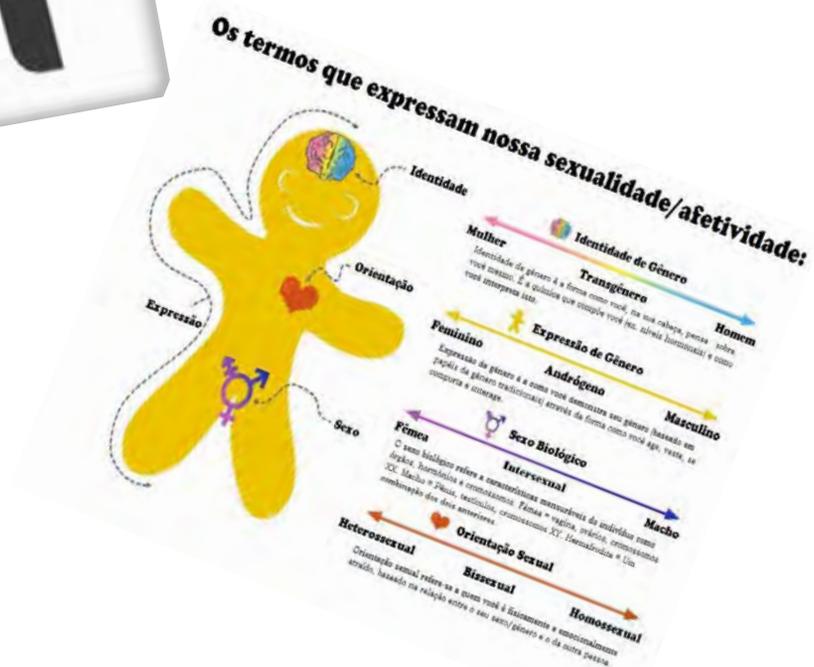
Desenvolvimento:

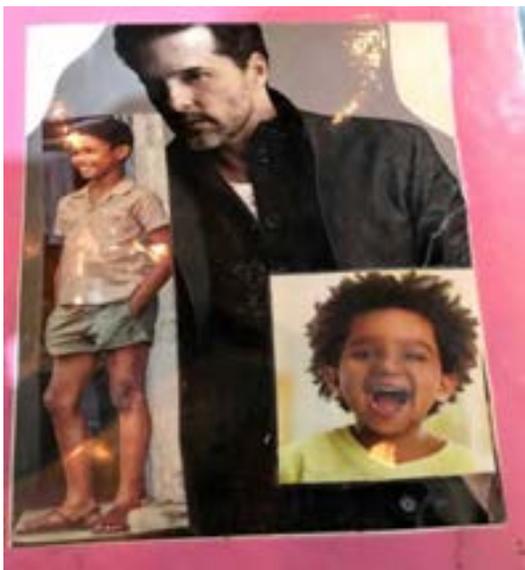
1. Explique os objetivos da dinâmica.
2. Afixe as duas cartolinas; em uma, colocar o título Coisas Masculinas; e, na outra, Coisas Femininas.
3. Peça aos/as participantes que pensem em características que consideram ser de mulher e de homem — em termos fisiológicos e comportamentais. Caso sejam utilizadas as figuras a seguir, pedir que escolham o lado que devem ser afixadas.
4. Solicite uma participante do sexo masculino e outra do sexo feminino que diga quais são as únicas características fisiológicas de cada lado.
5. Interaja com os/as participantes, colhendo impressões sobre o que foi descrito.
6. Faça uma síntese da atividade, grifando somente as ca-

racterísticas que são próprias de cada sexo, ou seja, na mulher: TPM, menstruação, amamentação, gravidez; e no homem: espermatozoides. Explique que todas as outras características que são comportamentais, são culturais, isto é, construídas por meio da socialização, portanto, podem

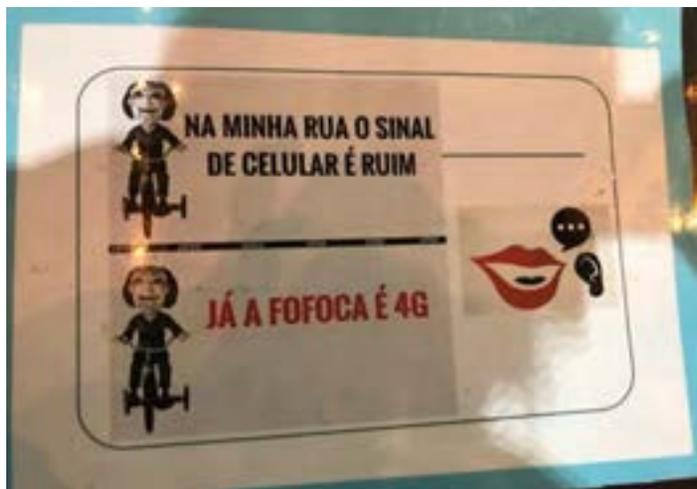
ser revistas e alteradas.

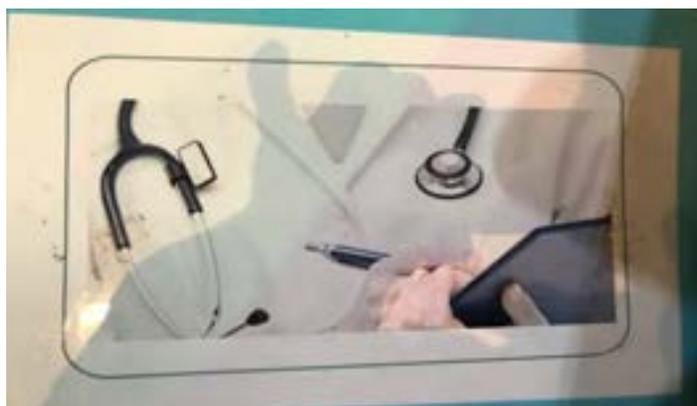
7) Apresentar as figuras abaixo para elucidar os conceitos de identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico, principalmente para reforçar uma visão não binária de gênero. Ver explicação sobre diversos termos nas páginas 27 a 29.

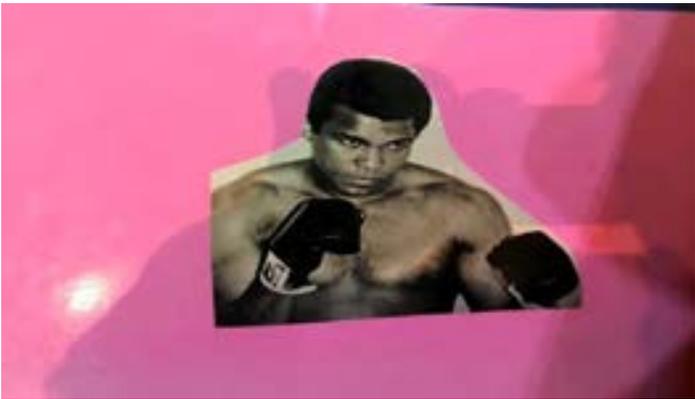
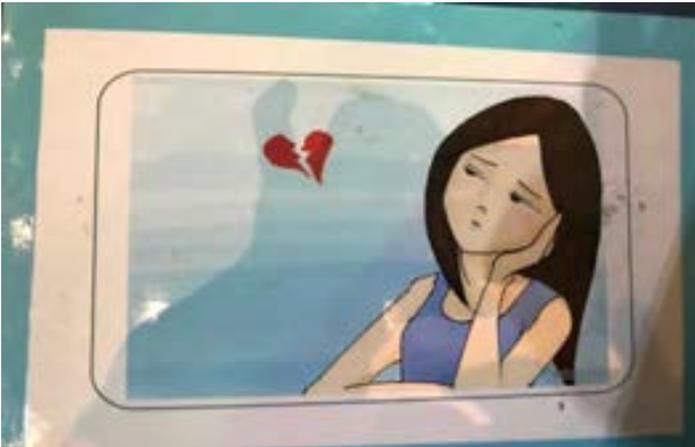


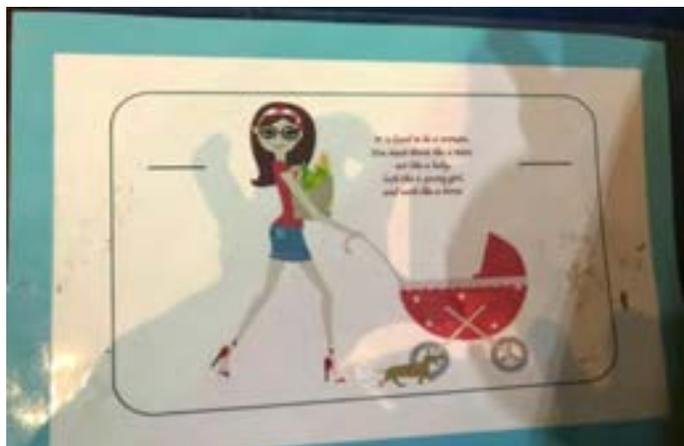


Reforçar que há uma diversidade e pluralidade de homens e mulheres - e não um padrão único. Podem ser brancos(as), negros(as), pardos(as), indígenas, ricos, pobres, gordos(as), magros(as), com ou sem deficiência, heterossexuais, homossexuais, bissexuais, lésbicas, assexuais, intersexuais, transexuais, transgêneros, etc.

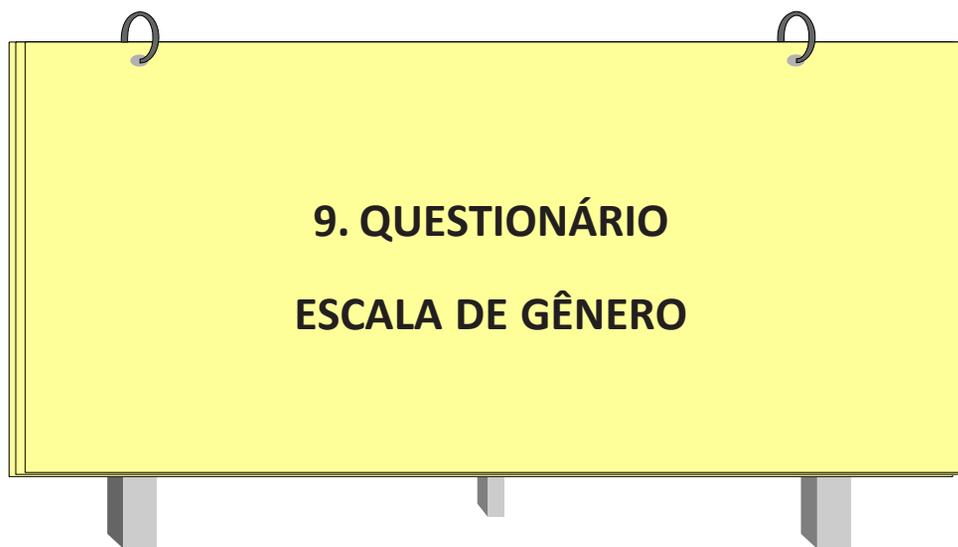












(Fonte: Projeto Horizons, desenvolvido pelo Instituto Promundo e Population Council)

Sugere-se a aplicação deste questionário em duas etapas: antes da realização da oficina; ao término da oficina.

Dentre os objetivos estão o de analisar, previamente,
as ideias e atitudes sobre a equidade entre mulheres e homens,
e, ao final do curso, constatar as mudanças ocorridas, de forma interativa.

As respostas são dadas fazendo-se um círculo ao redor do número mais próximo a cada afirmação, sendo:

1 Concordo inteiramente

2 Concordo parcialmente

3 Estou indeciso/a

4 Discordo parcialmente

5 Discordo totalmente

1) É justificável que um homem agrida uma mulher se ela não cumprir com suas tarefas domésticas e não cuida dos filhos.

1 2 3 4 5

2) Cabe às próprias mulheres se organizarem e pressionarem o governo para que seus direitos sejam respeitados e garantidos.

1 2 3 4 5

3) A mulher deve ser responsável pela troca da fralda, pelo banho e por dar comida aos filhos, pois é ela quem engravida.

1 2 3 4 5

4) O casal deve decidir junto se quer ter filho.

1 2 3 4 5

5) A educação dada aos meninos deve ser diferente daquela dada às meninas.

1 2 3 4 5

6) A decisão pelo aborto deve ser considerada um direito da mulher.

1 2 3 4 5

7) O dever do homem é ganhar dinheiro e o da mulher é cuidar da casa e da família.

1 2 3 4 5

8) As mulheres, de modo geral, estão em situação de desigualdade/desvantagem em relação aos homens.

1 2 3 4 5

9) O homem precisa mais de sexo do que a mulher.

1 2 3 4 5

10) Mulher que já teve mais parceiros sexuais do que seu companheiro é promíscua.

1 2 3 4 5

11) O poder público deve trabalhar para diminuir as desigualdades sociais, raciais e entre homens e mulheres.

1 2 3 4 5

12) É justificável que um homem agrida uma mulher se ela se comporta e/ou se veste de maneira provocante.

1 2 3 4 5

13) Se o homem pagar as despesas da casa, ele tem o direito de ter a última palavra.

1 2 3 4 5

14) A mulher tem mais dificuldades de lutar pelos seus próprios direitos que os homens.

1 2 3 4 5

15) É aceitável que a mulher ganhe mais do que o seu parceiro.

1 2 3 4 5

16) Trabalhar fora é a principal maneira de uma mulher se tornar independente, ter autonomia.

1 2 3 4 5

17) Há certos trabalhos que devem ser realizados só pelos homens.

1 2 3 4 5

18) Um/a homossexual tem o direito de viver sua sexualidade sem sofrer discriminações ou violência.

1 2 3 4 5

19) Exercer uma atividade profissional é importante para homens e mulheres.

1 2 3 4 5

20) É justificável que um homem agrida uma mulher se ela o traiu.

1 2 3 4 5

21) As pessoas acham que todo/a negro/a é sempre suspeito/a.

1 2 3 4 5

22) A mulher é a única responsável pelo trabalho doméstico.

1 2 3 4 5

23) A vida familiar fica prejudicada quando a mulher tem um emprego de tempo integral.

1 2 3 4 5

24) Mulher que leva camisinha na bolsa não é para casar.

1 2 3 4 5

25) Eu nunca teria uma amiga lésbica ou um amigo gay.

1 2 3 4 5

26) Quando o marido obriga a mulher a transar é estupro.

1 2 3 4 5

27) É o homem que deve determinar quando a mulher pode sair de casa sozinha.

1 2 3 4 5

28) Os/As brancos/as são preferidos aos negros/as para ocupar uma vaga no mercado de trabalho porque têm boa aparência.

1 2 3 4 5

29) Os homens deveriam dividir igualmente todas as tarefas domésticas.

1 2 3 4 5

30) A mulher deve aguentar a violência para manter sua família unida.

1 2 3 4 5

31) De maneira geral, as mulheres brasileiras têm a mesma oportunidade que os homens de assumir cargos públicos ou a liderança de programas ou projetos.

1 2 3 4 5

32) Algumas pessoas dizem que não são racistas, mas não querem que os filhos/as se casem com pessoas de outra cor/raça.

1 2 3 4 5

33) O trabalho da mulher — fora de casa — é apenas uma ajuda para o orçamento doméstico.

1 2 3 4 5

34) No caso de habitações populares, a escritura deve sair no nome da mulher mesmo que ela seja casada.

1 2 3 4 5

35) Uma mulher deve ter o direito de trabalhar fora de casa, mesmo que o marido não queira.

1 2 3 4 5

36) O trabalho mais importante da mulher é cuidar da casa e cozinhar para sua família.

1 2 3 4 5

37) A mulher deve participar igualmente na decisão de como gastar o dinheiro da família.

1 2 3 4 5

38) As mulheres brancas têm mais chances de ascensão (financeira, profissional, pessoal) do que as mulheres negras.

1 2 3 4 5

39) É justificável que um homem agrida uma mulher se ela não quiser transar com ele.

1 2 3 4 5

40) Os homens deveriam cuidar mais dos/as filhos/as do que cuidam atualmente.

1 2 3 4 5

41) Políticas públicas são as várias formas de atuação do Estado e de seus diferentes governos, nas questões ligadas à vida econômica, social e política de seus cidadãos e cidadãs.

1 2 3 4 5

42) Os negros/as deveriam ter mais chances para entrar na universidade pelo fato de ser um/a negro/a.

1 2 3 4 5

43) Homens e mulheres já nascem diferentes, portanto, é natural desenvolverem diferentes papéis na sociedade.

1 2 3 4 5

44) É justificável quando um homem agride uma mulher se ele está sofrendo pelo desemprego e se embriagou.

1 2 3 4 5

45) Cabe ao governo garantir que não exista nenhuma forma de discriminação das mulheres por meio de leis e das políticas públicas.

1 2 3 4 5

46) Toda mulher só se realiza se for mãe.

1 2 3 4 5

47) Ter uma vida sexual prazerosa é um direito fundamental e, por isso, deve ser considerado um direito humano básico, tanto para homens quanto para mulheres

1 2 3 4 5

48) Mulheres devem ter o direito de usar anticoncepcionais para evitar gravidez mesmo que seu marido não queira.

1 2 3 4 5

49) As políticas públicas — programas e projetos — beneficiam de maneira igual a homens e mulheres.

1 2 3 4 5

50) O casal deve decidir junto o tipo de anticoncepcional que vai usar.

1 2 3 4 5

51) Os Direitos Humanos são os mesmos para homens e mulheres.

1 2 3 4 5

52) Se o cara engravida uma mulher, o filho é de responsabilidade dos dois.

1 2 3 4 5

QUESTIONÁRIO REDUZIDO

ESCALA DE GÊNERO

Trabalho em Grupo:

A sugestão é a de que as/os participantes respondam a este questionário individualmente, debatendo, em seguida, entre as pessoas do grupo.

O principal objetivo é o de levantar as ideias e atitudes sobre a equidade entre mulheres e homens.

Os principais pontos debatidos no grupo devem ser anotados para apresentação em plenária.

As respostas são dadas fazendo-se um círculo ao redor do número mais próximo a cada afirmação, sendo:

1 Concordo inteiramente

2 Concordo parcialmente

3 Estou indeciso/a

4 Discordo parcialmente

5 Discordo totalmente

1) É justificável que um homem agrida uma mulher se ela não cumpre com suas tarefas domésticas e não cuida dos filhos.

1 2 3 4 5

2) As mulheres, de modo geral, estão em situação de desigualdade/desvantagem em relação aos homens.

1 2 3 4 5

3) É justificável que um homem agrida uma mulher se ela se comporta e/ou se veste de maneira provocante.

1 2 3 4 5

4) Se o homem pagar as despesas da casa, ele tem o direito de ter a última palavra.

1 2 3 4 5

5) Há certos trabalhos que devem ser realizados só pelos homens.

1 2 3 4 5

6) É justificável que um homem agrida uma mulher se ela o traiu.

1 2 3 4 5

7) Quando o marido obriga a mulher a transar é estupro.

1 2 3 4 5

8) É o homem que deve determinar quando a mulher pode sair de casa sozinha.

1 2 3 4 5

9) A mulher deve aguentar a violência para manter sua família unida.

1 2 3 4 5

10) O trabalho da mulher – fora de casa – é apenas uma ajuda para o orçamento doméstico.

1 2 3 4 5

11) Uma mulher deve ter o direito de trabalhar fora de casa, mesmo que o marido não queira.

1 2 3 4 5

12) É justificável que um homem agrida uma mulher se ela não quiser transar com ele.

1 2 3 4 5

13) Homens e mulheres já nascem diferentes, portanto é natural desenvolverem diferentes papéis na sociedade.

1 2 3 4 5

14) É justificável quando um homem agride uma mulher se ele está sofrendo pelo desemprego e se embriagou.

1 2 3 4 5

15) Toda mulher só se realiza se for mãe.

1 2 3 4 5

16) Mulheres devem ter o direito de usar anticoncepcionais para evitar gravidez mesmo que seu marido não queira.

1 2 3 4 5

**II - A riqueza e a intensidade
das oficinas nos CEUs**



UMA EXPERIÊNCIA ÍMPAR E DE REAL APRENDIZAGEM MÚTUA

Enfrentar a violência contra mulheres e meninas junto às pessoas que moram nas extremas periferias de São Paulo, a maior cidade das Américas. Com esse objetivo principal, elaborei um projeto para percorrer as 46 unidades dos CEUs, sabedora da importância estratégica desses equipamentos para as comunidades mais afastadas de todas as regiões da cidade e da infraestrutura existente que é similar à encontrada em países de primeiro mundo. E eu achava que conhecia São Paulo... Que nada! Descobri um universo imenso e desafiador periferia a fora - Brasilândia, Itaim Paulista, Capão Redondo, Jaguaré... Após conseguir o importante patrocínio da UBER - que em todo o mundo vem apoiando ações em prol da segurança das mulheres -, deparei-me com o desafio de viabilizar um acordo de cooperação com o órgão responsável pelos CEUs. Foi um percurso facilitado pela vereadora Juliana Cardoso, que conseguiu agendar uma audiência com o então secretário de Educação, João Cury Neto. Juntas, ouvimos de imediato a concordância dele para levar avante as atividades. Depois, ocorreram as reuniões com a equipe da Secretaria, sempre muito solícita e profissional - Uyara Vieira Costa de Andrade, coordenadora de COCEU; Ana Carolina Weiss, diretora de Divisão de Gestão Democrática e Programas Intersecretarias; Taíze Grotto de Oliveira. Assim que os materiais de divulgação ficaram prontos, foi só arregaçar as mangas e partir para a prática. Duas horas para chegar em cada unidade, duas horas de palestra-oficina e duas horas para retornar, sempre acompanhada da assistente Margarete Gonçalves e do assistente Rodrigo Perini. Que experiência intensa, nas noites de terça e sexta-feira, normalmente, mesclando-se sentimentos de alegria e empolgação com tristeza pelos relatos de violência sofrida pelas participantes e esperança de superação.

Que surpresa gratificante chegar em boa parte das unidades dos CEUs e encontrar um grande público - mulheres e homens, incluindo jovens - disposto a construir conjuntamente as bases para um mundo mais pacífico, equitativo e justo, com a desconstrução da forma equivocada com que vimos aprendendo a ser homem e a ser mulher, assim como dos demais preconceitos que carregamos - de raça-etnia, classe social, orientação sexual, identidade de gênero, geracional. São esses os principais fatores que determinam o grau de poder e oportunidades das pessoas em sociedade. Muitos(as) profissionais dos CEUs e das DREs se mobilizaram intensamente para articular ampla participação, disponibilizando, às vezes, ônibus para transportar estudantes das escolas da redondeza. E que emocionante coordenar uma oficina com animação total, mediada por dinâmicas de educação popular feminista.

Considero ter dado minha colaboração no difícil trabalho de enfrentar a violência contra mulheres e meninas, em função de minha trajetória profissional de mais de 20 anos na temática e pelos estudos acadêmicos, com mestrado e doutorado na USP/ECA conectando o feminismo e a comunicação. Mas, sem sombra de dúvida, aprendi muito com as intervenções, indagações, depoimentos, poesias, RAPs e todas as outras manifestações que vivenciei nas unidades dos CEUs. Tive a honra de apoiar com entrevistas e materiais didáticos alguns trabalhos de conclusão de curso de participantes. Vamos continuar juntas e juntos nessa luta por um mundo melhor, com mulheres e homens vivendo em harmonia. Porque uma vida sem violência é um direito de todos(as). E principalmente das mulheres, alterando assim a trágica trágica de que uma em cada três meninas será vítima de agressão ou estupro no transcorrer da vida.

Nas páginas seguintes, uma pequena amostra das atividades realizadas nos CEUs, incluindo depoimentos e outras expressões ocorridas.

CEU SÃO MATEUS RECEBE EVENTO DE LANÇAMENTO

E foi com o teatro completamente lotado que o ciclo de palestras-oficinas “Cultura de Paz na Luta contra a Violência às Mulheres e Meninas” foi lançado na noite de 26/3/19, com representantes da Secretaria Municipal de Educação, da Associação Mulheres pela Paz, da UBER, além da vereadora Juliana Cardoso que foi quem colaborou com as tratativas iniciais junto ao então secretário João Cury Neto para a assinatura do acordo de cooperação. Na ocasião, Vera Vieira, da Associação Mulheres pela Paz, que é coordenadora do projeto, ressaltou informações sobre a trágica realidade da violência. As demais representantes enfatizaram a importância das atividades para o avanço da luta. Ao final, houve um esplêndido show com Zeza Motta.



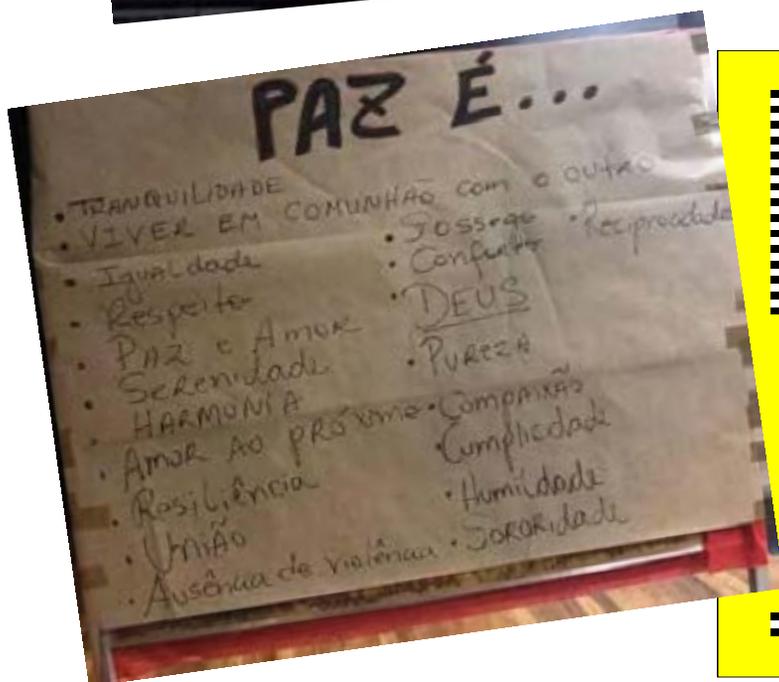
CEU ARICANDUVA - 9/4/2019 (Área de Cultura: Antônio Sérgio Lima)

Junto ao grande público presente, registrem-se as presenças de Márcia Marques dos Santos, dirigente da Diretoria Regional de Educação de Itaquera; Fabiana Brito, gestora do CEU Aricanduva; Antônio Sérgio M.Lima, coordenador de projetos da Cultura do CEU Aricanduva; Maria de Fátima Brum, diretora de DICEU; Marlene Xavier Silva, do gabinete da DRE Itaquera; Alessandra Paixao, coordenadora pedagógica da CEI Dirce Migliaccio; Roseli Marcelli Diceu DRE itaquera; Raul Cesar técnico de som; Laércio Carvalho, técnico de luz.



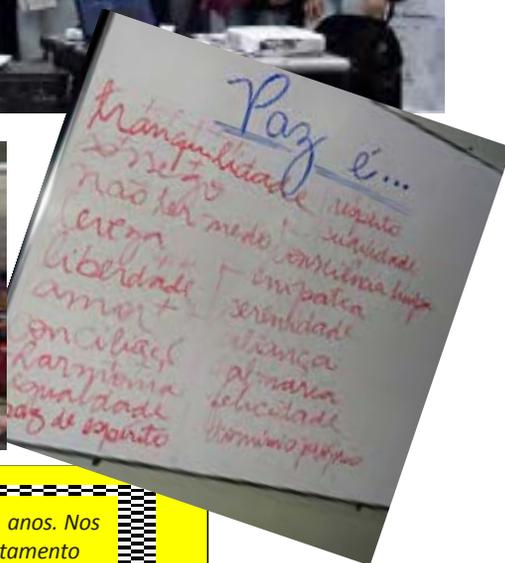
Há uns cinco meses, eu passei por uma situação de muito constrangimento e pensei até em tirar minha vida. Eu trabalhava com público basicamente masculino em um albergue para moradores de rua. Um deles me assediava, mostrando seu órgão sexual e me ameaçando de morte se eu denunciasse. Eu saía do trabalho tarde da noite e passei muito medo. Conversei com as pessoas responsáveis que riram na minha cara. No final, a situação foi resolvida com a transferência dessa pessoa para um outro local. Não desejo pra ninguém o que eu passei. Temos que pensar muito em tudo que vimos hoje nesta oficina para nos valorizarmos e procurarmos nossos direitos. Precisamos começar a pensar diferente, fazer a diferença.

Eu passei por um assédio dentro do metrô. Eu acho que o homem tem que tomar vergonha na cara e aprender a respeitar a mulher. Nós temos que enfrentar esse tipo de situação todos os dias. Eu estava subindo a escada rolante e um homem começou a falar e fazer gestos obscenos. Subiu uma raiva muito grande. Eu dei um tapa na cara dele pra que aprendesse a não fazer mais isso. [houve alguns aplausos para a atitude da pessoa que fez este depoimento; a coordenadora da oficina explicou que não se chega a lugar algum ao combater violência com violência; que haveria outras providências a serem tomadas, como chamar a segurança do metrô ou a denúncia].



Eu era casada e meu esposo não gostava de trabalhar. Naquela época não tinha a Lei Maria da Penha. Eu vivi sob ameaça durante 23 anos. Eu tinha meus filhos pra sustentar. Quando eu estava no interior, eu era obrigada a trabalhar na lavoura. E ele me maltratava muito. Ele pegava a comida que eu preparava e jogava fora; eu ia pra roça sem a comida, porque precisava trabalhar pra garantir o sustento de meus filhos. Eu falava pra ele ir trabalhar, e ele me batia. Chegava a me bater até com corrente de cachorro. Eu tenho as marcas no corpo, incluindo de queimaduras. Quando viemos para São Paulo, eu comecei a trabalhar no hospital, e pegamos um pedaço de terreno de invasão. Também fazia faxina na casa das médicas pra poder construir a casa. Com a casa pronta eu pedi pra ele ir embora. Apanhei muito, quase fui enforcada. Finalmente, consegui me separar e hoje estou feliz, com um vida sem violência.

CEU CAMINHO DO MAR - 11/4/2019 (Área de Cultura: Rosália)



Eu trabalhei em uma empresa aérea durante 11 anos. Nos últimos cinco anos, eu trabalhei em um departamento com 83 funcionários, sendo que só três eram negros - eu e mais dois, em cargos bem abaixo do que a gente mereceria, mesmo tendo a mesma capacidade de outras pessoas. Isso não foi só lá, mas em outras empresas. O preconceito racial é um grande problema, assim como outros como o de sexo, orientação sexual.

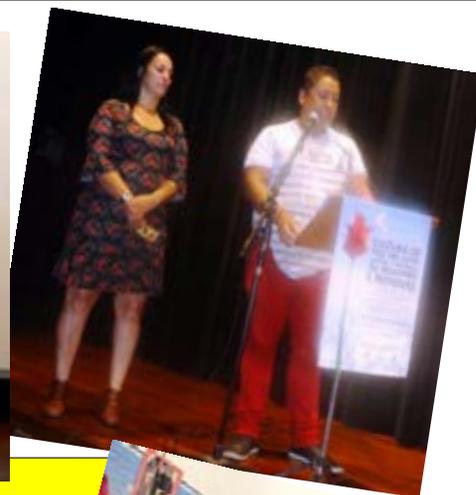
CEU CAPÃO REDONDO - 12/4/2019 (Área de Cultura: Sonia Ap.Lima Oliveira)



CEU TIQUATIRA - 16/4/2019 (coordenador de Cultura: Wendy)



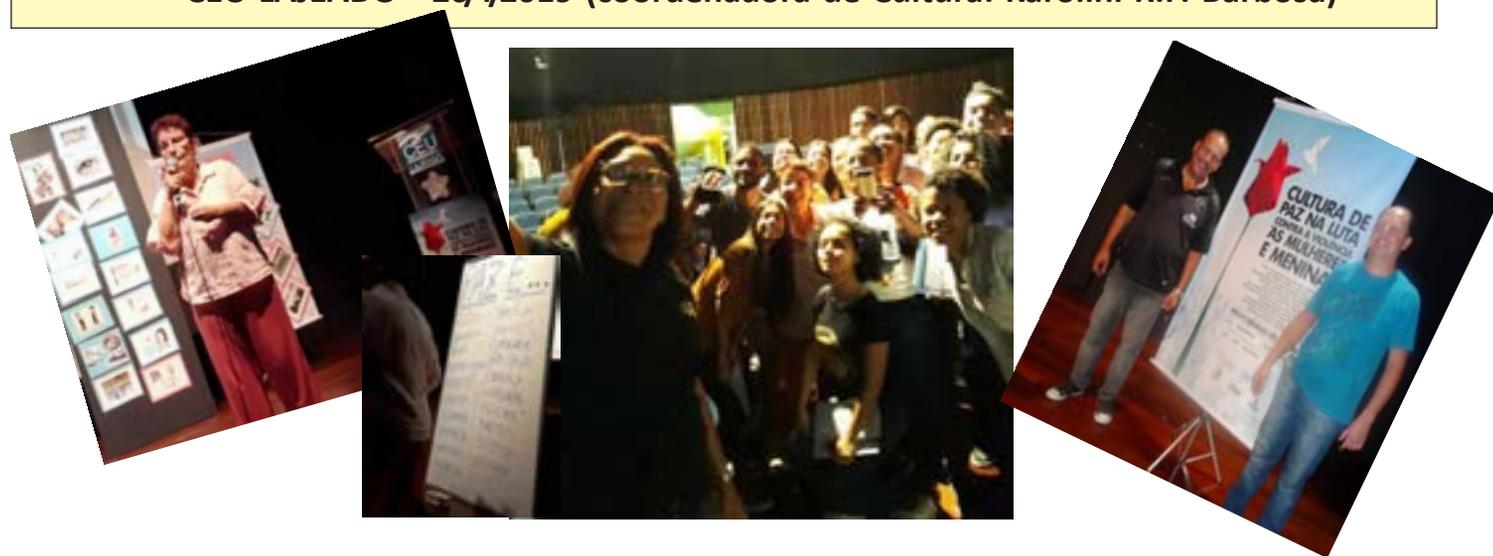
CEU PERUS - 23/4/2019 (Área de Cultura: Geiso Godoy da Silva)



Foi passando um filme pela minha cabeça, e a na minha experiência é um sentimento de impunidade, porque as pessoas insistem em não meter a colher na briga de marido e mulher, inclusive policiais. Fiz nove boletins de ocorrências. A delegacia da mulher fechada quando a gente mais precisa, a polícia demora mais uma hora para atender; por diversas vezes eu quase morri. Foi em 2016. Eu vivi um ano de total violência; eu acordava com uma faca no meu pescoço. Foi só quando eu pedi pelo amor de Deus para o delegado que ele foi preso. A gente precisa ter voz ativa, correr atrás na nossa liberdade, da nossa paz. Só que a liberdade dele custou R\$500,00. Foi o que ele pagou de fiança para sair. Acho que a bebida e a droga só agrava a situação. Não acho que os homens violentam por causa disso. Isso agrava a situação. Quando me casei, ele era ótimo, mas quando teve a primeira recaída com as drogas, ele chegava pra cima de mim querendo me matar. O homem é visto como o forte da história, o poderoso, ele pode mais do que a gente. Eu posso dizer com todas as letras que eu venci mas não porque sou mais que o homem, mas porque eu sou mulher. É muito bom quando a gente olha no espelho e fala que acabou a violência. A decisão é só sua. A gente fica com muita vergonha de contar para as outras pessoas o que está acontecendo. Era muito difícil sair dessa situação, porque ele se ajoelhava e dizia que nunca mais iria me bater. Ai eu perdoava uma, duas, três vezes... Só que eu aprendi que nós temos que nos amar primeiro, antes de você amar o esposo, o namorado. Antes de você colocar essa pessoa lá em cima, coloque você mesma, se ame muito. Já faz dois anos que eu passei por isso tudo e consegui sair dessa situação. Eu aprendi que as pessoas fazem pra gente aquilo que a gente permite que elas fazem.

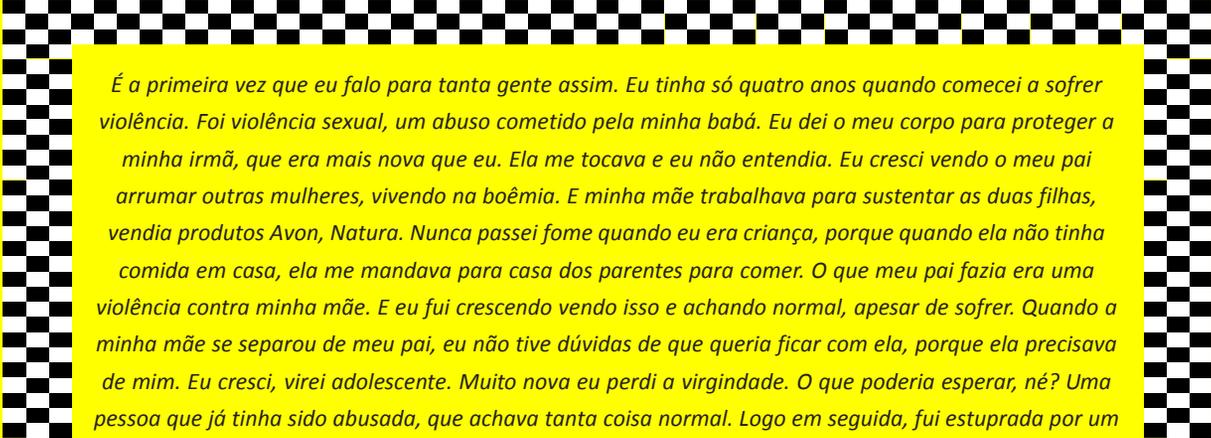
Temos o poder de dar um basta e amar muito a nós mesmas.



CEU INÁCIO MONTEIRO - 25/4/2019 (Área de Cultura: Marcelo Correa)**CEU LAJEADO - 26/4/2019 (coordenadora de Cultura: Karolini R.P. Barbosa)**

CEU VILA ATLÂNTICA - 30/4/2019 (Área de Cultura: Isa Maria)





É a primeira vez que eu falo para tanta gente assim. Eu tinha só quatro anos quando comecei a sofrer violência. Foi violência sexual, um abuso cometido pela minha babá. Eu dei o meu corpo para proteger a minha irmã, que era mais nova que eu. Ela me tocava e eu não entendia. Eu cresci vendo o meu pai arrumar outras mulheres, vivendo na boêmia. E minha mãe trabalhava para sustentar as duas filhas, vendia produtos Avon, Natura. Nunca passei fome quando eu era criança, porque quando ela não tinha comida em casa, ela me mandava para casa dos parentes para comer. O que meu pai fazia era uma violência contra minha mãe. E eu fui crescendo vendo isso e achando normal, apesar de sofrer. Quando a minha mãe se separou de meu pai, eu não tive dúvidas de que queria ficar com ela, porque ela precisava de mim. Eu cresci, virei adolescente. Muito nova eu perdi a virgindade. O que poderia esperar, né? Uma pessoa que já tinha sido abusada, que achava tanta coisa normal. Logo em seguida, fui estuprada por um homem. Eu estava de minissaia? Não! Eu estava com um macacão, pois na época eu era skatista e usava roupas largas. Eu acho que isso não é desculpa. O abusador não quer saber se ela está bem vestida, mal vestida, pelada ou não. Ele me abusou e depois me levou na porta de casa, pois sabia o meu endereço. E sabe o que é mais triste? É que foi combinado com um outra mulher, que se dizia minha amiga. Falou que era pra gente comprar uma coisa na padaria, me colou dentro do carro que ele estava e ela não entrou. Eu fiquei no banco de trás, e ele me levou para um matagal. Na época eu não conhecia direito São Paulo, não sabia, não fazia idéia de onde eu estava. Ele com um 38 dentro do carro, apontando para mim, rasgou a minha roupa, o meu macacão e me estuprou. Naquele dia, eu me lavei como se eu não tivesse pele, eu sangrei, eu me lavei com bucha de lavar roupa. Eu escondida da minha mãe, pois eu tinha vergonha. Eu só me perguntava o porquê disso. Logo em seguida eu descobri que estava grávida do meu namorado. Depois de tudo isso ter acontecido, eu tive uma gravidez na adolescência. Foi muito difícil para mim ser mãe solteira. O pai do meu filho falou que ele era muito novo pra ser pai, que tinha só 20 anos e eu só tinha 14. Pediu para eu abortar. A minha mãe conversou comigo, falou que se eu quisesse abortar que ela me apoiaria, mas eu resolvi deixar. Só que eu nunca perdi a fé, eu sempre acreditei que eu podia ser feliz, sabe? Eu não estou contando



continua na página seguinte...

... continuação da página anterior

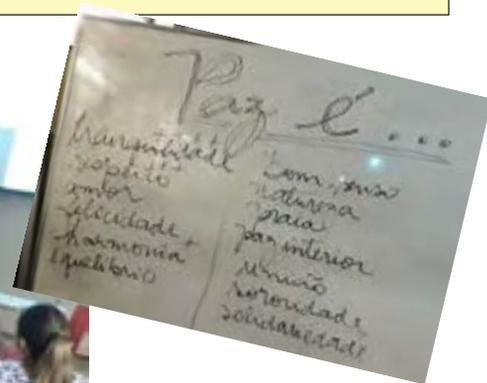
nenhuma história mentirosa, porque essa é a minha história. Eu sempre acreditei que eu podia ser feliz, eu nunca perdi a fé! Eu sempre carreguei nos meus lábios um sorriso. Eu conheci uma segunda pessoa, a qual me fez acreditar novamente no amor. Engravidei novamente. Eu pensei que iria me casar, que iria ser feliz, porque não é proibido a gente sonhar. Só que acabei sendo mãe solteira pela segunda vez. Cheguei na Bahia revoltada. Meu pai me bateu com lastro porque descobriu que eu estava grávida. Às vezes parece que nascer mulher é um castigo, sabe? Depois de muito tempo, eu fiquei sem o meu filho de dois anos, porque meu pai veio com a busca e apreensão e pegou o meu filho de mim. E eu conheci o cara que me deu o maior apoio; foi o pai dos meus quatro filhos. Só que esse cara me batia todos os dias, me apontava a arma, dormia fora, usava drogas. E eu agüentei tudo, porque no começo da relação tudo é muito bom, tudo é muito bonito, e não vem escrito na cara da pessoa que ela não presta. Mas eu me sentia culpada todos os dias, porque eu escolhi ficar com essa pessoa. Eu apanhei muito, durante dez anos. Tive quatro filhos, sendo que dois foram de estupro que ele cometeu dentro de casa. Eu o denunciei por isso e pelas agressões. Mesmo assim eu sorria, eu não deixava de acreditar um minuto. Foi muito difícil sair dessa situação, pois eu não tinha apoio da família e de ninguém. As pessoas me chamavam de mulher de malandro, que merece apanhar. Mas ninguém nunca me ofereceu ajuda. Hoje eu faço um trabalho com o Coletivo Pés Descalços. Falamos sobre causas sociais, sobre as questões das mulheres. Porque eu passei por tudo isso, hoje eu falo para vocês que a gente não deve deixar de acreditar nunca, que há sempre uma saída. Eu conheci uma pessoa que assumiu meus seis filhos, assumiu como pai, vai nas reuniões da escola, vai no médico. Minha filha de dois anos o chama de pai. É uma pessoa que me vê como uma mulher de respeito, não fala sobre as minhas roupas, se estão curtas, se estão cumpridas, não influencia em nada na minha vida. Ele me deixa livre. Então, eu acho que as pessoas não devem deixar de acreditar, nunca, nunca... Eu só queria compartilhar um pouco. E ainda estou na luta, porque se mata um leão por dia. Hoje eu sofro de depressão, mas eu vou em frente com ajuda de muitas pessoas que me amam, que eu acabei conhecendo, que estão passando pela minha vida, e que me ajudam a superar.

Eu sou muito grata.

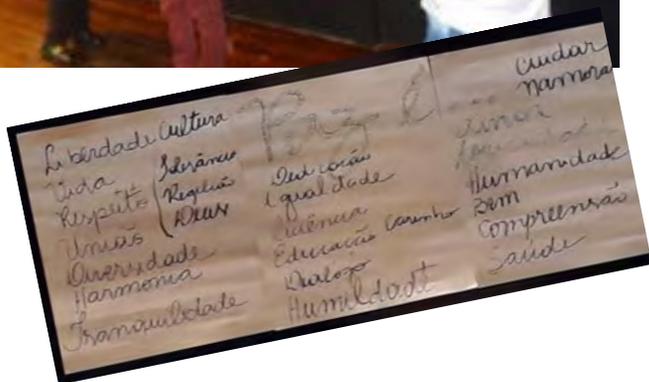
As vezes a violência nem é física, é psicológica. Aí a pessoa não se enxerga e não enxerga que está sofrendo violência, achando que é normal. E começa a não ter mais autoestima. Eu tenho uma colega que o marido a tratava como uma rainha, no início. Com o passar do tempo, ele começou a modificar os hábitos. Não permitia que ela estudasse. Aí teve uma fase que ele ficou desempregado. Ela queria trabalhar, mas ele não permitia, mesmo com os dois passando por dificuldades. Até que essa relação não deu certo e se separaram. Eles têm um filho em comum, e ele agora usa o garoto para atingir a mãe. A violência psicológica é muito cruel, porque coloca a gente muito pra baixo mesmo. Eu, por exemplo, de tanto ouvir que eu só poderia dirigir na zona leste e que não tinha capacidade de ir para a marginal, acabei acreditando nisso. Você ouve tanto a mesma coisa que de repente não tem mais opção. Não escolhe mais a roupa que veste, a forma de se pentear. Vendo tanto sofrimento no relato de violência, penso no meu caso, que tenho um filho autista. Mas eu já saí do caos. Não é um processo tranquilo. Eu gostaria de dizer para que sofre violência que eu considero importante a eficácia da Lei Maria da Penha, que coloca um limite.



CEU ROSA DA CHINA - 3/5/2019 (Área de Cultura: Talita Matins)



CEU VILA DO SOL - 7/5/2019 (coordenadores de Cultura: Willians Rocha/ Cléo Pinheiro)



Eu sou um homem de casa. Eu cozinho e cuido da casa. Pra mim não existe esse preconceito de homem não lavar prato. Eu não vou virar mulher por causa disso. Faço comida, lavo roupa. Também não julgo as pessoas, sejam pretas, brancas, pois meu pai me ensinou isso. Quem faz a diferença somos nós, concorda comigo professora? Temos que ter o carinho e o respeito ao próximo. Assim, as coisas seriam diferentes. A minha esposa é guerreira, trabalha na área da saúde. Você acha justo ela chegar em casa e ter que cuidar de mim? Chegar em casa e ainda ter que fazer comida, lavar roupa? Não é justo! Temos que respeitar, devemos amar uns aos outros, saber não julgar. Todo mundo passa por muitas dificuldades, mas se a gente se respeitasse o mundo seria muito diferente.

CEU VILA CURUÇA - 9/5/2019 (Área de Cultura: Miriam Silva)

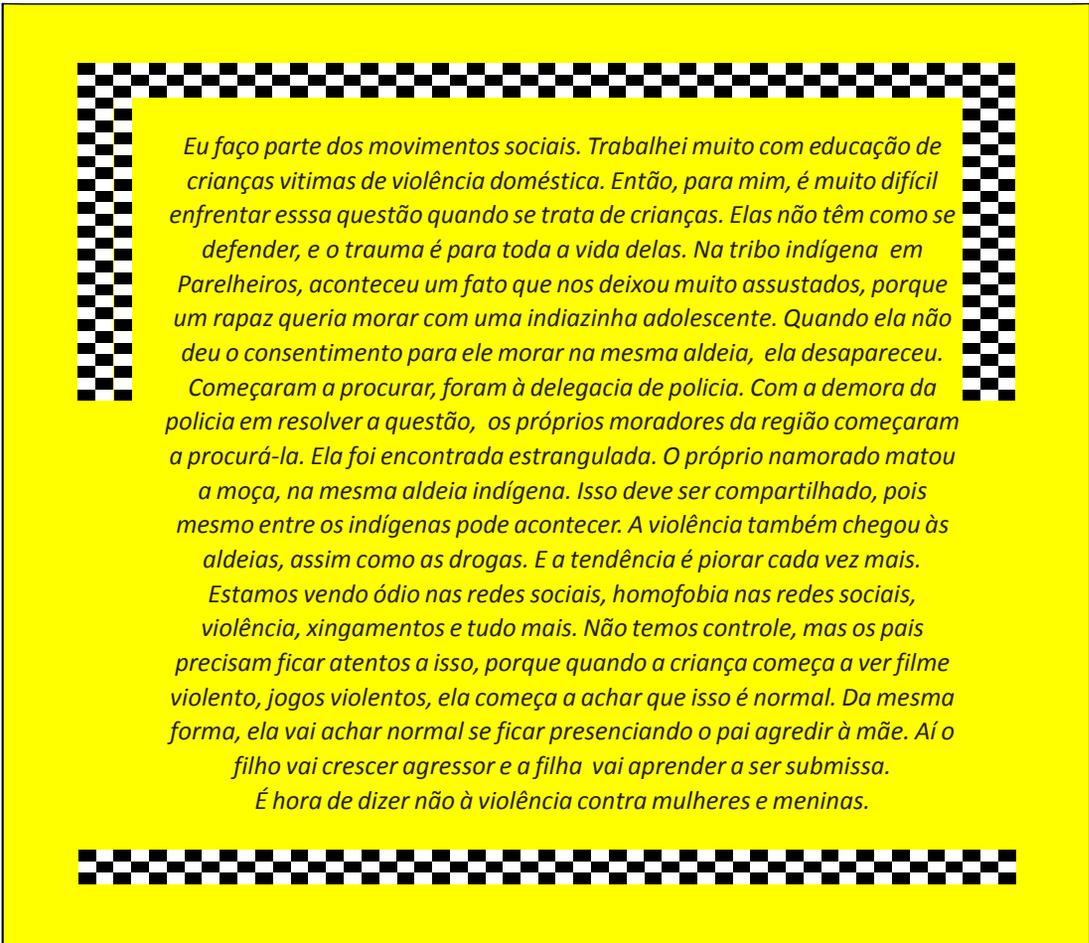
Técnico de som: Ricardo; Iluminação: Celso



CEU NAVEGANTES - 10/5/2019 (Área de Cultura: Carla)

Técnicos de som: Lucas e Abner; presença de alunos(as) da Escola Washington Alves Natel e do EJA Jardim Eliana





Eu faço parte dos movimentos sociais. Trabalhei muito com educação de crianças vítimas de violência doméstica. Então, para mim, é muito difícil enfrentar essa questão quando se trata de crianças. Elas não têm como se defender, e o trauma é para toda a vida delas. Na tribo indígena em Parelheiros, aconteceu um fato que nos deixou muito assustados, porque um rapaz queria morar com uma indiazinha adolescente. Quando ela não deu o consentimento para ele morar na mesma aldeia, ela desapareceu. Começaram a procurar, foram à delegacia de polícia. Com a demora da polícia em resolver a questão, os próprios moradores da região começaram a procurá-la. Ela foi encontrada estrangulada. O próprio namorado matou a moça, na mesma aldeia indígena. Isso deve ser compartilhado, pois mesmo entre os indígenas pode acontecer. A violência também chegou às aldeias, assim como as drogas. E a tendência é piorar cada vez mais.

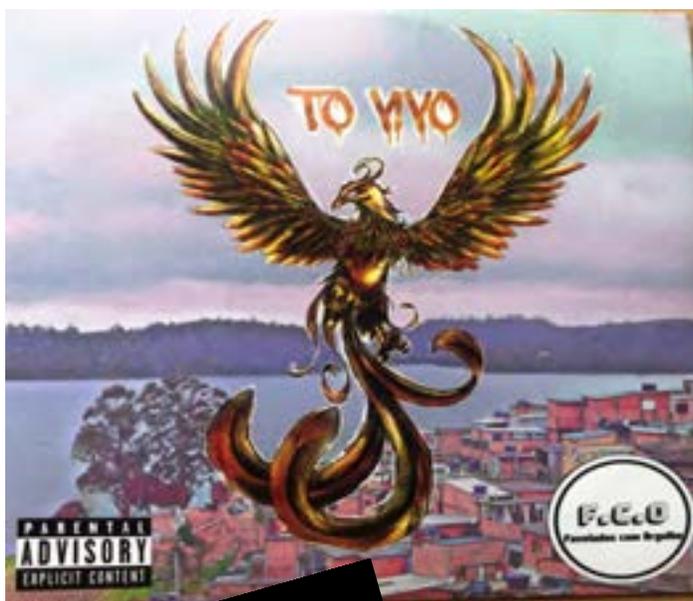
Estamos vendo ódio nas redes sociais, homofobia nas redes sociais, violência, xingamentos e tudo mais. Não temos controle, mas os pais precisam ficar atentos a isso, porque quando a criança começa a ver filme violento, jogos violentos, ela começa a achar que isso é normal. Da mesma forma, ela vai achar normal se ficar presenciando o pai agredir a mãe. Aí o filho vai crescer agressor e a filha vai aprender a ser submissa.

É hora de dizer não à violência contra mulheres e meninas.

Integrantes do **Coletivo Favelados com Orgulho** estiveram presentes na oficina realizada no CEU Navegantes, em função da sintonia do tema com os objetivos do grupo. Formado por jovens de ambos os sexos, o Coletivo lançou o CD *To Vivo* (imagens abaixo), de RAP, em 2019, com letras que incentivam o empoderamento das comunidades, cidadania e justiça. Segundo Cleyton Favela e Milah Lumi, integrantes do Coletivo, “o CD fala sobre as vivências, dificuldades e dramas da vida, mostrando que não estamos sozinhos(as). Fala sobre infância, autoestima, abuso, relacionamentos abusivos, padrões sociais e o valor de estar vivo.

O desenho do CD é uma fênix, que representa o renascimento”.

Parabéns à proposta do Coletivo Favelados com Orgulho e ao importante CD lançado, um instrumento com potencial transformador.



CEU PARQUE BRISTOL - 17/5/2019 (Área de Cultura: Marisa Carnicelli e Adriano Bejan)

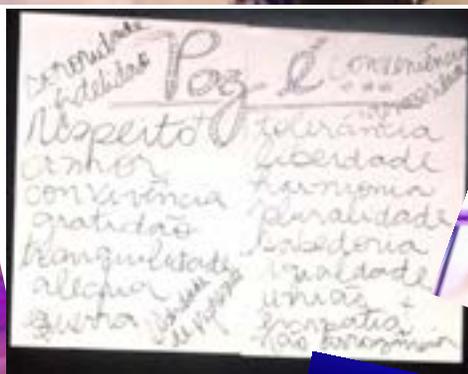
Técnico de som: Diego Barros

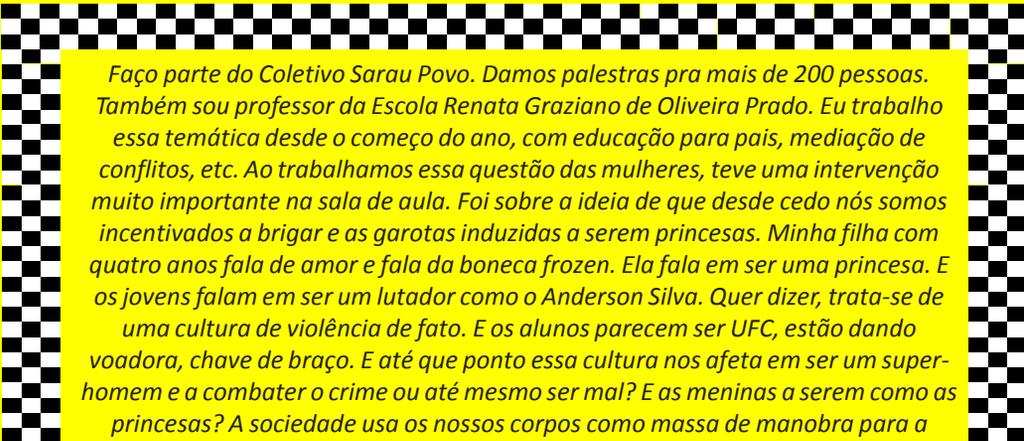


Se o número de mulheres eleitoras é maior do que o dos homens, eu acho que a gente tem que fazer o mea culpa. Porque tem mulher que não vota em mulher por acredita que elas não têm competência. Eu acho que é uma coisa que a gente tem que repensar. Se nós somos o maior número de eleitoras, não podemos jogar a responsabilidade em cima de que só os homens que votaram. Assim, quando a pessoa se candidata a gente tem que procurar saber da competência dela, da trajetória de trabalho. Tem muita mulher com condições de se eleger para poder lutar por nossos direitos nas instâncias de poder político.

CEU FEITIÇO DA VILA - 21/5/2019 (Área de Cultura: Rafael Oliveira)

Equipe: Andressa Rocha, Jean Santos e Letícia Matsumoto





Faço parte do Coletivo Sarau Povo. Damos palestras pra mais de 200 pessoas. Também sou professor da Escola Renata Graziano de Oliveira Prado. Eu trabalho essa temática desde o começo do ano, com educação para pais, mediação de conflitos, etc. Ao trabalharmos essa questão das mulheres, teve uma intervenção muito importante na sala de aula. Foi sobre a ideia de que desde cedo nós somos incentivados a brigar e as garotas induzidas a serem princesas. Minha filha com quatro anos fala de amor e fala da boneca frozen. Ela fala em ser uma princesa. E os jovens falam em ser um lutador como o Anderson Silva. Quer dizer, trata-se de uma cultura de violência de fato. E os alunos parecem ser UFC, estão dando voadora, chave de braço. E até que ponto essa cultura nos afeta em ser um super-homem e a combater o crime ou até mesmo ser mal? E as meninas a serem como as princesas? A sociedade usa os nossos corpos como massa de manobra para a burguesia que está aí. Tem usado a juventude, tem usado muito em especial as mulheres negras, principalmente nas periferias. Então, uma reflexão: será que o Batman não toma café da manhã, ele não faz comida, não pode ter filho, mas as meninas são induzidas desde cedo a terem essa cultura? Então, eu só queria compartilhar um pouco essa idéia e uma breve escrita, que é mais ou menos assim:

Porque desde cedo aprendemos a brigar/ polícia ou bandido para poder matar/ o seu príncipe chegou montado em um cavalo branco/ não, aqui é Capão Redondo/ João chegou com seu bode, com seu bode preto, com uma mochila da pizzeria com um oitão dentro/ se liga porque querem nos usar/ até com a nossa morte querem lucrar/ cultura machista me faz chorar/ ao ver minha filha querer jogar, mas é proibida/ azul é para menino, rosa é para menina/ se liga nas ideias que é até mesmo união, protagonismo das irmãs/ não só dos irmãos, presta atenção vacilão/ quero minha filha liberta, por toda a nação contra o machismo/ não vai descer até o chão/ e se quiser o corpo é dela, Tião, não de um idiota machão/ nem precisa/ livre para viver como quiser/ ser menino, ou menina, homem ou mulher,/ só não aceito filho homofóbico e lisógeno do tipo apressado/ que defende Alexandre Frota e Bolsonaro.



CEU GUARAPIRANGA - 24/5/2019 (Área de Cultura: Delsio Cordeiro e Cíntia de Paula)

Técnicos de som: Ulisses Macedo e Valdir Lima. A coordenadora de Apoio Presencial do UNICEU, Ana Lúcia Marcelina Santos, convidou alunas(os) do curso de pedagogia (parceria com Centro Universitário São Camilo). Também participaram alunas(os) da EMEF Carolina Rennó e do Ensino Médio EJA.



Meu pai sempre deu de tudo pra gente. Minha irmã mais nova estudou em colégio particular até a quinta série. Eu tinha uma vida estável e boa. Aí aos 18 anos, na flor da idade, conheci um homem de 37 anos. Cheguei a engravidar dele, que não quis assumir o filho. Ele era um homem cobiçado na cidade do interior da Bahia. Tinha bens, então, minha família apoiava o relacionamento, apesar da diferença de idade. Ele falou que não iria assumir porque já tinha outras namoradas. Minha mãe falou que iria me expulsar de casa, pois não tinha criado uma família pra ter uma filha sem marido, filho sem pai. Eu tentei suicídio porque no oitavo mês de gestação minha mãe me bateu. Eu fiquei três dias em coma na UTI, mas meu filho nasceu, graças a Deus. Hoje ele tem 16 anos. Minha mãe não me ajudou em nada, então, eu vim para São Paulo totalmente destruída. Morava em um quarto, ficava muitas vezes sem comida, trabalhava das 6 horas da manhã até as 11 horas da noite. Eu não tinha ninguém para me apoiar. Depois de dois anos de muito sofrimento, eu saí dessa casa e tentei voltar para Bahia. Foi um inferno de novo, pois minha mãe deu meu filho para o pai, porque ele era branco e lindo, então, isso fazia com que as pessoas olhassem de maneira diferente. Eu não conseguia mais ver meu filho. Aí, quando ele tinha nove anos, o pai dele faleceu, porque foi assassinado. Aí, eu peguei meu filho para criar. Fui passear no Guarujá, conheci um rapaz que achei que era meu príncipe encantado. Ele fazia tudo o que o outro não fazia. Morei com ele por quatro anos. Foi o maior sofrimento, pois eu ficava em cárcere privado, apanhando, e ele me proibia de falar com as pessoas. Não podia chamar a polícia porque não conhecia mais ninguém naquela cidade. Até que um dia eu consegui fugir. Voltei pra Bahia, não para a casa de minha mãe, mas de uma tia. Ela foi uma mãe para mim, me ajudou, me aconselhou. Aí eu me fechei para o mundo, para os homens, e não queria mais saber de ninguém. Foi muito sofrimento, foi muita decepção. Depois, veio um homem que está comigo há 13 anos. Ele me ajuda em tudo em casa. Quero dizer para as meninas que estão sofrendo com isso que falem, gritem e peçam ajuda, porque é muito mais sofrido a gente ficar calada. Tem que ir à delegacia, recorrer à Lei Maria da Penha. Não se pode aceitar que na delegacia virem as costas, deem risada, falem que a culpa é sua. Ainda por cima, agora, com o feminicídio crescendo cada vez mais, temos um representante que está lá no Poder com um discurso cheio de ódio...

Temos que ir à luta e exigir nossos direitos.

A gente está acostumada a falar sobre a violência que é explícita, aquela em que a mulher chega no pronto socorro com o rosto todo deformado. Mas, existe a violência sutil. Para entender essa sutilidade toda, eu vou voltar no passado e ser breve. Minha origem: pai nordestino, sergipano, cabra macho; minha mãe, do interior, casou com ele aos 15 anos; ele tinha 30 anos. Meu pai era negro e minha mãe descendente de portugueses. Enfim, meu pai praticamente adotou minha mãe. E ela tinha que prestar serviços. E aí eu cresci num lar vendo minha mãe servindo meu pai; meus irmãos ficavam de boa, e eu tinha que lavar, passar e cozinhar. Meu irmão, na adolescência teve carro; eu não tive. Então, para refetir um pouco sobre a fala da doutora aqui hoje, o quanto é importante saber da construção do ser mulher, sofrendo discriminação. Conheci meu ex-marido com 16 anos. Casei aos 19 anos. Fazia tudo: lavava, passava, cozinava. Mas, trabalhava numa escola e os professores me aconselhavam a fazer uma faculdade. Comecei a questionar em casa nosso modo de viver, que não estava legal; aquilo não era vida. Depois de dez anos de infelicidade no casamento, eu me separei. Foi muito difícil, pois o que vinha na cabeça era que mulher separada não presta, que as pessoas iriam falar que mulher separada está disponível. Eu ganhava bem e tinha uma vida privilegiada, não sofria violência física, mas muita violência sutil, psicológica, emocional. Queria dizer que é muito necessário o que a gente está fazendo aqui hoje, tanto para o homem como para a mulher. A gente precisa refletir, desconstruir essa idéia de que homem pode e a mulher não pode. Ambos são livres para viverem bem e felizes.

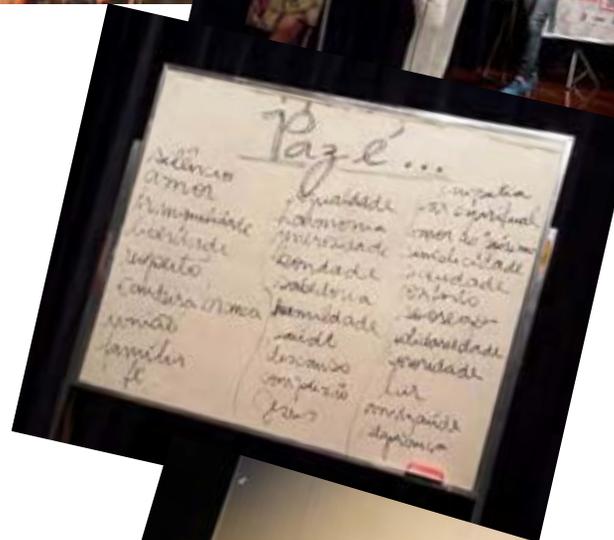
Eu trabalho numa ONG aqui perto que se chama ARCO. Lá nós temos creche para escola e também o projeto Colcha de Retalho, que atende 50 mulheres. A proposta inicial surgiu pelo fato de termos muitas crianças no trabalho infantil. A ideia era trabalhar a questão da geração de renda com as mulheres, para tirar essas crianças do trabalho infantil. O projeto já tem 11 anos de existência. Com o passar do tempo, foram aparecendo outras questões para trabalharmos, como a violência contra a mulher, que é muito forte no bairro. Neste ano, no dia 29 de novembro vamos fazer a nona caminhada contra a violência às mulheres. A idéia surgiu por conta de alunos da nossa instituição, pelo fato de as mães serem mortas por companheiros. Ela ocorre por ocasião do Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra a Mulher, 25 de novembro. Quando nós começamos essa caminhada, eram 100 pessoas. No ano passado, nós tivemos 700, e isso é muito legal. A idéia é envolver os jovens, os meninos, as meninas, muitos homens; muitos serviços também aderiram à nossa luta. Infelizmente, a gente acha que só acontece longe, como na televisão, mas não! Acontece muito próximo. E é muito triste, porque muitas mulheres têm vergonha de denunciar. E as pessoas ficam julgando, dizendo que apanha porque é safada, porque gosta de apanhar. Pela minha experiência, eu vejo que muitas mulheres se submetem porque dependem dos maridos financeiramente. Não podem contar com os familiares, então, não têm para onde ir. Outro dado importante, é a questão da qualificação, pois muitas mulheres de 30 anos não sabem ler e nem escrever. Incentivamos muito a qualificação como forma de empoderamento. Todo mundo está convidado para nossa caminhada pelo bairro no dia 29/11.

[A Associação Mulheres pela Paz aceitou proferir palestra para o público do projeto, em 10/12/19]

CEU SÃO RAFAEL - 28/5/2019 (Área de Cultura: Francislaine Corrêa)

Representando a DRE São Mateus, Rejane Maria Bressan; técnico de som: Vagner

Registramos o importante fato de haver interpretação em libras.



Eu queria só saber se quando a pessoa é casada, ela tem direito de ler as revistas que recomendam sobre as doenças sexuais transmissíveis. Quando eu convivia com o meu marido, eu sempre gostava de ler essas revistas. Um dia ele pegou a revista de minha mão e queimou.

[Explicado que se trata de violência contra a mulher, mais especificamente violência patrimonial, que é definida como “qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos”]

Agressão à mulher não é só bater, porque tem a violência psicológica, emocional. A mulher está sofrendo violência quando o marido acha que ela não pode usar uma roupa ou um batom. É preciso ter mais respeito com suas esposas. Eu tomei uma atitude. Estou há 10 meses aqui em São Paulo, por conta dessas agressões. Ele não bebia, ele não fumava, mas tinha muito ciúmes. Por isso eu tomei a atitude de vir para cá. Agora estou estudando e tenho uma minha vida feliz.

A violência contra a mulher também acontece quando os homens colocam a autoestima dela lá embaixo. É muito comum os homens acharem as mulheres de fora lindas. A que está dentro de casa é considerada feia. Aí, a mulher faz tudo para agradar o homem, só que quando ele chega em casa, vai colocar todos os defeitos nela. Depois, ele arruma uma bonitinha lá fora para uma aventura, não dá certo e volta para casa pra mulher cuidar. Porque as bonitinhas só querem saber do dinheiro dele. Quando acaba o din-din, acaba o amor. É por isso que nós temos que nos dar mais valor como mulher. Meu marido chegava em casa, me chamava de lixo, dizia que ninguém me queria... E eu botei isso na minha cabeça, quer dizer, acabei acreditando. Eu chorava muito, não me arrumava, eu virei um trapo, não tinha mais autoestima. Um dia, uma amiga me perguntou se não tinha espelho em minha casa. Ela disse para eu me olhar no espelho e passar a me dar valor. Aí eu aprendi a lição. Eu me separei. Depois de dois anos, casei de novo. Hoje estou bem e aconselho a todas as mulheres a se olharem no espelho e se gostarem.

CEU BUTANTÃ - 31/5/2019 (Área de Cultura: Jefferson)

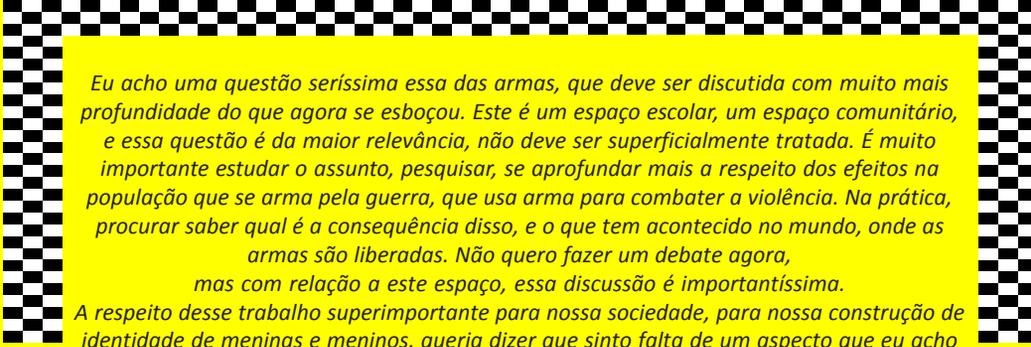
Técnico de som: Henrique Melo

Presença de alunas(os) da Escola Professor Almeida Júnior





Eu sou a favor do porte de arma. O processo é muito rigoroso. Vai ser necessário apresentar a CNH. A mulher pode se proteger da violência se tiver uma arma. Você concorda comigo que uma pessoa que tem uma arma pra praticar crimes, não vai passar pelo processo para conseguir o porte de armas legal. Vai comprar num ponto de droga, dentro de uma periferia, um 38 enferrujado por um monte de drogas.



Eu acho uma questão seríssima essa das armas, que deve ser discutida com muito mais profundidade do que agora se esboçou. Este é um espaço escolar, um espaço comunitário, e essa questão é da maior relevância, não deve ser superficialmente tratada. É muito importante estudar o assunto, pesquisar, se aprofundar mais a respeito dos efeitos na população que se arma pela guerra, que usa arma para combater a violência. Na prática, procurar saber qual é a consequência disso, e o que tem acontecido no mundo, onde as armas são liberadas. Não quero fazer um debate agora, mas com relação a este espaço, essa discussão é importantíssima.

A respeito desse trabalho superimportante para nossa sociedade, para nossa construção de identidade de meninas e meninos, queria dizer que sinto falta de um aspecto que eu acho que precisava ser levantado, que é o projeto de vida das pessoas. Na nossa construção social, o que tem de projeto de vida para a menina e para o menino? Em geral, qual espaço que existe para a mulher?

A constituição de um lar, de uma família, ainda é muito importante, e seus projetos de profissionalização e autonomia são secundários em relação aos de um homem. O que acontece com quem se prepara para uma vida em parceria, coloca sua independência em segundo plano e vem a sofrer situações de violência na relação afetiva? Aí é muito difícil sair disso. Nesse momento, precisa ser trabalhado um projeto de vida para a pessoa, essa é a grande dificuldade, porque sem isso ela acaba ficando presa à situação, ameaçada ou infeliz. Não precisa sofrer uma violência física, pode sofrer uma traição, uma ameaça, pode ser abusada em sua autoestima, uma série de coisas. A pessoa não consegue sair somente com a Lei Maria da Penha, precisa de suporte para romper com a situação e projetar algo partindo dela mesma, de sua capacidade, de suas competências e habilidades.



Eu particularmente nunca sofri um processo de violência, mas eu cresci vendo meu pai bater em minha mãe. Ele tinha mulheres fora, e quando chegava em casa não queria que ela perguntasse onde ele estava. Além de estar bêbado, agredia a ela. Uma das vezes, ele bateu tanto que ela caiu sentada e não conseguia levantar. Eu corri com os meus irmãos para fora para chamar a vizinha. Só que eu era muito pequena, tinha uns cinco anos. Quando ela caiu, ele estava pronto para matá-la com uma faca. Aí os meninos vieram e socorreram minha mãe. Ela tomou 28 pontos na vagina, perdeu muito sangue. Um dos bebês faleceu, mas eles passaram muitos anos nessa vida. E quando eu estava com oito anos eu perguntei a ela a razão de aguentar tudo aquilo. Ela respondeu que não iríamos para a casa do meu avô e que eu iria entender no dia em que casasse. Eu me casei muito cedo, com 14 anos, mas eu jurei pra mim mesma que eu nunca casaria com um homem que fizesse três coisas: traição, violência e bebida. Lógico que todo mundo tem seus defeitos, mas essas falhas meu esposo não tem. Ele é uma pessoa calma, bebe só socialmente, nunca me agrediu nem em palavras, muito menos fisicamente. Minha mãe aguentou tudo isso, mas hoje meu pai é um amor de pessoa, ele mudou totalmente.

Eu tenho uma irmã que sofreu violência doméstica durante 10 anos. Além de bater, ele roubava todo o dinheiro dela, fazia empréstimos no nome dela. Ela falava que iria à delegacia, mas não fazia isso, e sempre voltava para ele. Até que na última vez, eles foram para a praia e ficaram em um apartamento. Ele saía todo perfumado, dizendo que voltaria no dia seguinte. Minha irmã, sempre trabalhando, começou a não aceitar isso. Um dia, o marido não chegava e ela chamou a mim e a meu marido. Quando nós estávamos chegando, ele também apareceu com o carro dele. Quando viu a gente, ele ficou muito bravo. Subiu e bateu muito nela que desceu chorando, pedindo para eu ligar para a polícia. Subimos com o segurança do prédio, ele entrou no elevador e deu um tapa na cara dela. Liguei para a polícia, que chegou e queria até bater nele. Um outro policial falou que não entendia o porquê de ela apanhar tanto e ainda estar com ele. Foi feito boletim de ocorrência. Ele falou que iria sair da casa. Depois de três dias, ela estava fazendo almoço, quando ele chegou e a trancou no quarto. Começou a espancá-la e a enforcá-la. Para não morrer, ela mordeu o braço dele muito forte. O síndico já sabia da situação e chamou a polícia, que arrombou a porta. Ele ficou seis meses preso. Ela foi para uma casa-abrigo, com endereço sigiloso, onde ficou um bom tempo. Ela perdeu praticamente tudo, casa, carro, emprego, porque teve depressão e ficou afastada. Agora, alugou uma casa, ela está se erguendo trabalhando de motorista na Uber. Temos que ter consciência que quando a mulher não consegue sair de uma situação de violência, ela entra na estatística do feminicídio.

CEU TRÊS LAGOS - 4/6/2019 (Área de Cultura: Ednaldo Severo Formiga)

Técnico de som: João Anísio; (esp) Elaine Queiroz

Presença de alunas(os) da Escola Estadual Claudirene Aparecida José da Silva e Escola Estadual Eurípedes Simões de Paula.

Também foi apresentado um RAP sobre repressão às mulheres, de Laura Conceição.



Tem homem que coloca a mulher lá embaixo, as de fora são lindas, as de casa são feias. A mulher faz tudo pra agradar o homem, e ele chega em casa e coloca todos os defeitos na mulher. Aí arruma uma bonitinha lá fora, vai pra uma aventura e não dá certo, volta pra casa, e quem cuida? As mulheres. Lá fora as bonitinhas abandonam, elas querem só quando tem din din, acabou o din din acabou o amor. Nós, mulheres, tínhamos que nos dar mais valor. No meu primeiro casamento ele me chamava de lixo, dizia que ninguém me queria, e eu coloquei aquilo na minha cabeça. Eu chorava, não me arrumava, virei um trapo... As pessoas falavam "nossa você está feia", não tinha mais autoestima. Eu tinha uma amiga que me falava "se olha no espelho e veja o seu valor". Aí aprendi, separei, fiquei dez anos separada, casei de novo, tive um filho... Se seu marido falar que você está feia, se olha no espelho.

Como homem, o que eu vou deixar aqui é um conselho que ninguém escuta dos pais: a gente não pode mudar a cabeça dos que cresceram, do ser humano que grita com o pai e a mãe e desrespeita a própria irmã, mas a gente pode mudar a cabeça dos novos, que vão crescer. A educação vem de casa; o ensinamento de respeitar a mulher. Eu, por exemplo, com cinco anos comecei a ajudar a minha mãe, secava e guardava a louça. Ajudar a mãe não significa que vai ser um bom marido, mas tem que saber que tem as obrigações de casa, a obrigação de pai... O namoro não é só ficar; o namoro é um conhecimento, porque é importante namorar, você não vai se casar com uma pessoa sem saber como ela trata a família dela... Para todo tipo de relacionamento, aquele velho conselho: observe e trate bem sua família, porque ninguém vai tratar melhor você do que quem te deu a vida.

Eu gostaria de falar sobre um caso que eu vivenciei, porque essa palestra me comoveu e acho importante falar para todo mundo que essas coisas realmente acontecem. Há alguns anos, minha irmã namorava um cara que ela conheceu na internet e foi ficar com ele. Brigou com minha mãe, porque ela gostava dele. Depois de um ano que estavam juntos, começaram a se desentender, e ele se mostrou um cara violento. Só que minha irmã é uma pessoa que não fica calada. Ela começou a discutir muito com ele, porque ele não deixava ela sair da casa. Eu e minha mãe estávamos indo visitar ela, ouvimos um barulho dentro da casa, e na hora que nós entramos ele estava tentando matar ela com um machado. Nós fomos direto com ela para a polícia, e quando voltamos com os policiais ele não estava mais lá, fugiu, desapareceu e nunca mais. Eu queria falar que, na visão da família, estava tudo bem entre os dois, e ela não comentava por medo, e isso acontece. A gente precisa prestar mais atenção, às vezes a pessoa está sofrendo, e a gente pode ajudar essa pessoa, antes que seja tarde.

*Eu quero expor minha opinião: feminicídio é um absurdo, agressão à mulher é um absurdo. Isso acontece realmente, só que tem de colocar na consciência de nossas meninas e nossas mulheres que nem todos os homens são assim. Nem todos são agressores, nem todos só desejam as mulheres pelo lado sexual. A gente não pode generalizar, porque nós, homens, também amamos todas vocês. Sem as mulheres o que seria do mundo?
Então, mulheres, entendam isso: nós amamos vocês.*

Minha mãe disse: “Você acredita que meu primeiro casamento acabou por causa de um batom?”. Eu perguntei: “como assim?”. “Um dia eu cheguei em casa com um batom amora na boca, e ele falou assim que quem passa batom vermelho é feia, só mulheres feias passam batom vermelho”. E ela disse: “eu estou apenas fazendo minha beleza, e esse batom não é vermelho”. E no momento em que ela foi provar que estava com batom amora, ele subiu em cima dela e tentou enforcá-la. Então, ela falou: “eu não apanhei da minha mãe e nem do meu pai, e não vou apanhar de você”.

Minha mãe estava grávida de seis meses, de meu irmão que hoje tem dois anos, e ele chegou em casa, subiu em cima de minha mãe, jogou ela contra o guarda-roupa para ela perder a criança; ele gritava que ia bater nela até ela perder a criança. A reação dela era a de bater nele, mas só que não tinha força suficiente para isso, era pequena, magra e sem forças. Ele pegou duas facas e tentou esfaquear minha mãe! Uns dias atrás cheguei na casa de minha mãe para fazer a comida, e ele disse que eu sou chefe de cozinha... Há poucos dias, ele saiu da casa da minha mãe, mas até hoje eu sofro com medo dele. Eu estava assistindo um jogo de videogame em que vários meninos subiam em cima das meninas, falando que a gente não podia sair porque era coisa de menino - onde que dizem que mulher não pode estar jogando, mulher não pode estar dominando o mundo, porque isso é coisa de homem? Onde está que isso é coisa de homem, que tem o poder, que tem que dominar a casa? O homem estupra uma mulher e você acha que ela fala “eu quero ser estuprada”? A cada momento mulheres, crianças são estupradas. Há alguns anos um homem entrou dentro de uma casa e teve um caso de relacionamento com essa moça na intenção da filha dela; ele apenas queria a mulher pela filha dela, e ela, sem saber, levou o próprio estuprador para dentro da casa, e até hoje ela se culpa. A culpa não é dela, é dele que não ter caráter, de não cuidar da família. Há anos atrás homens se casavam e cuidavam dos filhos dela, hoje homem entra dentro da casa para estuprar a mãe e a filha. Onde um mundo desse vai evoluir? As mulheres não podem ser femininas porque os homens não deixam; hoje estamos fechadas porque não podemos saber a quem dar atenção, porque temos medo de todos os homens,

medo de ter relações e apanhar nos seguintes fatos...

Eu trabalho com violência doméstica. Percebo que as mulheres não têm conhecimento da Lei Maria da Penha, principalmente do artigo de lesão corporal, que consiste em qualquer tipo de agressão ou ameaça. É importante todas as mulheres tomarem conhecimento da Lei Maria da Penha, até mesmo nas delegacias que são responsáveis, as DDMS, que são voltadas para isso. Tem casos em que as mulheres querem medidas protetivas, um direito delas, e elas acabam indo ao Fórum, que é mais demorado. Então eu aconselho sempre a tomar conhecimento da Lei Maria da Penha.

CEU PERA MARMELO - 6/6/2019 (Área de Cultura: Igor Alves e Ana Lúcia)

Técnico de som: David Sousa

Presença de alunas(os) da Escola Estadual Dr. Humberto Luís D'Urso e pessoas da comunidade.



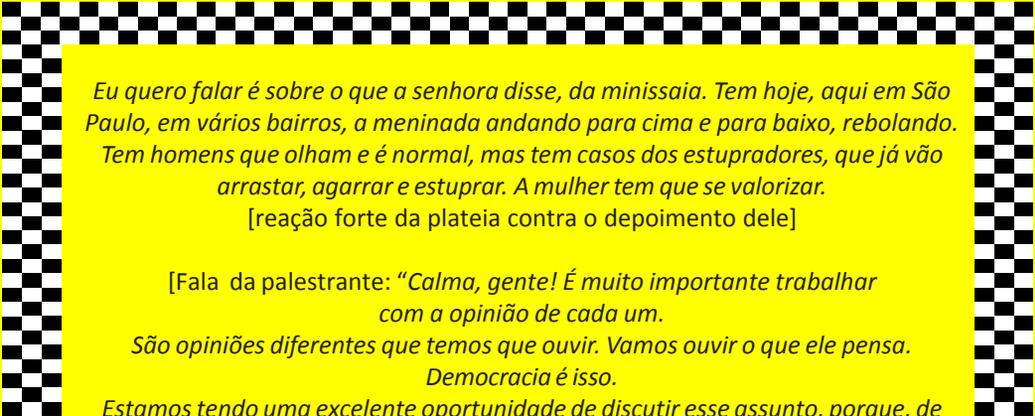
*A roupa de uma mulher não pode ser utilizada como desculpa para uma violência contra a mulher.
É só isso que eu quero dizer.*

Presta atenção no que eu vou falar: esse menino, o fato de ele ter pensado assim, não é só dos homens, porque mulheres também pensam da mesma forma. O modo da gente se vestir não diz o caráter da mulher; a gente se veste do jeito que a gente quiser, porque somos livres, e é isso o que a gente quer.

Eu fui abordada por mulheres pelo fato das minhas roupas, e eu simplesmente disse para elas: "cuidem de sua vidas",. Mas elas não me deixaram em paz. Estava num trem, indo trabalhar, e estava com uma roupinha me sentindo bem, não quero saber se está feio ou bonito, para mim está ótimo.

Meu marido, antes de eu ir morar com ele e me casar, eu falei pra ele: "gosto disso, disso e disso, e na primeira oportunidade que você me der um grito, boto tuas coisas na rua". Se ele estivesse aqui ia balançar a cabeça e dizer é verdade. Ele tem a opinião dele, se ele não gosta fica pra ele. Eu fui trabalhar, e as três mulheres ficaram no meu pé até eu descer. Ai eu perguntei: "senhoras, eu sou alguma parente de vocês?". E elas: "como é que você não quer que te estupe, te agarre, porque você está com uma roupa que não dá pra pegar um trem lotado!". Eu disse: "eu ando com minivestido, minissaia, como eu quiser, homem só vai me agarrar se eu permitir, se eu der algum sinal, porque a minha roupa não vai falar quem eu sou ou deixo de ser, e as senhoras cuidem das filhas de vocês, das netas de vocês. Se estiverem achando ruim, vão na minha casa, comprem um monte de roupa que eu vou aceitar, mas escolhida por mim. Vocês querem que eu vista roupa de freira; não sou freira, e ainda que eu fosse não daria satisfação a ninguém".

*Sou mãe de dois filhos, eu estou vindo com uma blusa decotada, então, estou dando o direito de me estuprar, de me agarrar, homem estupra porque não pode ver bunda de mulher?
Não estou dizendo todos, mas é uma realidade: quando o homem quer comer a mulher, a mulher pode ser velha, acabada, mas o homem quer e quer.
A roupa não tem nada a ver para a mulher ser estuprada.*



Eu quero falar é sobre o que a senhora disse, da minissaia. Tem hoje, aqui em São Paulo, em vários bairros, a meninada andando para cima e para baixo, rebolando. Tem homens que olham e é normal, mas tem casos dos estupradores, que já vão arrastar, agarrar e estuprar. A mulher tem que se valorizar.
[reação forte da plateia contra o depoimento dele]

[Fala da palestrante: *“Calma, gente! É muito importante trabalhar com a opinião de cada um.*

São opiniões diferentes que temos que ouvir. Vamos ouvir o que ele pensa. Democracia é isso.

Estamos tendo uma excelente oportunidade de discutir esse assunto, porque, de maneira geral, as pessoas não sabem o que configura o ato do estupro. Foi muito recentemente que começou a se falar muito na mídia. É uma oportunidade para se ampliar o debate sobre uma tragédia que a gente viu nas estatísticas: a cada onze minutos uma mulher é estuprada! O número é assustador!

As mulheres são, de fato, estupradas.

A pessoa tem medo, tem receio de denunciar, porque quando vai denunciar, qual é a primeira pergunta que muito delegado faz?: “Que roupa você estava trajando?”.

E a roupa não é um convite para o estupro. As mulheres precisam ser respeitadas independentemente da roupa que estejam usando.

Vamos pegar um outro exemplo. Vamos supor que a Joana resolveu fazer sexo com o João. Se ela decidir mais tarde que não quer mais fazer, ela tem esse direito. O fato de ela ter se oferecido para fazer sexo com ele, não é um consentimento ao estupro.

Mesmo que a mulher tenha sido contratada para fazer sexo.

Também temos que lembrar que a prostituição voluntária não é proibida em muitos países, inclusive no Brasil. O que é proibido é a exploração sexual de mulheres.

É importante a gente se informar sobre isso.]



CEU PARQUE VEREDAS - 7/6/2019 (Área de Cultura: Renata Rodrigues)

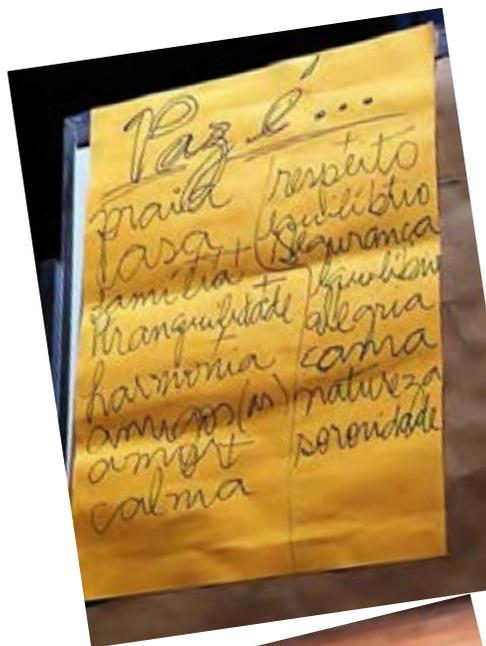
Técnico de som: Wellington Ferreira

Presença de alunas(os) da Escola Estadual Dr. Humberto Luís D'Urso e pessoas da comunidade.



CEU JAÇANÃ - 11/6/2019 (Área de Cultura: Simone Fernandes)

Técnico de som: Rodrigo Pampasi e Adilson.

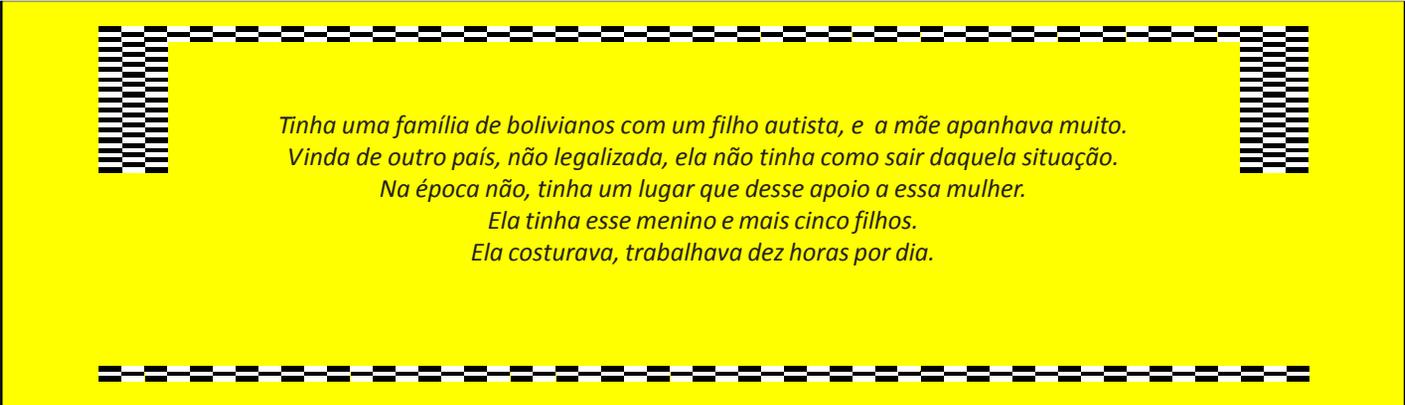


Eu me incluo nisso e estou dentro desse processo, mas infelizmente estou até meio frustrado por conta da plateia e do público. Obviamente valorizando meus colegas de trabalho que estão aqui, mas eu acho uma quantidade muito pequena para um tema tão sério, tão importante. Isso aqui deveria estar cheio, deveria ter sido feita uma convocação, a Diretoria de Educação tem como trazer esses professores para participar dessa oficina. A gente pode fazer e consertar isso, de maneira que, quanto mais gente tiver conhecimento, tiver acesso a esse tipo de conteúdo propagado aqui pela doutora, vamos ter muito mais resultado na nossa jornada.

Eu estudei muito sobre feminicídio. Só para se ter noção disso, em São Paulo aumentou 76%, sendo que, em porcentagem, é o estado mais seguro do Brasil! Como podemos melhorar isso? Infelizmente, isso vem dentro de nossa casa, mesmo a gente não percebendo, porque a mulher é criada para arranjar um homem. Quando é criança e não quer limpar a casa, falam “não serve para casar”. As mulheres não são criadas pra ter autoestima alta, são criadas pra ser passivas, e os homens pra ser líderes. O menino está acostumado a medir a força, e a mãe nunca vai negar. Os assuntos estão plantados na sociedade, assuntos que são machistas pra nós.

Eu só queria complementar que, quando ela falou que o estado de São Paulo é o mais seguro, na verdade o estado está passando por uma baixa de registro. O governo, alguns anos atrás, informatizou vários BOs, e a gente fica com tanta raiva, porque isso não vai resolver nada. O governo tinha essa ideia de diminuir os índices registrados, e aí é só uma forma de mascarar os registros.

Eu só queria complementar que, quando ela falou que o estado de São Paulo é o mais seguro, na verdade o estado está passando por uma baixa de registro. O governo, alguns anos atrás, informatizou vários BOs, e a gente fica com tanta raiva, porque isso não vai resolver nada. O governo tinha essa ideia de diminuir os índices registrados, e aí é só uma forma de mascarar os registros.



*Tinha uma família de bolivianos com um filho autista, e a mãe apanhava muito.
Vinda de outro país, não legalizada, ela não tinha como sair daquela situação.
Na época não, tinha um lugar que desse apoio a essa mulher.
Ela tinha esse menino e mais cinco filhos.
Ela costurava, trabalhava dez horas por dia.*

CEU MENINOS - 15/6/2019 (Área de Cultura: Gerson Abdalla)

Técnico de som: Fábio; Iluminação: Igor

Estiveram presentes alunos(as) da EMEF Altino Arantes e CAAP-ASA.

Eliel Queiroz Barros, professor de educação básica da EMEF Altino Arantes, foi quem enviou todos os recortes de jornais sobre violência contra mulheres e meninas inseridos no início deste livro, assim como o trabalho escolar publicado na página seguinte.





"Ela provocou"

Mas e a menina de 9 meses de vida que foi morta e estuprada, vai dizer que ela também provocava?

E nessa história que entre briga de marido e mulher não se mete a colher? Realmente não se mete a colher, se mete o pé na porta e não deixa mais uma ser morta.

Mais uma vez ninguém meteu a colher e muito menos o pé na porta,

E sim mais uma foi morta.

Seu nome era Maria, estudava sociologia,

E mais uma vez aquele que lhe prometeu amor lhe causou dor.

Agora milhares de mães choram,

Agora milhares de pais se culpam,

Mas ninguém culpa o rapaz por ter matado a menina de forma absurda.

Mesmo depois de mortas são obrigada a escutar "ah! mas a culpa foi sua!"

A culpa foi dela? Por ter sido morta de forma fria e singela.

O abuso não é só sexualmente e ocorre sim dentro de casa,

Seja mãe, pela filha, ou pela irmãzinha que é desrespeitada.

É uma pena que eu não possa mudar o mundo sozinha,

Mas de uma coisa eu sei,

Hoje nós não vamos voltar para cozinha!

Isabela Ferreira Mota, 15 anos - EMEF Atino Arantes

O que acontece se o homem que está apanhando da mulher bater de volta, é a Lei Maria da Penha?

*[Palestrante: Ele precisa recorrer ao código penal se apanhar da mulher. Ele pode processar a mulher, mas não levando em conta a Lei Maria da Penha].
Se ela apanhar, ela pode processar o homem pela Lei Maria da Penha.*

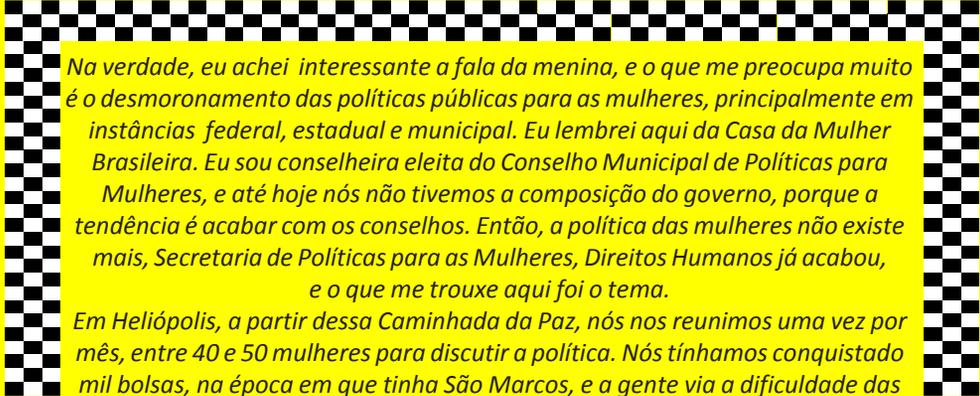
Eu acompanho esse assunto há muito tempo, porque tem uma doutora do Rio Grande do Sul, Maria Berenice, com quem eu troco muita correspondência. Os casos que saem no jornal sobre violência contra a mulher, eu mando para ela. Eu estou acompanhando minha prima, de Mato Grosso, que está passando por um problema muito grave com o matrimônio dela na relação com o esposo. Como ela é religiosa, tem aquela pressão, tanto da família quanto da Igreja. Ela estava com problema de saúde, e eu conversando com ela, ela respondeu que a cunhada vai ter que tomar remédio controlado para ansiedade e para os nervos de tanto abuso que sofre do marido. A cunhada da minha prima lá de Mato Grosso que também passa por esses problemas. Então, é um grupo de mulheres, a pressão sobre elas é grande, tem que aguentar, não pode separar, tem que perdoar sempre.

É muito bom estar aqui e trabalhar essas questões. A gente vem trabalhando lá no CAAB o papel da mulher, a gente discutiu, refletiu, e essa oportunidade de estar falando e vivenciando, eu acho muito bacana.

Quero parabenizar os meninos, é que eles são muito tímidos, mas fazem um show, são um espetáculo, e é para eles, que vão tocar um mundo melhor, que a gente está construindo. Respeitando as mulheres, dialogando, construindo as coisas juntos.

Um tema muito feliz para hoje me chamou a atenção, a composição do painel, e também a postura dos adolescentes: eu acho que tem uma aceitação hoje e uma postura de quem já vem refletindo muito sobre a temática. Eu entendi perfeitamente a fala do Matheus, eu gostaria de compartilhar que a fala da mulher é muito recente, não só no Brasil, no mundo de um modo geral. Por isso a gente tem que falar, falar muito, tem que gritar, tem que ter leis direcionadas para o caso e que tratem com muita especificidade, porque todos os homens já estão contemplados na sociedade em todas as esferas, por isso esse cuidado tão específico com a realidade da mulher. Como a gente tá tentando ter com a criança também e com o idoso, porque são pessoas. A gente está engatinhando, já podia ter avançado muito mais... A questão do racismo existe há muito tempo, mas cuidar com cautela, com preocupação e com prioridade, isso é muito novo. Queria parabenizar você, o seu cuidado, como isso vem sendo tratado, e, principalmente, essa iniciativa do CEU, Núcleo Abdala, muita gente está ouvindo, e tenho certeza que vão compartilhar. E que seja um primeiro encontro para se falar dessas questões, mas que seja só um início, e que continuemos com esse grupo, que da próxima vez seja o dobro, o triplo, e que a gente não pare de falar sobre essas questões, que isso seja só um começar.

Olá, eu sou do CAAP, e a gente acabou realizando um trabalho e tivemos que criar uma música para apresentar o projeto, e aí eu fiz o refrão sobre isso. Antes de apresentar eu quero agradecer a senhora, foi um trabalho, uma mensagem que vai nos ajudar bastante, ainda mais eu, que sou envolvido com essa parte cultural, gosto de fazer um rap para falar para o mundo o que realmente acontece, porque todo mundo tenta disfarçar. Eu quero homenagear vocês, mulheres. É um assunto delicado, se eu falar a verdade os homens vão ser julgados... Por anos as mulheres foram condenadas a viver uma vida que se limita à casa. Eu tenho uma sobrinha, imagina ela sobrevivendo com essa vida, é complicado. Sempre me ensinaram a ser macho, mas eu nem sei o que isso quer dizer. Mulheres, vocês são especiais, vocês são maravilhosas, peço desculpas em nome dos homens por atitudes tão pecaminosas. Sabe qual que é: mulher seja o que você quiser.



Na verdade, eu achei interessante a fala da menina, e o que me preocupa muito é o desmoronamento das políticas públicas para as mulheres, principalmente em instâncias federal, estadual e municipal. Eu lembrei aqui da Casa da Mulher Brasileira. Eu sou conselheira eleita do Conselho Municipal de Políticas para Mulheres, e até hoje nós não tivemos a composição do governo, porque a tendência é acabar com os conselhos. Então, a política das mulheres não existe mais, Secretaria de Políticas para as Mulheres, Direitos Humanos já acabou, e o que me trouxe aqui foi o tema.

Em Heliópolis, a partir dessa Caminhada da Paz, nós nos reunimos uma vez por mês, entre 40 e 50 mulheres para discutir a política. Nós tínhamos conquistado mil bolsas, na época em que tinha São Marcos, e a gente via a dificuldade das mulheres em ir para a faculdade e voltar com Heliópolis escuro. Fizemos uma caminhada com velas para chamar a atenção de políticas públicas, embaixo de cada poste que não tinha luz acendíamos uma vela, e conseguimos trazer a luz de led para Heliópolis. Hoje nós temos o sétimo DP das Mulheres, no Alto do Ipiranga, e estou muito feliz em estar discutindo isso nos CEUs.

E quero dizer que acabamos de eleger jovens para o Conselho de Políticas na Saúde, e a gente quer avançar nos outros conselhos, porque só assim a gente vai mudar. Estou muito feliz com o trabalho do CAAP, temos encaminhado adolescentes lá, e os jovens estão inseridos junto com vocês, isso é garantia de direitos. Estou feliz por você estar aqui discutindo, e nós temos que abraçar essa ideia.

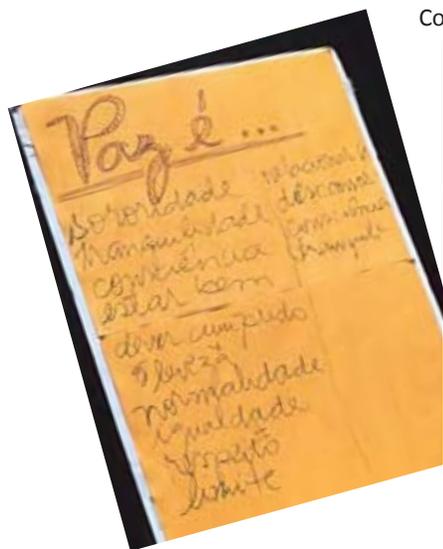
A Casa da Mulher Brasileira vai atender a questão da violência, e não pode esse governo estar dizendo que as mulheres não sofrem violência, que a mulher é vadia, que a mulher apanha porque quer, e que os homens não querem respeitar. Nessa discussão queremos dizer o contrário.

E parabéns aos jovens que estão aqui.



CEU TRÊS PONTES - 25/6/2019 (Área de Cultura: Sandra Cristina)

Coordenadora do Núcleo: Rosa; Técnico de som: Aleison



CEU CANTOS DO AMANHECER - 28/6/2019 (Área de Cultura: Cristiane)

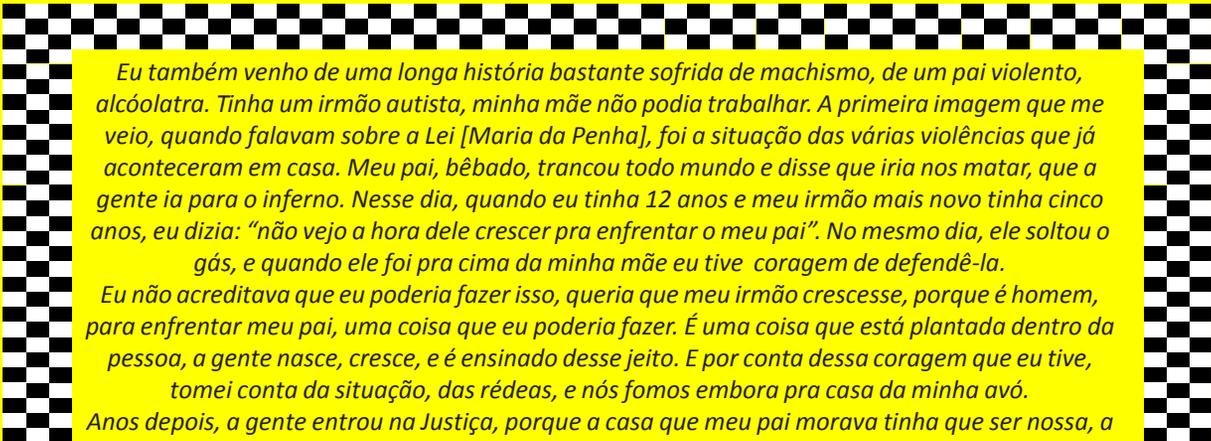
Técnico de som: Jesiel; Iluminação: Guilherme





Você colocou muito bem, é uma situação de milênios, que vem desde o início da humanidade. Se a gente for pensar lá atrás, nas nossas aulas de história, quem eram os grandes filósofos que ficavam discutindo as verdades da vida para os homens? E por aí o tempo foi passando, a humanidade foi evoluindo, mas o homem sempre teve a palavra. Tudo isso é louvável, lei, punições, mas a gente continua pensando errado, sempre está pensando nos efeitos, e não na causa. A gente tem que criar diferente o menino, sim, com toda razão, porque o que a gente faz hoje é “olha, minha filha, cuidado quando sai na rua, não fala com ninguém, não fica dando bobeira”, e você não fala isso para o menino. E aí fico pensando por que ela tem que tomar cuidado e ele não? Todos somos animais, o homem é um animal racional, é o único que pensa, então, por que eu tenho que colocar essas coisas na cabeça da menina? O que acontece quando o homem vê uma menina? Ele passa mal, tem que se segurar porque vai atacar a mulher. Atacar porque é bicho, é animal? Não. Somos racionais, então é a maneira de pensar que tem que mudar.

Achei interessante a palavra que você falou para nós, que é a sororidade. A mulher tem que ter empatia uma com a outra. Quando um político é pego com outras mulheres, é um ganhão, um pegador, tem dinheiro, é assim mesmo. Quando uma mulher se candidata a uma vaga política, ou até mesmo deputada, quando é pega em situação constrangedora, é vadia, é puta, nós mesmas notamos, está na gente. E o que podemos fazer para mudar isso? Temos que pensar, e eu tenho pensado bastante. E aí as pessoas falam “você trabalha, você tem seu dinheiro”, mas na minha cabeça está que eu tenho que viver junto com alguém para ter uma casa, tenho que cuidar, tenho que ter filho, e isso é muito conflitante para mim, porque ao mesmo tempo que o mundo fala que eu tenho essa necessidade, eu não sinto essa necessidade em mim. É um processo para a gente e para a sociedade.



Eu também venho de uma longa história bastante sofrida de machismo, de um pai violento, alcóolatra. Tinha um irmão autista, minha mãe não podia trabalhar. A primeira imagem que me veio, quando falavam sobre a Lei [Maria da Penha], foi a situação das várias violências que já aconteceram em casa. Meu pai, bêbado, trancou todo mundo e disse que iria nos matar, que a gente ia para o inferno. Nesse dia, quando eu tinha 12 anos e meu irmão mais novo tinha cinco anos, eu dizia: “não vejo a hora dele crescer pra enfrentar o meu pai”. No mesmo dia, ele soltou o gás, e quando ele foi pra cima da minha mãe eu tive coragem de defendê-la.

Eu não acreditava que eu poderia fazer isso, queria que meu irmão crescesse, porque é homem, para enfrentar meu pai, uma coisa que eu poderia fazer. É uma coisa que está plantada dentro da pessoa, a gente nasce, cresce, e é ensinado desse jeito. E por conta dessa coragem que eu tive, tomei conta da situação, das rédeas, e nós fomos embora pra casa da minha avó.

Anos depois, a gente entrou na Justiça, porque a casa que meu pai morava tinha que ser nossa, a gente construiu junto. Por duas vezes a Justiça deu a casa para o meu pai, porque o advogado alegou que nós abandonamos o lar, mesmo com o menino autista recebendo pensão. A história era ou minha mãe morava embaixo da ponte ou deixava meu irmão autista com meu pai alcóolatra. No ato de desespero, meu irmão foi morar com meu pai. A gente sofria muito, fazia visita surpresa, e eu tinha que acompanhar minha mãe, porque se ela fosse sozinha, apanhava. Eu era mais adulta e já tinha mais segurança, e meu pai não tinha como enfrentar a gente. E aí Deus acolheu meu irmão dois anos depois, pois ele estava sofrendo bastante.

Mesmo com a Lei, acontecem essas falhas.

Outra coisa que aconteceu com um aluno meu, 18 anos, hipertenso, maloqueiro, batedor de carteira, que ninguém dá valor, aconteceu que um professor colega meu passou a mão nesse menino, começou a dar em cima dele. Eu fui a única na escola inteira que acreditei, porque um homem, 18 anos, maloqueiro, você acha que algum professor vai passar a mão nele, que ele vai deixar? Foi uma situação bastante complicada para eu defender esse menino, que era considerado mentiroso, porque na escola ele estava errado, e o professor estava certo.

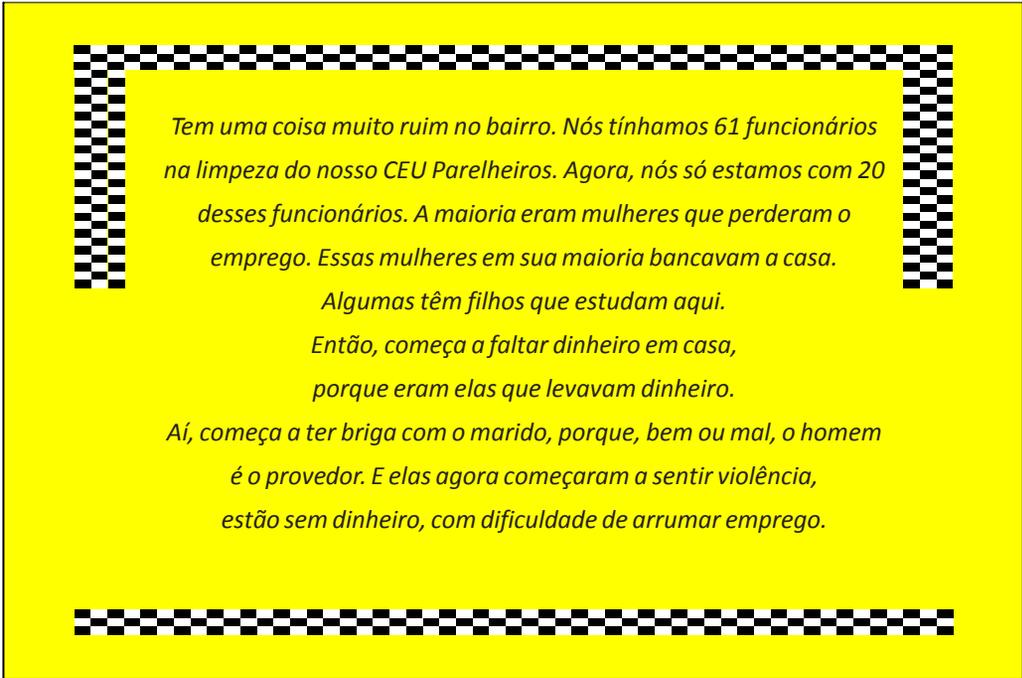
Tenho que trabalhar essa questão, pois são os dois lados. Fui investigar a vida dele, era uma situação difícil, que já vem de gerações. O professor, pelo que tudo indica, vai ganhar o processo, age como vítima. A gente não tem como argumentar porque não tem provas; é a palavra dele contra a do aluno. O machismo acontece também para o lado do homem.



CEU PARELHEIROS - 2/7/2019 (Área de Educação: Amarilis)

Técnico de som: Júnior





Tem uma coisa muito ruim no bairro. Nós tínhamos 61 funcionários na limpeza do nosso CEU Parelheiros. Agora, nós só estamos com 20 desses funcionários. A maioria eram mulheres que perderam o emprego. Essas mulheres em sua maioria bancavam a casa.

*Algumas têm filhos que estudam aqui.
Então, começa a faltar dinheiro em casa,
porque eram elas que levavam dinheiro.*

Aí, começa a ter briga com o marido, porque, bem ou mal, o homem é o provedor. E elas agora começaram a sentir violência, estão sem dinheiro, com dificuldade de arrumar emprego.

CEU FORMOSA - 23/7/2019 (Área de Cultura: Marcelo Nunes)

Técnico de som: Thiago de Melo; Representante da DRE Itaquera: Wilson Limeira Dias





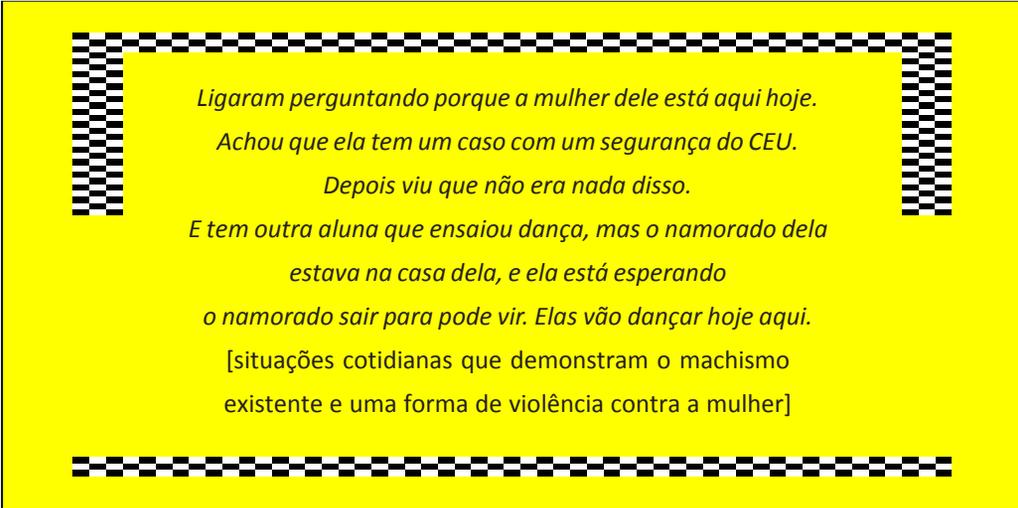
Isso é bom, alguém deu espaço para se falar de um assunto importante. A senhora está abrindo espaços hoje. Se cada um passar para o outro, vai multiplicando. Vamos ter um time feminino de futebol, o que é um avanço. E é muito importante levar esses conhecimentos para a galera mais jovem, porque com mais idade é difícil de mudar de opinião.



CEU JARDIM PAULISTANO - 30/7/2019 (Área de Cultura: Sheila Lopes)

Participação da coordenadora do UNICEU, Mara Otília Fonseca Boiani; professoras(es) do EMEF; professora de dança do ventre infantil, Lisanja Paixão, e de dança do ventre para adultos, Íris de Oliveira. Houve uma linda apresentação das alunas. Trata-se de uma expressão artística que empodera mulheres e meninas.





Ligaram perguntando porque a mulher dele está aqui hoje.

Achou que ela tem um caso com um segurança do CEU.

Depois viu que não era nada disso.

E tem outra aluna que ensaiou dança, mas o namorado dela

estava na casa dela, e ela está esperando

o namorado sair para pode vir. Elas vão dançar hoje aqui.

[situações cotidianas que demonstram o machismo

existente e uma forma de violência contra a mulher]

CEU VILA RUBI - 2/8/2019 (Área de Cultura: Meire Mônica Cunha)

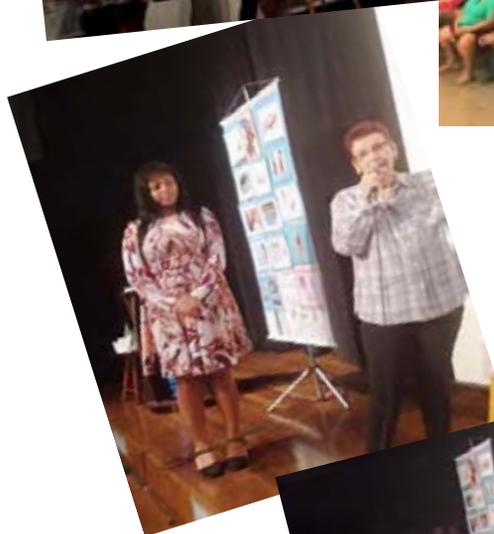
Representante da DRE CS: Jaqueline Ap Lima Matos; educadoras(es) de entidades conveniadas com a prefeitura municipal de São Paulo, de educação de jovens e adultos (MOVA)



CEU CASA BLANCA - 9/8/2019 (Área de Cultura: Jaqueline Costa)

Técnico de som: Evandro Domingues; Gestão: Lucy Diogo, Carla Rovai e Cristina Ranea.

Estiveram presentes estudantes da E.E.Carau Aparecido Gonçalves (EJA e Ensino Médio); EJA EMEF CEU Casa Blanca; Instituição Santa Lúcia (MOVA), além de pessoas da comunidade.



Eu passei por várias agressões físicas junto com minha irmã. Meu cunhado era muito agressivo e tomava álcool para fazer as agressões. Eu tinha apenas dez anos, entrava no meio e apanhava junto. Foram tantas agressões que ele tentou matar minha irmã e me matar também. Foram tantas tentativas que minha irmã uma vez empurrou ele. Ele bateu com a cabeça numa quina e veio a falecer. Ela ficou respondendo processo alguns anos. Acabou a vida dela com quatro filhos para criar. É uma coisa surreal. É uma coisa que marca minha vida até hoje. Estou com quase 50 anos, mas é terrível e não desejo para ninguém! Mães, pelo amor de Deus, se vocês sofrem agressão, os filhos sofrem junto, não subestimem, porque a tragédia é muito triste. Hoje minhas sobrinhas, que passaram por isso, casaram, estão bem, mas não esquecem o fato, o psicológico não é a mesma coisa até hoje.

Estou há 17 anos trabalhando como agente comunitária de saúde. Sempre trabalhei para me sustentar. Até eu casei e fui proibida de trabalhar, de sair. A minha rotina era casa, filho, marido, final de semana na casa da sogra... Fui proibida de ter contato com meus irmãos, perdi meus amigos, perdi tudo. Meu marido começou a ficar agressivo, e quando eu vi que isso estava afetando os meus filhos, falei "chega, não é isso que eu quero para minha vida". Consegui arrumar um emprego. Quando estava em processo seletivo, meu ex-marido falava "você não vai conseguir, você é louca, não sei porque você está inventando moda, você não vai passar disso, tá se iludindo" e eu pensava "isso não vai me deixar cair". Fui passando nas etapas do processo seletivo, me estruturei, voltei a trabalhar e provei para mim mesma que eu tinha condição de voltar. Ele começou a ficar violento, meu psicológico estava bem abalado, fiz tratamento psiquiátrico com medicação, antidepressivo, e aí eu disse: "não é isso que eu quero para minha vida, entrou a bebida, e se você quer se afundar você vai, eu tenho dois filhos pequenos, e isso para mim é o mais importante". Nesse trabalho eu tive sorte, com palestras como essa que a Vera está dando. A Casa Sofia me deu muito apoio. Porque quando a gente sofre esse tipo de violência, sofre essa pressão, o agressor te deixa acuada, então, nessa situação, é preciso ajuda. Eu tive uma luz de ir na delegacia, fazer um Boletim de Ocorrência, de me assegurar mesmo. Hoje eu trabalho, criei meus filhos, tenho uma neta linda de 15 anos... Infelizmente, tudo o que a gente passa de violência acaba passando para nossos filhos, começam a ficar agressivos, atitudes de respeito, caridade, compaixão, companheirismo, isso vai se perdendo, e a família, ao mesmo tempo, vai se desmanchando. Por isso eu acho muito importante homens e mulheres terem essa consciência de respeito uns com os outros, porque quando você tem esse respeito, você não vai querer agredir, você vai respeitar decisões, e hoje em dia todo mundo tem o direito de escolher, independente de ser homem ou mulher. Conheço homens que cozinham muito bem, que passam muito bem e cuidam de uma casa melhor que muitas mulheres. E mulheres que têm outras atividades, que superam, então, assim, o respeito entre os dois seres, independente disso, quando tem essa união, a coisa flui, fica bonita.

CEU CIDADE DUTRA - 13/8/2019 (Área de Cultura: Maria das Graças da Luz)

Técnico de som: Vilmar Costa; Iluminação: Zenilde Ferreira

Representante DRE Capela: Andrea Messias

Presença de estudantes do EJA, da Escola Estadual Miguel Vieira e da Escola Municipal Marina Melander, além de alunas(os) de esporte, do professor Roberto.



CEU SAPOPEMBA - 16/8/2019 (Área de Cultura: Camila Marques e Teresa Vicentini)

Gestão: Rita de Cássia Santos Ferreira; Técnica de som: Valéria Gesseff; presença de estudantes da ETEC



CEU ALTO ALEGRE - 20/8/2019 (Área de Cultura: Fábio Campos e Albuquerque Barros)

Gestão: Claudemir Mancini; Técnico de som: Roberto Pereira; presença de estudantes da ETEC, EJA e Escola Estadual Carmerinda.



CEU AZUL DA COR DO MAR - 23/8/2019 (Área de Cultura: Gildásio Ribeiro Mendes)

Gestão: Sandra da Motta Rocato; Representante DRE Itaquera: Denise Aparecida Belchior da Costa; Técnico de som: Lucas; presença de estudantes da ETEC, CIEJA, EMEF Chico Mendes, EMEF Benedito Calixto, EMEF Conceição Aparecida de Jesus.



Em primeiro lugar, boa noite a todos! O que eu tenho que dizer aqui, é sobre a violência que eu assisto nos jornais direto. Porque nós somos seres humanos, e quando eu falo ser humano, são os homens. Nossas mulheres têm que ser respeitadas, e o homem não respeita, usa, abusa e bate.

A mulher faz de tudo o que a gente precisa, dá um conforto danado, e ele não sabe dar valor, vai buscar o que está lá fora.

Vamos valorizar as mulheres, porque foi delas que nós viemos, se não fossem elas não estávamos aqui hoje. A mulher tem que ser respeitada, meus pais me ensinaram assim, “seja homem, seja digno, mulher é para ser respeitada, faz mais do que nós”.

A mulher passa a noite em claro, leva seu filho ao médico, e você não está nem aí, puxa os cabelos e bate. Porque tá faltando homem de verdade e faltando leis. As leis do nosso país não funcionam, jogam no lixo. Têm as melhores leis e não sabem aproveitar tudo o que têm.

Eu, graças a Deus, sou analfabeto, mas não sou burro. Eu olho, analiso, paro, penso, porque eu vim de uma mulher, nasci na beira do rio, nasci na mão de uma parteira e hoje estou aqui na capital.

Tenho 15 anos, sou negra com muito orgulho, e a minha deixa para hoje é das mulheres, me desculpem os homens. Eu sei o que minha mãe passou, meus pais se separaram quando eu era bem pequenininha. Quem trabalhou para dar o leite de cada dia foi minha mãe, pra mim e minha irmã. Eu sou negra, com muito orgulho. Eu repito isso porque sou negra, filha de uma negra, tenho uma avó negra... porque às vezes a gente assiste vídeos sobre a escravidão, olhando o filme eu sinto a dor, olhando as chibatadas que cada negro levou, e também as mulheres sofreram.

Então, o que nós, mulheres, temos que fazer é nos unir. Em plano século 21, nós, mulheres, temos que nos unir e fortalecer o feminismo, quanto mais mulheres tivermos, mais os homens vão ficar enfraquecidos e não vão querer bater em mulher, porque vão ter mais de mil correndo atrás deles.

Tenho 16 anos, eu queria contar uma experiência pessoal. Minha avó foi casada com meu avô, e antes de eu nascer ela sempre sofria agressão pelo meu avô.

Aí, quando ela descobriu que ele tinha traído ela, deu uma surra nela, tiveram que se separar.

A cultura é muito responsável por esse machismo, coisa tosca que os homens são... Por exemplo, meu pai vem de uma educação muito rígida, e minha mãe era uma adolescente fogosa, gostava muito de namorar e paquerava muito. Meu avô, que era português, porque ela era muito namoradeira, chegou até a pisar no pescoço dela. E ela ficou internada algumas semanas no hospital. Era uma característica de minha mãe, mas eu amo ela do jeito que ela é.

E aí ela casou, e meu pai, na expectativa de que ela fosse virgem, a festa rolando, meu pai apto para consumir a lua de mel, levou ela para o quarto, e aconteceu que ela não sangrou.

E aí meu pai, naquela cultura bem tosca: "vou te devolver agora" - imagina, ser devolvida!

E olha o que aconteceu, ela, na ânsia de se livrar daquela situação bem crucial, foi no banheiro, pegou uma agulha e se feriu.

Tenho 33 anos, sou casada, tenho três filhos. A minha infância foi o oposto de tudo isso. Eu via o meu pai bater na minha mãe todos os dias, de corrente, de pau, de revólver, cresci vendo tudo isso, tudo passou na minha mente. Morei na rua devido a tudo o que o meu pai fez com minha mãe, e mesmo assim minha mãe teve quatro filhos e não permitiu que nenhum saísse da escola. Eu sei o que é morar na rua, dormir na rua, passar fome, porque tudo isso eu vivi, porém, eu coloquei na minha cabeça que minha mãe foi muito guerreira, não permitiu de maneira nenhuma que os filhos não frequentassem a escola.

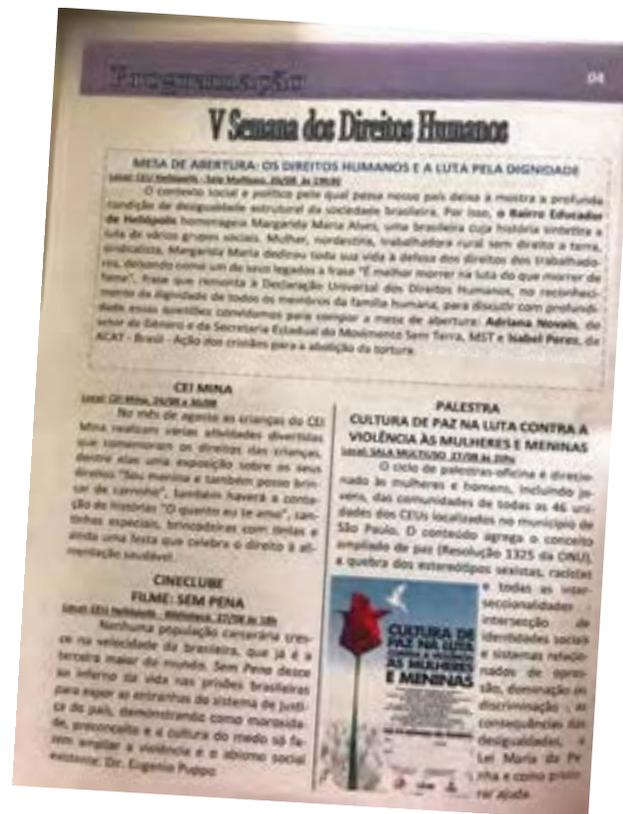
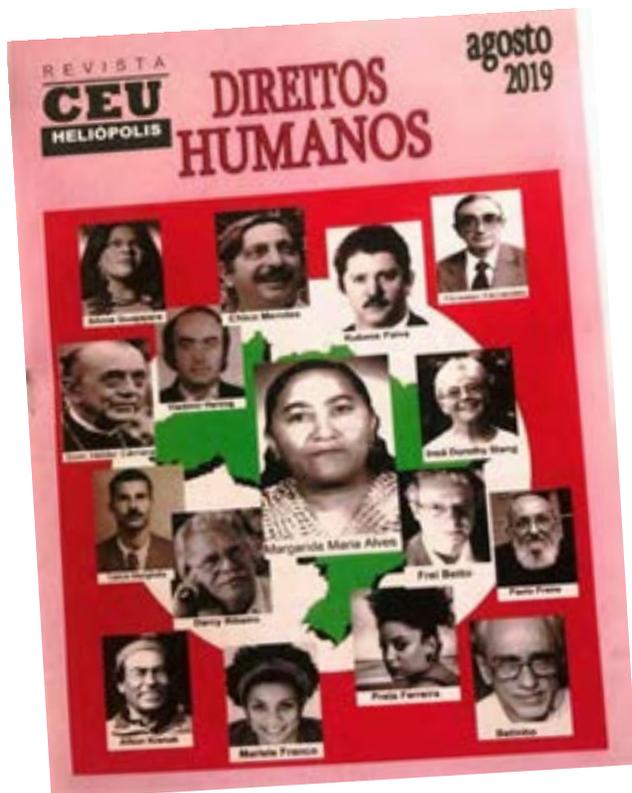
Ficávamos uma semana sem tomar banho, dormindo no banco da praça, na Cohab 2, mas nunca faltamos na escola. Meu ensino fundamental foi todo aqui. Três mulheres e um homem, crescemos mulheres guerreiras, todas são casadas, têm filhos. Porém, dos quatro, o meu irmão não quis seguir o mesmo padrão de ensinamento de minha mãe. Hoje ele se encontra detido. Mas eu mostrei para os meus filhos que devemos honrar e respeitar todos.

Eu queria parabenizar à Secretaria, Prefeitura, e você, palestrante Vera. Infelizmente nosso país anda assim, diferente, fora do normal na vida de hoje... Começou com os antigos, da forma que tanta gente falou aqui. Eu tenho exemplos disso na minha vida, da minha própria mãe, carregando pedra para fazer a casa para a gente morar. Eu tinha cinco anos de idade, e é uma coisa grosseira carregar pedra para construir o alicerce, senão não iria ter casa, porque meus avós, naquela época, levavam as coisas dessa forma.

Porém, os tempos estão mudando. Eu quero voltar para a vida atual e dizer o que eu ouvi aqui da menina que tem 33 anos e tem três filhos: parabéns, você é um exemplo que pode demonstrar para todas as mulheres aqui hoje, sigam os caminhos dela, ela teve uma direção pela própria cabeça, uma atitude, uma providência, olhando os caminhos bons e deixando os maus. Onde você estava vivendo com sua mãe, era para você se perder nesse mundo...

Eu vivi com uma pessoa 16 anos, e com certeza, a mulher não pode viver com um homem 16 anos ou mais do que isso e deixar fazer dela o que quiser, o que bem entender, bater com uma flor! É uma coisa que a mulher não tem que aceitar, e isso aconteceu comigo. Eu tinha um marido, graças a Deus não tenho mais, ele bebia, me batia, não vou mentir, o que tenho que falar, eu falo. Chamei polícia, porque fiquei desorientada para me defender, quando ele ia me bater fui me pegando com Deus e depois dei um empurrão nele para me livrar. Perguntei para uma pessoa aqui do templo se eu deveria ter feito isso ou não, que disse "sim, você só não pode matar, mas defender-se você tem que se defender". Dezesesseis anos de casamento, eu respeitei muito, e pelo que fiz por ele, ele tinha que ter me tratado como uma rainha, porque eu fiz uma coisa que Maria fez com Jesus, que foi lavar os pés, e eu fiz.

Esta oficina foi inserida na programação da V Semana dos Direitos Humanos do CEU Heliópolis. Parabéns pela importante iniciativa!



CEU ÁGUA AZUL - 30/8/2019 (Área de Cultura: Beatriz Moraes)

Área de educação: Socorro; Auxiliar de Gestão: Alcides; Técnico de som: Carlinhos; presença de estudantes EJA e do Colégio Mariuma Buazar Mauad



O filho espanca, o chakra cansa, homem que me espanca eu estou fugindo de homem. Cansamos sim, a gente cansa de ser espancada, assediada e também violentada. Não podemos mais sair na rua sem medo de ser abusada, enquanto o povo brasileiro finge que não vê nada. Seus comentários na rua me enjoam, e não vai achando que você vai ter moral para respeitar uma mulher. E para de se achar o tal, quantas vezes temos que falar que nosso corpo, nós que estamos no comando.

Eu sou professor, e a gente ouve muito reclamação de aluna que o marido diz “você é velha, vai fazer o que na escola?”, “vai lavar roupa, vai fazer janta”. E aqui, o maior número é de mulheres, a aluna mais velha é a D. Benedita, de 78 anos, e a minha dúvida é o que fazer. Trabalho com educação infantil há 20 anos, já avançamos um pouco. Na minha sala, deixo os meninos brincarem com bonecas e tenho dificuldades com os professores que falam “você vai deixar ele usar essa roupa?” - ainda é muito forte isso. E na sua fala, quando você diz que é de pequeno que se ensina, será que tenho que dar mais bonecas? Eu estimulo a criança, pega lá a boneca e vai brincar...

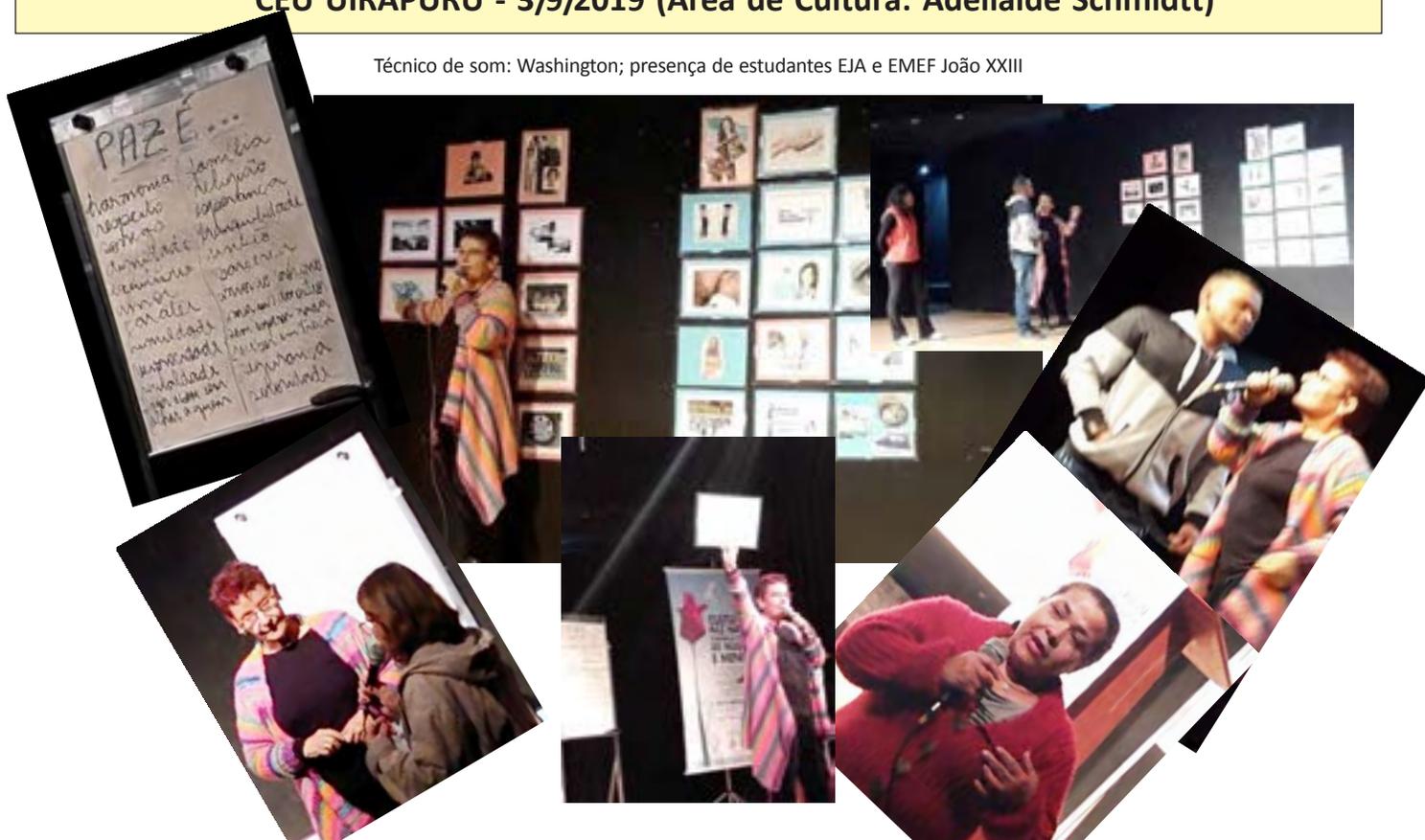
Boa noite, eu sou professora da Escola Estadual Mariuma Buzar Mauad, meus alunos estão ali, em plena sexta-feira. Agradeço imensamente seu trabalho, o quanto é difícil estudar nesse país, e, diante de tudo o que você expôs, até me emocionei com essa garota que declama o cordel da Lei Maria da Penha. Tive vontade de levar ela para minha casa. E aí, como professora de filosofia, tenho que pensar na questão política, o homem é um ser político, como fala Platão, e o que é ser político? Nesse momento, em que estamos aqui participando, fazendo a nossa política, e tantas ONGs fazem com carinho para salvar vidas, a gente vê liberação de armas, autoridade desconstruindo tudo, e isso é muito perigoso. Nós estamos no século 21, e “menino veste azul, menina veste rosa”? Falado pela maior autoridade do país que nesse país não pode ter homossexuais, porque aqui não é país de gays, mas os homens de países de fora podem vir fazer sexo com nossas mulheres? Todos os dias, em todos os momentos, a gente precisa cada vez mais aproveitar esses espaços.

Pelo Fim da Violência à Mulher
por Verônica de Sá Soares, 19 anos, série 2B, Escola estadual Mariuma Buazar Mauad

Alguns Homens acham que as mulheres vieram ao mundo pra estar agradando,
Quantas vezes teremos que falar que no nosso corpo somos nós que estamos no comando?
Falamos tanto,
Explicamos tanto, mas muitos não se tocam; HIPÓCRITAS!
A cada 10 segundos uma mulher é agredida,
Por inúmeras vezes ficamos feridas,
Nos deixam constrangidas,
Sequer deixam cicatrizar as feridas,
Não só no corpo mas na mente.
Não ache que estamos felizes mesmo quando estamos sorridentes.
A cada ano, 500 mil mulheres são espancadas por maridos ou namorados,
ou ex maridos ou ex namorados.
O fim pra ela geralmente paga com a vida,
E vem dizer que “isso foi por amor”,
Não acredito nesse papinho, senhor!
Vários planos que se torna tudo ilusão,
Ela pensa “foi a última vez, ele não vai mais fazer isso não, meu amor já não me bate mais”,
Mas cada dia sofre mais.
Infelizmente muitas só encontram a paz quando jaz.
Muda nada, menina boba, iludida, não sabe de nada da vida.
É muito importante que nós mulheres paremos pra entender que independente se está com alguém ou não,
a mulher sozinha é uma mulher por inteira e não metade,
Não ser submissa ao machista covarde.
Temos que fazer que o nosso limite seja respeitado
E não aceitar relacionamento forçado.
Viver de aparência não diminui a opressão,
Pelo contrário apenas piora a situação.
Ter autoestima e de forma séria esbravejar “Não vou aceitar uma situação de violência dentro do meu lar”.
As mulheres pretas que têm a carga dobrada, triplicada, nunca mais serão amordaçadas,
Estamos nos informando, avançando,
Contra postura machista aqui nós estamos.

CEU UIRAPURU - 3/9/2019 (Área de Cultura: Adellaide Schmitt)

Técnico de som: Washington; presença de estudantes EJA e EMEF João XXIII



*Sou professor da Escola João XIII. Tenho alunas com idade de 30 a 70 anos.
Hoje eu pude perceber o silêncio de todas elas.*

A maioria sofreu violência, e hoje em dia estão retornando para a escola para serem alfabetizadas. Não tenho dúvida de que a autoestima cada vez mais vai melhorando, a partir do momento em que elas começaram a aprender.

Muito obrigado, eu tinha que falar isso, elas ficaram em silêncio, mas eu falei.

CEU PAZ - 5/9/2019 (Área de Cultura: Luis Felipe Brandão)

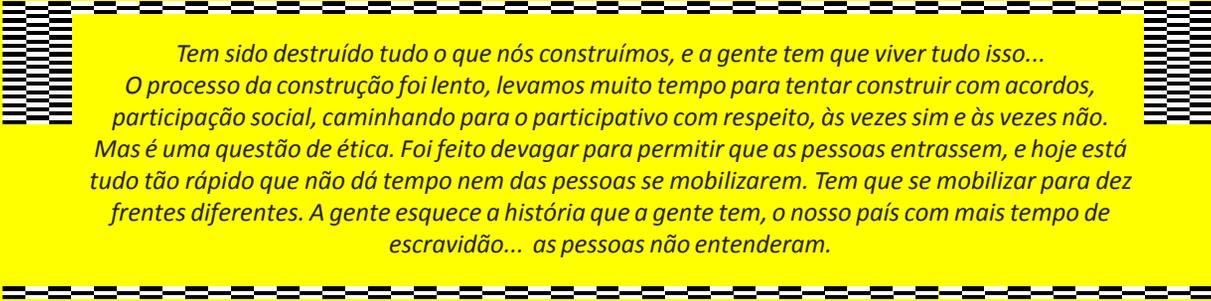
Técnico de som: Josué Soares Rocha Júnior; presença de estudantes EMEF I - por serem todos(as) menores de idade, não estão sendo divulgadas fotos de estudantes.



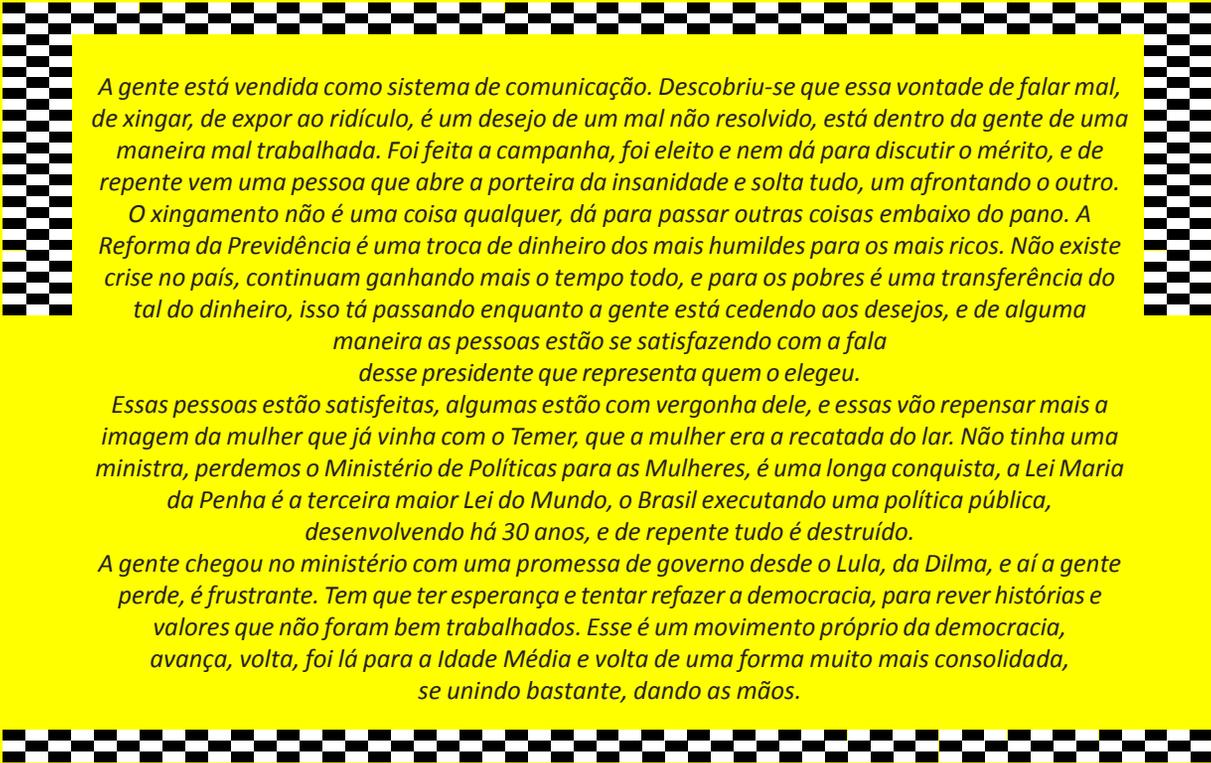
CEU JAGUARÉ - 10/9/2019 (Área de Cultura: Noêmia)

Gestão: Lucilene; Técnico de som: Renê; estiveram presentes integrantes do Fórum de Mulheres da Zona Oeste e do Projeto Palco.





*Tem sido destruído tudo o que nós construímos, e a gente tem que viver tudo isso...
O processo da construção foi lento, levamos muito tempo para tentar construir com acordos,
participação social, caminhando para o participativo com respeito, às vezes sim e às vezes não.
Mas é uma questão de ética. Foi feito devagar para permitir que as pessoas entrassem, e hoje está
tudo tão rápido que não dá tempo nem das pessoas se mobilizarem. Tem que se mobilizar para dez
frentes diferentes. A gente esquece a história que a gente tem, o nosso país com mais tempo de
escravidão... as pessoas não entenderam.*

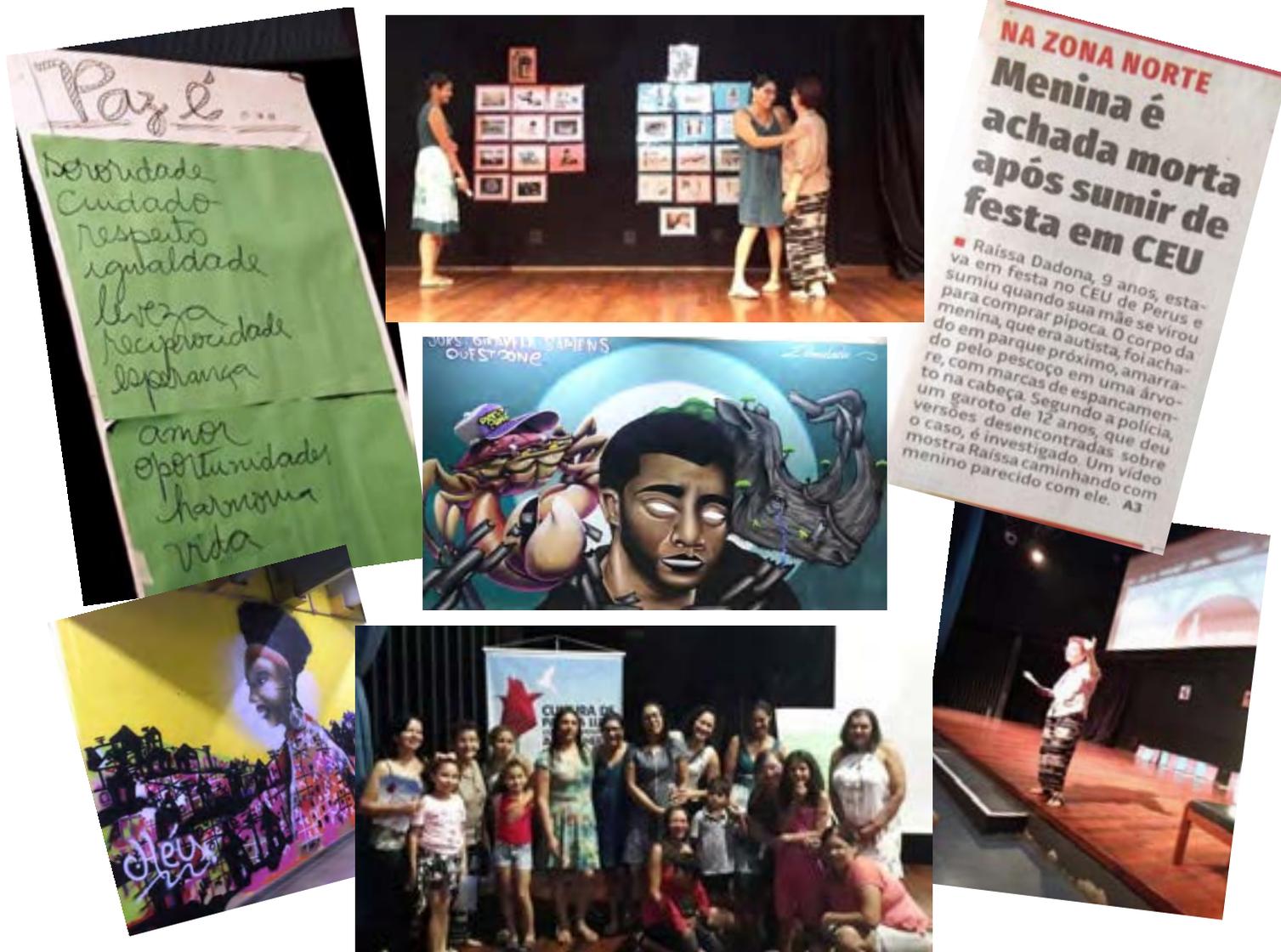


*A gente está vendida como sistema de comunicação. Descobriu-se que essa vontade de falar mal,
de xingar, de expor ao ridículo, é um desejo de um mal não resolvido, está dentro da gente de uma
maneira mal trabalhada. Foi feita a campanha, foi eleito e nem dá para discutir o mérito, e de
repente vem uma pessoa que abre a porteira da insanidade e solta tudo, um afrontando o outro.
O xingamento não é uma coisa qualquer, dá para passar outras coisas embaixo do pano. A
Reforma da Previdência é uma troca de dinheiro dos mais humildes para os mais ricos. Não existe
crise no país, continuam ganhando mais o tempo todo, e para os pobres é uma transferência do
tal do dinheiro, isso tá passando enquanto a gente está cedendo aos desejos, e de alguma
maneira as pessoas estão se satisfazendo com a fala
desse presidente que representa quem o elegeu.
Essas pessoas estão satisfeitas, algumas estão com vergonha dele, e essas vão repensar mais a
imagem da mulher que já vinha com o Temer, que a mulher era a recatada do lar. Não tinha uma
ministra, perdemos o Ministério de Políticas para as Mulheres, é uma longa conquista, a Lei Maria
da Penha é a terceira maior Lei do Mundo, o Brasil executando uma política pública,
desenvolvendo há 30 anos, e de repente tudo é destruído.
A gente chegou no ministério com uma promessa de governo desde o Lula, da Dilma, e aí a gente
perde, é frustrante. Tem que ter esperança e tentar refazer a democracia, para rever histórias e
valores que não foram bem trabalhados. Esse é um movimento próprio da democracia,
avança, volta, foi lá para a Idade Média e volta de uma forma muito mais consolidada,
se unindo bastante, dando as mãos.*

CEU PARQUE ANHANGUERA - 17/9/2019 (Área de Cultura: Arnaldo)

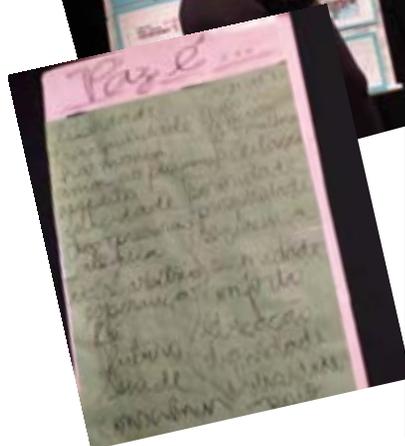
Técnico de som: Sérgio. Participaram professoras(es) do CEI.

Foi um grande choque ver a notícia do assassinato da garota Raíssa Dadona, de 9 anos, em 29/9/2019, pois ela, sua mãe e seu irmãozinho estiveram presentes na oficina realizada poucos dias antes. Ambas colaboraram com a distribuição do folder do projeto para as demais pessoas do CEU.



CEU SÃO MATEUS - 23/9/2019 (Área de Cultura: Michelle)

DRE São Mateus: Tatiane de Paula; Técnico de som: José Luís. Participaram estudantes EJA.



CEU JAMBEIRO - 16/10/2019 (Área de Cultura: Rita Beatriz Boranga)

Técnico de som: Rogério



CIEJA PAULO EMÍLIO VANZOLINI (CAMBUCI) - 17/10/2019

Assistente pedagógica e educacional: Daniela Cavalcanti G. Miyazato; Assistente de coordenação geral: Denise Ap. Felipe de Abreu.

Estiveram presentes estudantes do curso de alfabetização e do ensino fundamental 2.

Agradecimento especial ao professor Antônio Donizete dos Santos que realizou a gravação em vídeo de todo o evento.

Trata-se de uma oficina extra realizada por solicitação da Secretaria Municipal de Educação.



Gostei muito desse cordel sobre a Lei Maria da Penha porque uma menina tão pequena, tão nova, entender toda essa questão de violência. São situações que às vezes a criança não tem estrutura para passar por isso e tem dificuldade de se expressar. Com relação às estatísticas de estupro, que a maioria tinha apenas até 13 anos, é muito triste porque na maioria das vezes, é alguém muito próximo, do convívio. Isso é covardia, porque a criança tem confiança na pessoa.

Eu vim falar tanto sobre gay que é tão afeminando e outros que não são tão afeminados e sofrem menos. Eu que não sou tão afeminado, mesmo assim sofro dentro ou fora da escola.

É importante falar que o hetero tem na cabeça dele, não estou generalizando, mas a maior parte deles é que os gays, trans tanto faz, não valem nada, não têm o seu valor e não tem capacidade. É uma pessoa que é excluída mesmo.

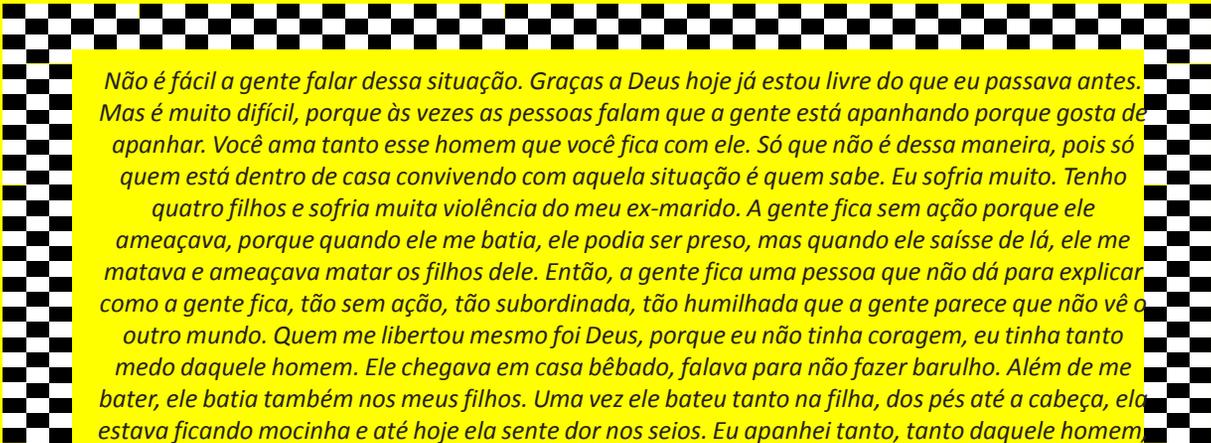
O heterossexual acha que está em cima da cabeça, que ele é um príncipe, não se deixa chegar a nada, nem com trans, nem com gays. Acho importante falar que o heterossexual tem que olhar de uma outra forma, porque essas pessoas têm sua história e tem todo o seu valor pessoal por dentro.

Para minha família foi relativamente muito difícil a aceitação, porque nenhum pai ou mãe gostaria de ter um filho homossexual. Para o meu pai, eu nunca precisei falar que eu era gay, porque infelizmente ou felizmente, ele viu a minha evolução de criança até agora.

Já a minha mãe não conviveu muito com isso, e quando comecei a conviver fui falar para ela e para o meu pai, foi mais difícil. Meu pai me respeita, mas fala que eu sou um hominho gay. Ele respeita meu parceiro. São as duas pessoas que me respeitam.

Uns dias atrás, eu até coloquei nas redes sociais, para alertar as pessoas trans como eu, que pedofilia é crime. Saber que se envolver com pessoas menores é um crime inafiançável. Então, quando um menor nos procura, o que podemos fazer? Temos que denunciar?

[Palestrante: A pessoa adulta não pode aceitar, porque é ele que será responsabilizado criminalmente].



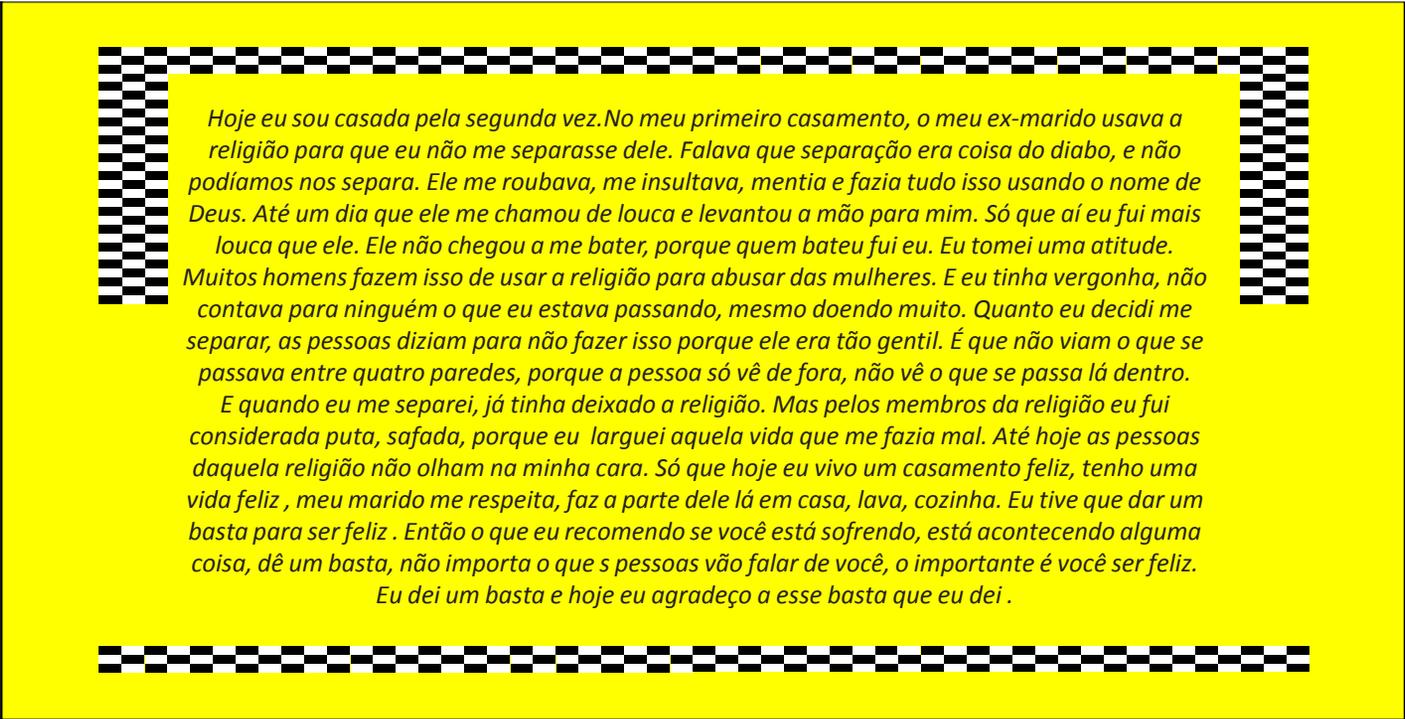
Não é fácil a gente falar dessa situação. Graças a Deus hoje já estou livre do que eu passava antes. Mas é muito difícil, porque às vezes as pessoas falam que a gente está apanhando porque gosta de apanhar. Você ama tanto esse homem que você fica com ele. Só que não é dessa maneira, pois só quem está dentro de casa convivendo com aquela situação é quem sabe. Eu sofria muito. Tenho quatro filhos e sofria muita violência do meu ex-marido. A gente fica sem ação porque ele ameaçava, porque quando ele me batia, ele podia ser preso, mas quando ele saísse de lá, ele me matava e ameaçava matar os filhos dele. Então, a gente fica uma pessoa que não dá para explicar como a gente fica, tão sem ação, tão subordinada, tão humilhada que a gente parece que não vê o outro mundo. Quem me libertou mesmo foi Deus, porque eu não tinha coragem, eu tinha tanto medo daquele homem. Ele chegava em casa bêbado, falava para não fazer barulho. Além de me bater, ele batia também nos meus filhos. Uma vez ele bateu tanto na filha, dos pés até a cabeça, ela estava ficando mocinha e até hoje ela sente dor nos seios. Eu apanhei tanto, tanto daquele homem, mas graças a Deus, hoje estou aqui, consegui criar os meus filhos sozinha, com ajuda de Deus. Uma vez eu corri naquela igreja na praça da Sé com meus filhos para ver se eu conseguia alguma coisa.

Falei até com o padre e ele disse que não podia fazer nada. Meu marido tinha comprado um revólver e disse que ia me matar e ia matar as minhas filhas. E eu tinha que aguentar tudo. Às vezes ele me batia e eu trancava a porta. Tinha 15 dias que eu tinha ganhado minha filha, e ele me batia de chute. E estava com minha barriga aberta. As crianças vão crescendo e vão vendo aquilo ali, tão temeroso. As minhas filhas são saudáveis, mas uma delas teve problema no relacionamento e eu sei que foi por esse problema do meu casamento. Tive que cuidar de duas crianças, minhas netinhas, porque também o marido batia nela. E eu ia com unhas e dentes, dizendo que eu apanhei mas minhas filhas não vou deixar apanhar. A dor é maior quando querem fazer alguma coisa com o filho da gente.

Ele queria matar a minha filha e eu sem saber o que fazer. Estou chorando aqui porque é muita emoção quando a gente passa por esses processos de faca, revólver, chute, tentativas de quebrar os meus dentes. E o pior é que além de fazer tudo isso, a gente aceitar um homem desse na cama, porque se eu não aceitasse ia ser pior. Hoje sou uma mulher que venci. Ele mora aqui perto numa baixada com uma mulher. Quando ele passa perto eu agradeço a Deus, porque estou viva, criei meus filhos e hoje estou aqui, dando risada e contando minha história.

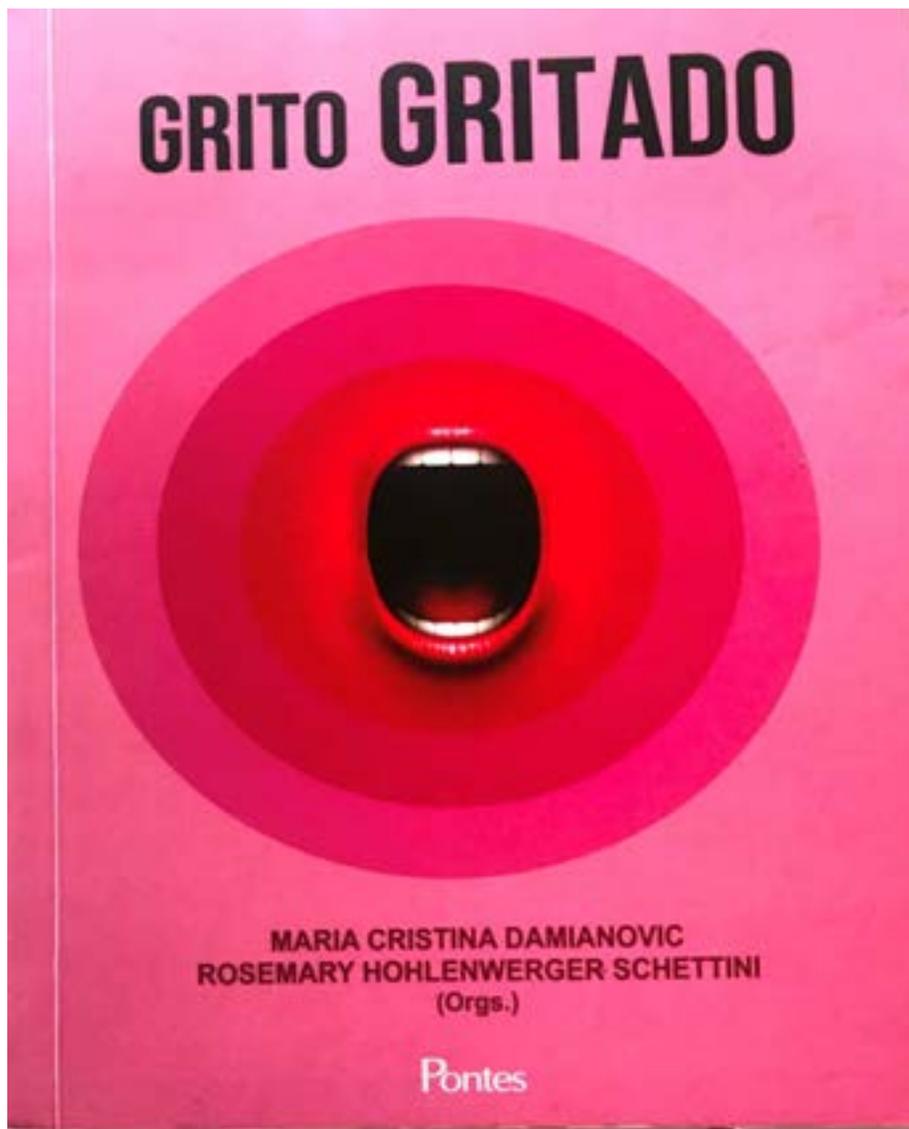
Uma vida sem violência é possível sim.





Hoje eu sou casada pela segunda vez. No meu primeiro casamento, o meu ex-marido usava a religião para que eu não me separasse dele. Falava que separação era coisa do diabo, e não podíamos nos separar. Ele me roubava, me insultava, mentia e fazia tudo isso usando o nome de Deus. Até um dia que ele me chamou de louca e levantou a mão para mim. Só que aí eu fui mais louca que ele. Ele não chegou a me bater, porque quem bateu fui eu. Eu tomei uma atitude. Muitos homens fazem isso de usar a religião para abusar das mulheres. E eu tinha vergonha, não contava para ninguém o que eu estava passando, mesmo doendo muito. Quanto eu decidi me separar, as pessoas diziam para não fazer isso porque ele era tão gentil. É que não viam o que se passava entre quatro paredes, porque a pessoa só vê de fora, não vê o que se passa lá dentro. E quando eu me separei, já tinha deixado a religião. Mas pelos membros da religião eu fui considerada puta, safada, porque eu larguei aquela vida que me fazia mal. Até hoje as pessoas daquela religião não olham na minha cara. Só que hoje eu vivo um casamento feliz, tenho uma vida feliz, meu marido me respeita, faz a parte dele lá em casa, lava, cozinha. Eu tive que dar um basta para ser feliz. Então o que eu recomendo se você está sofrendo, está acontecendo alguma coisa, dê um basta, não importa o que as pessoas vão falar de você, o importante é você ser feliz. Eu dei um basta e hoje eu agradeço a esse basta que eu dei.

Este livro foi deixado de presente em uma das oficinas realizadas, sem a identificação da pessoa. A capa e a contracapa estão aqui reproduzidas. A obra contém discussões de fatos vividos, lidos, testemunhados e/ou ouvidos nas fases de meninas e mulheres, nas oficinas de formação de novas escritoras realizadas para a escrita do livro *Do Silêncio para Fora*.



Não calem a nossa voz!

Maria Luíza Richter Franklin

Menina quer ser badarina
Menina quer ser bombeira
Menina quer ser policial
De onde vem tanto potencial?

Menina nem sempre quer ser princesa
Porque já dizia a minha avó, "beleza não põe mesa"
Menina quer sonhar, estudar, mudar, transformar...
Menina não quer calar, menina quer lutar
Menina quer sorrir, colorir e espalhar sua luz por aí
Menina quer ir além da delicadeza porque menina é, antes de qualquer coisa,
fortaleza

Menina é Maria, Ana, Adriana, Cristina...
Menina é Luíza, Marielle, Joaquina...
Menina é corajosa, é poderosa em verso e prosa
Menina não quer ser mais, menina quer que todos sejam iguais

Menina é feita de sonhos, medos e dores
Menina é um arco-íris de todas as cores, por isso eu lhes peço:
Não tentem calar nossa voz!
Porque ainda que o façam, ela ecoará para sempre em sua mente
É numa só corrente diremos: meninas do Brasil, presente!

Maria Luíza Richter Franklin tem 13 anos e é estudante do 8º ano do Colégio Motivo. Gosta de ler, escrever poesia, tocar piano, cantar e atuar. Já participou de várias peças de teatro e musicais. Sua poesia "Nordeste do meu coração" foi uma das selecionadas para o Festival de Poesia do Colégio Motivo em 2017. Malu, como todas as meninas do Brasil, tem muitos sonhos, mas o maior deles é estudar teatro musical na *Juillard School* em Nova Iorque.



A EQUIPE DE TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO MULHERES PELA PAZ

Dra. Vera Vieira (palestrante), Walkíria Lobo Ferraz (secretária), Margarete Gonçalves e Rodrigo Perini (assistentes)



